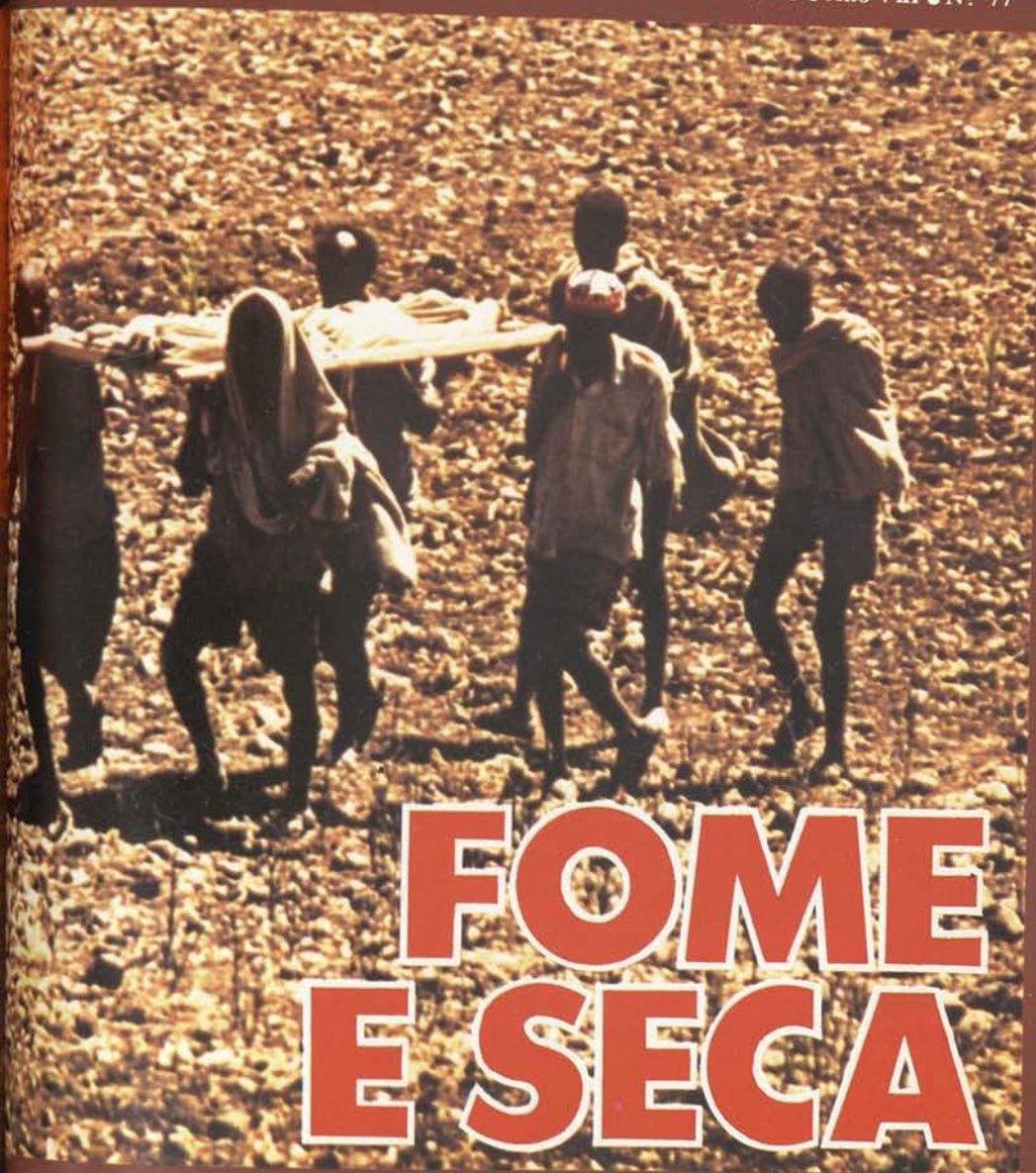


cadernos do

# terceiro mundo

*Presidente Pinto da Costa*  
**EXCLUSIVO**

Mensal • Maio 1985 • Esc. 100 • Kz 65 • Mt 80 • PG 80 • CV 80\$ • Cr\$ 4.000 • Ano VIII • Nº 77



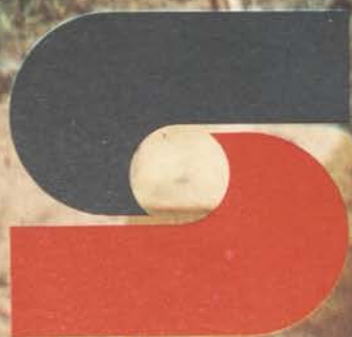
## **FOME E SECA**

**LUTA DESIGUAL DOS SUBDESENVOLVIDOS**



**nosso petróleo  
onde  
é necessário...**

Sociedade Nacional  
de Combustível de Angola



**SONANGOL**

rua duarte pacheco pereira, 8  
c.p. 1316 - Luanda  
telex 3148 3260

## Fome: uma tragédia evitável

Poucos problemas internacionais sintetizam de forma tão clara a dominação do Terceiro Mundo como o da agricultura. Toda a complexa teia de mecanismos espoliativos começa agora a ser divulgada à medida que situações dramáticas de fome provocam perplexidade e choque nos países ricos do Ocidente. Imagens mostradas pela televisão em todo o mundo trouxeram para o dia-a-dia da Europa e dos Estados Unidos um drama silencioso que se desenrola há já algum tempo e vai continuar ainda em regiões do mundo, cujas dificuldades eram ignoradas pela quase totalidade dos bem nutridos habitantes do Primeiro Mundo.

A fome comoveu, mas o grande problema que surge por trás dela é o da agricultura, das secas, da distribuição desigual da comida e da destruição provocada, primeiro, pelas antigas potências coloniais e agora pelas empresas transnacionais. O modelo de produção e distribuição de alimentos imposto pelas nações ricas do Ocidente revela agora a sua face cruel e, pior que isso, indica o que acontecerá no futuro, se nada for feito para mudá-lo. A reportagem de capa deste número mostra porque a fome e a desertificação não surgiram por acaso, mas foram provocados.

Também neste número, artigos sobre a redemocratização no Uruguai e na Argentina, uma entrevista exclusiva com o presidente de São Tomé e Príncipe sobre os dez anos de independência desta ex-colônia portuguesa, e uma reportagem com o ministro dos Negócios Estrangeiros do Afeganistão.

Publicações com informações e análises das realidades, aspirações e lutas dos países emergentes, destinadas a consolidar uma Nova Ordem Informativa Internacional

Director Geral: Neiva Moreira  
Director Geral Adjunto: Pablo Piacentini  
Editora: Beatriz Bissio  
Sub-Editores: Carlos Castilho (África)  
Roberto Remo Bissio (América Latina)

Conselho Editorial Internacional

Darcy Ribeiro  
Juan Somavía  
Henry Pease García  
Aquino de Bragança  
Wilfred Burchett (1911-1983)

Tiragem desta edição: 21.000 exemplares  
Número de registo do Serviço de Depósito Legal: 789/82.

**Coordenador de Produção:**

José Carlos Goodim  
**Redacção permanente:**  
Claudia Neiva, Roberto Bardini, Horacio Castellanos Moya, Baptista da Silva, Carlos Pinto-Santos, Guiomar Belo Marques, Raul Gonçalves, Cristina Canoura, Eduardo Varela  
**Departamento de Arte:**  
Samara (editor), Sonia Freitas, Miguel Efe  
**Centro de Documentação:**  
Lidia Freitas, Eunice H. Senna, Jessie Jane V. de Souza (Brasil), Cristina Assis (Portugal)  
**Composição:**  
Ronald Fonseca

**Colaboradores:** Gregorio Selsler, César Arias Quincot, Cedric Belfrage, Fernando Molina, Mark Fried, Moacir Werneck de Castro, Eduardo Molina y Vedia, Ash Narain Roy, Alberto B. Marantoni, Maluza Stein, Sol Carvalho, José Monserrat Filho, Herbert de Souza, Theotônio dos Santos, Ladislau Dowboj, Luis Maira, Roger Rummell, David Fig, A.W. Singham, Alex Mashinini, Laurine Platsky, Ana Maria Urbina, Ligia Chaves, Francesca Gargallo, Jim Cason, Sam Ramsamy, Grévia Kuncar, Hugo Neves, Otoniel Martínez, Deborah Huttington, Alan Nairn, Rodrigo Jauberth, Ezequiel Dias, Alice Nicolau, João Melo, Mia Couto, Luis Moita, Orlando Senna, Rodolfo de Bonin, Ravindran Casinader, Phill Harris, Abdul Nafey, Francisco C. Gomes, Jorge A. Richards, Claude Alvarez, Carlos Núñez, Pablo Marítez, Mario de Castro, Marcos Arruda, Peter Law, Agostinho Jardim Gonçalves, Nêa Castro, Octavio Tostes, Ricardo Bueno, M. Venugopala Rao, Narinder Kohlia, Nilton Santos

**Correspondentes:**

**Argentina:** Horacio Verbitsky  
Luzalle 1282 - 1er. piso Of. 12 y 14 - Telef: 35-81-94  
**Buenos Aires, Capital Federal**  
**Chile:** Fernando Reyes Matta  
Casilla 16637 - Correo 9 Providencia, Santiago de Chile  
**Ecuador:** José Steindegger  
Apartado 8968, suc. T - Torres de Almagro, Quito  
**Peru:** Rafael Roncagliolo  
Apartado 270031, Lima-27  
**Colômbia:** Guillermo Segovia Mora  
Apartado Aéreo 10465 - Telef: 285-66-14 - Bogotá  
**Nicaragua:** Arqueles Morales  
Apartado 576 - Managua  
**Estados Unidos:** Gino Loftredo  
1648 Newton St. N.Y. Washington D.C. 20010  
**Moçambique:** Ezevaldo Hipólito  
Rua de Pina 109 Sommerchild, Maputo

Circulação em 70 países

cadernos do terceiro mundo utiliza os serviços das seguintes agências: ANGOP (Angola), AIM (Moçambique), INA (Iraque), IPS (InterPress Service), PRESSUR (Uruguai), SALPRESS (El Salvador), SHIHATA (Tanzania), Wafa (Palestina) e o pool de agências dos Países Não-Alinhados. Mantém também intercâmbio editorial com as revistas Africa News (Estados Unidos), Nueva (Ecuador), Novembro (Angola), Tempo (Moçambique), ALTERCOM (Let-México-Chile) e Third World Network (Malásia).

Capa: Abaeté Propaganda  
Foto de capa: ONU

**DISTRIBUIDORES**

ANGOLA: EDIL - Empresa Distribuidora  
Livreira UEE, Avenida Luis de Camões, 111,  
Luanda. BELIZE: Cathedral Book Center,  
Belize City. BOLÍVIA: Tecnolibros S. R. L.,  
Casilla de Correo 20288, La Paz. BRASIL:  
Fernando Chinaglia S. A., rua Teodoro da  
Silva, 907 - Rio de Janeiro. CABO VERDE:  
Instituto Caboverdeano do Livro, rua 5 de  
Julho, Praia. CANADÁ: Third World Books  
and Crafts, 748 Bay St. Ontario, Toronto -  
The Bob Miller Book Room, 180 Bloo St.  
West, Toronto. COLOMBIA: Ediciones Su-  
américa Ltda., Carrera 30 No. 23-13, Bogo-  
tá. COSTA RICA: Semanario Nuevo Pueblo,  
Av. 8 Calles 11 y 13 No. 1157, San José.  
CHILE: Distribuidora Sur, Dardignac 306,  
Santiago. EQUADOR: Edicionesociales, Co-  
dova 601 y Menduburo, Guayaquil - RAYD  
de Publicaciones, Av. Colombia 248, of.  
205, Quito Ed. Jaramillo Arteaga, Tel. 517-  
590, Reg. Sendipex 1258. EL SALVA-  
DOR: Librería Tercer Mundo, Primera Calle  
Poniente 1030, San Salvador - El Quijote,  
Calle Arce 708, San Salvador. ESTADOS  
UNIDOS: Guild News Agency, 1118 W. Ar-  
mitage Ave., Chicago, Illinois - New World  
Resource Center, 1476 W. Irving Pl., Chic-  
go, Illinois - Librería Las Américas, 152  
East 23rd Street, New York, N. Y. 10010 -  
Third World Books, 100 Worcester St., Bos-  
ton, Mass 02118 - Librería del Pueblo,  
2121 St. New Orleans, LA 70130 - Papyrus  
Booksellers, 2915 Broadway at 114th St.,  
New York, N. Y. 10025 - Tom Mooney  
Booksellers, 2595 Folsom Street, San Fran-  
cisco, CA 94110 - Book Center, 518 Valencia  
St., San Francisco, CA - Red and Black,  
4736 University Way, Seattle - Groundwork  
Bookstore, U. C. S. D. Student Center 8-023,  
La Jolla, CA. FRANÇA: Centre des Pays de  
Langue Espagnole et Portugaise, 16 Rue des  
Ecoles, 75005 Paris. GRÁ-BREITANHA: La-  
tin American Book Shop, 29 Islington Park  
Street, London. GUINÉ-BISSAU: Depart-  
amento de Edição-Difusão do Livro e Daos,  
Conselho Nacional da Cultura. HOLANDA:  
Athenaeum Boekhandel, Spui 14-16, Amster-  
dam. HONDURAS: Librería Universitaria  
"José Trinidad Reyes", Universidade Autó-  
noma de Honduras, Tegucigalpa. ITALIA:  
Paesi Nuovi, Piazza de Montecitorio 59/60,  
Roma - Feltrinelli, Via de Babuino, 41 Ro-  
ma - Alma Roma, Piazza P. Paoli, 4A Ro-  
ma - Spagnola, Via Monserrato, 35/6, Roma  
- Uscita, Bianchi Vecchi, 45 Roma. MEXI-  
CO: Unión de Expendedores y Vocadores  
de Periódico, Humbolt No. 47, México 1, D.  
F. - Distribuidora Sayrols de Publicaciones,  
S. A., Mier y Pasado No. 130, México 12,  
D. F. - Librerías México Cultural, Mier y Pa-  
sado No. 128, México 12, D. F. - Metropoli-  
tana de Publicaciones, Librería de Cristal e  
100 librerías em todo o país. MOÇAMBI-  
QUE: Instituto do Livro e do Disco, Av.  
Ho Chi Minh 103, Maputo. NICARAGUA:  
IMELSA, A. P., nº 2705, Managua. NICARÁ-  
GU: PANAMÁ: Librería Cultural Parama,  
S. A., Ave España 16, Panamá. PERU: Di-  
tribuidora Runamarka, Camaná 878, Lima 1.  
PORTO RICO: Librerías La Tertulia, Amalia  
Marín Esq. Ave González, Río Piedras - Pen-  
samiento Crítico, P. O. Box 29918, 85th Inf.  
Station, Río Piedras, P. R. 00929. REPÚ-  
BLICA DOMINICANA: Centro de Estudios  
de la Educación, Juan Sánchez Ramírez 41,  
Santo Domingo - DESVIGNE, S. A., Ave  
Bolívar 354, Santo Domingo. REPÚBLICA  
FEDERAL DA ALEMANHA: Con. Medien  
und Vertrieb GmbH, Osterstr. 36, 2800 Bremen.  
S. TOMÉ E PRÍNCIPE: Ministério de  
Informação e Cultura Popular. SUECIA:  
Wenngren-Williams AB, S-10425, Stock-  
holm. VENEZUELA: Publicaciones España-  
las, S. A., Ave. México Lechosa a Pte. Brion,  
Caracas.

PORTUGAL: CDL, Central Distribuidora Li-  
vreira, Av. Santos Dumont, 57, 1000-Lisboa.

**Cartas**

**Panorama Tricontinental**

**Editorial** — *A arma do comércio norte-americano aponta contra o Terceiro Mundo*

**Materia de Capa** — *A fome de muitos e a comida de poucos, Carlos Castilho*

**A corrida contra o tempo**  
**Africa, o ônus mais pesado da crise**  
**As transnacionais dizem o que vai ser produzido e comido**  
**Tanzania/Moçambique: Duas experiências socializantes com camponeses**  
**Cabo Verde: Construir um país, gota a gota, pedra a pedra, Carlos Pinto Santos**

**África**

**S. Tomé e Príncipe: Dez anos após a independência, entrevista com o presidente Pinto da Costa, Baptista da Silva**  
**Sudão: Um futuro ainda incerto**

**América Latina**

**Uruguai: Os primeiros meses de Sanguinetti, Carlos Nuñez**  
**Argentina: Impugnação da Doutrina de Segurança Nacional, Horacio Verbitsky**  
**El Salvador: Balanço militar, Horacio Castellanos Moya**  
**Paraguai: Grave crise econômica**

**Médio Oriente**

**Líbano: O diálogo impossível, entrevista com o ministro Walid Jumblatt, Alberto B. Mariani**

**Ásia**

**Afganistão: "Somos e seremos sempre não-alinhados", entrevista com o ministro Mohammed Dost, José Monserrat Filho**

**Comunicação**

**PARANÁ: Conclusões do Conselho Intergovernamental**

**Notas**

**Cultura**

**"Carto para destruir o egoísmo", Guiomar Belo Marques**

**Notas**

**Livros do Terceiro Mundo**

**Norte/Sul**

**Atrevidas contra os novos industriais petrolíferos, Pablo Piacentini**  
**A luta dos ecologistas europeus, Francisco C. Gomes**

**Economia**

**Monopólio mundial do comércio de arroz, Mario de Cautin**

**Notas**

**Humor**



O presidente Pinto da Costa



As milícias drusas



Manifestação dos Verdes alemães-federais

- **BENGUELA**  
Livraria 10 de Fevereiro
- **BIÉ**  
Livraria 11 de Fevereiro
- **CABINDA**  
Livraria Lunda  
Quiosque Maiombá
- **CALULO**  
Livraria 17 de Setembro
- **DONDO**  
Livraria 2 de Março
- **GANDA**  
Livraria 1.ª de Maio
- **HUAMBO**  
Livraria 8 de Fevereiro  
Quiosque Albano Machado
- **HUILA**  
Livraria 27 de Março
- **K. KUBANGO**  
Livraria Kilamba
- **KUANZA-NORTE**  
Livraria 10 de Dezembro
- **KUANZA-SUL**  
Livraria Anibal de Melo
- **LOBITO**  
Livraria 11 de Novembro
- **LUANDA**  
Casa da Venda  
Armazém Venda Grosso  
Quiosque 4 de Fevereiro  
Livraria Centro do Livro  
Livraria Augusto N'Gangula  
Livraria 4 de Fevereiro
- **LUNDA-NORTE**  
Posto de Venda
- **LUNDA-SUL**  
Livraria Deolinda Rodrigues
- **MALANGE**  
Livraria 1.ª de Agosto  
Quiosque N'Dongo
- **MOXICO**  
Livraria 14 de Fevereiro
- **NAMIBE**  
Livraria Lutulma
- **NEGAGE**  
Livraria Saily Mingas
- **SOYO**  
Livraria Lundogi
- **UÍGE**  
Livraria 10 de Dezembro
- **ZAIRE**  
Livraria Sagrada Esperança

**LEVAR:  
INFORMAÇÃO  
CULTURA  
CIÊNCIA  
FORMAÇÃO**



são as tarefas da EDIL



Distribuindo jornais, revistas e livros, bem como material didático e escolar, a EDIL contribui para a formação cultural do povo de Angola. A EDIL é a distribuidora exclusiva de cadernos do terceiro mundo para todo o território angolano.

**EDIL** Empresa Distribuidora Livreira  
Caixa Postal 1245 - Rua da Missão, n.º 107/111  
Luanda - República Popular de Angola

arta do Mês

### Cartas contra a prisão do Líbano

A guerra no Líbano prossegue e as autoridades continuam a recusar-se a prestar serviço no Líbano. O exército utiliza cada vez mais as reconhecidas.

A medida que a guerra prossegue, os danos cada vez mais vastos da população mostram-se dispostos a lutar ou a aceitar o direito de objecção de consciência. A publicação oficial da IDF — *Bamachane* admitiu que 17% daqueles que acabaram de ser chamados para o serviço militar não aceitam a objecção de consciência para prestarem serviço no Líbano.

Em vista disto, as autoridades militares tentam refrear a oposição à guerra e prevenir as recusas de prestação de serviço no Líbano, intensificando a severidade dos castigos.

Solicitamos o vosso apoio, especialmente no que se refere ao caso de Max Bloch, de Telavive. Max está prisioneiro a cumprir a sua terceira sentença numa prisão militar.

Max Bloch (46 anos) nasceu no Líbano. O seu pai foi morto num campo de concentração nazi. Max chegou a Israel em 1949, é licenciado em Física e trabalha como programador de computadores. Casado, tem um filho a servir no IDF e uma filha de oito anos.

Numa reunião da *Yesh Gvul*, em Telavive, depois do seu segundo período na prisão, Max declarou:

"A princípio não estava implicado no que estava a acontecer em Israel. Acompanhei os outros. Parecia haver ataques terroristas na fronteira norte de Israel. No primeiro período da guerra, fui mobilizado e prisioneiro como sempre faço. Mais tarde começaram a surgir notícias acerca das nossas acções no Líbano: bombardeamento de civis, interrogatórios, torturas, e concentração de civis em campos. Senti-me relutante em participar em tais acções e comecei a interessar-me pelas causas que conduzi à esta guerra. Compreendi que contrariamente a outras guerras em que havia uma verdadeira ameaça aos países vizinhos, não havia qualquer ameaça desta vez (embora eu esteja em causa, hoje em dia, toda a

nossa política desde 1948). Era uma guerra planeada por Sharon e outros que estão ansiosos por levar a efeito toda a espécie de acções militares.

Fui julgado pela primeira vez em Agosto deste ano e condenado a 14 dias de prisão. A segunda vez foi em fins de Outubro com uma condenação de 28 dias de prisão. Um oficial procurou convencer-me a não me recusar a ir para o Líbano: "para quê meter-se em sarilhos, você irá para a prisão vezes e vezes sem conta. No exército, tem de cumprir-se as ordens. Que aconteceria se todos se recusassem a ir?", dizia-me. Respondi-lhe que, se tal acontecesse, isso seria benéfico para todo o país. A prisão em si é uma coisa terrível, priva-nos da liberdade. A prisão salienta e agudiza o problema da minha fé na sociedade em que eu vivo. Esta acção equivale a uma declaração de que esta pessoa não participa nas sociedades em que vive. No entanto, com a vida de todos os dias na prisão, posso declarar de que tenho inteira confiança naquilo que fiz. Hoje, somos os opressores e desse modo a primeira coisa que temos a fazer é manifestar a nossa vontade de vivermos em paz com os palestinos e deixarmos de tratar o assunto através do uso da força. Temos de reconhecer o direito nacional dos palestinos à independência."

Em 29 de Novembro de 1984, Max foi mandado para a prisão, pela terceira vez. Existe o perigo real das autoridades militares continuarem a incomodá-lo.

Pedimo-vos, portanto, para fazerem tudo o que puderem em prol da sua libertação. O que vos propomos são acções como contactar a embaixada israelita da sua região, enviar petições ao embaixador israelita no seu país, bem como às delegações israelitas nas Nações Unidas, ao primeiro-ministro israelita a/c do *Knesset*, ao ministro da Defesa israelita. Atribuímos também uma importância especial a que se faça chegar esta informação à comunicação social, local e israelita.

Solidariedade, *Yesh Gvul*, Caixa Postal 4172, Telavive, Israel.

P. S. Pouco antes de lhe enviar esta carta, fomos informados de que Eli Gozanski, de 22 anos, foi condenado a 14 dias de prisão. É esta a sua quarta condenação a prisão. Um outro reservista, U. K. de Jerusalém, foi condenado a 14 dias.

### Comité argentino contra o "apartheid"

Formei, junto com outros companheiros, o Comité Argentino Latino-Americano contra o *Apartheid*. Através dele dedicamo-nos a informar sobre o "maldito sistema" chamado *apartheid* na República Argentina, tão desinformada da realidade do nosso sofrido Terceiro Mundo; além disso, denunciámos as violações da República Argentina às Resoluções das Nações Unidas.

O Comité pretende lançar este ano um abaixo-assinado pela liberdade incondicional de Nelson Mandela, que se manterá nos próximos anos até que consigamos este objectivo.

Juan C. Pinedo Zelaya — Maipú, 484, 1º piso (1000) — Buenos Aires — Argentina.

### Leitora pessimista

(...) O nosso desejo é que no menor espaço de tempo possível os países dependentes do Terceiro Mundo se tornem livres e soberanos, como já ocorre em alguns casos (à custa de muito sofrimento e sacrifício). Considero, entretanto, quase que totalmente improvável qualquer mudança nesse sentido para os países da América do Sul. Justifico a minha afirmação com o exemplo da própria história deste continente. Sempre, quando houver alguma esperança trazida por regimes realmente populares, que assumiram o poder devido às suas posturas progressistas e contrárias aos interesses das oligarquias dominantes, desencadearam-se golpes militares, autoritários, de efeito "dominó". Algumas das ditaduras nascidas desses golpes persistem até hoje (como no Chile e Paraguai).

No momento, ventos democráticos sopram na América Latina. Mas as mudanças que têm ocorrido resumem-se, normalmente, na troca de ditaduras militares por oligarquias civis (o que se pode dizer da Aliança Democrática, no Brasil? José Sarney, ex-presidente do partido do governo, torna-se vice-presidente do Brasil!)

(...) Acho que devemos aproveitar este ciclo democrático para procurar consciencializar os povos da sua real importância neste processo, senão poderemos viver um novo ciclo de ditaduras *Made in USA*. Será que estou muito pessimista?

Alvaro R. de Oliveira — Rio Claro — SP — Brasil.

terceiro mundo - 5

## Cartas

### Grupo de estudo

Há algum tempo que leio, assiduamente, as vossas publicações mensais de *cadernos*, mesmo que tenha que procurar em grandes centros, visto residirmos num pequeno município, onde as bancas não os vendem. Sentimo-nos profundamente agradecidos por encontrarmos, ainda, neste país, gente que procura escrever e noticiar honesta e imparcialmente e, sobretudo, está empenhada na dura tentativa de difundir e alertar para a cultura terceiro-mundista.

Formamos na nossa cidade um grupo de 15 pessoas que tentará reunir-se a fim de ler e discutir, em comissões, as reportagens de *cadernos*.

*Luiz Alvaro Simão — Sombrio — SC, Brasil.*

### A Teologia da Libertação

(...) Como educador, tenho recorrido sistematicamente às reportagens de *cadernos* — importantes contributos, sem dúvida, para a promoção de debates e reflexões nas aulas. Essa tarefa contribui muito para o despertar de uma consciência crítica entre educandos — trabalho prioritário de todos quanto levam a sério a educação. A última reportagem que utilizei como material pedagógico foi sobre a política da Igreja na Nicarágua (nº 69). A propósito, gostaria de sugerir

que *cadernos* fizesse uma matéria sobre a Teologia da Libertação, com destaque para o teólogo brasileiro Leonardo Boff, recentemente interrogado perante a Sagrada Congregação para a Doutrina da Fé (ex-Santo Ofício), simplesmente por ser um pastor que se coloca ao lado dos pobres e marginalizados e se posiciona contra todos os mecanismos económicos e políticos geradores de tal pobreza e marginalização.

*Gesmer M. Ribeiro — Vila Diva — SP, Brasil.*

*N. d. r.: Sobre esse tema, publicamos uma longa matéria no nº 71, onde abordamos também, especificamente, o caso Boff.*

### Intercâmbio

- *Paulino José Salvador "Lino"*  
C. P. 509 — Luanda — Angola
- *Rosana Makiko Abo*  
Av. Gabriel do Lara, 1186  
Paranaguá — Paraná — C. P. 228  
CEP: 83200 — Brasil
- *Bartolomeu Santos*  
C. P. 18455 — Luanda — Angola
- *Fernando Eduardo M. Rodrigues*  
C. P. 23084 — Rio de Janeiro — RJ  
CEP: 20922 — Brasil
- *Antônio Henrique Bua*  
Rua do Ribatejo, casa 186 — Bairro Terra Nova — Luanda — Angola
- *Milton Lucas da Silva*  
Posse Muller — Victor Graeff — RS  
CEP: 99350 — Brasil
- *Luís Paulo Maria*  
C. P. 1665 — Praça do Pioneiro  
Benguela — Angola
- *Geraldo José Volpão*  
C. P. 223 — Paranaguá — PR  
CEP: 83200 — Brasil
- *Armando Mendoza*  
C. P. 57 — Apan, Hgo. — CEP: 43900  
México
- *João Alberto Antônio*  
Rua 41, casa 52 — Bairro Kassekel  
Luanda — Angola
- *Oswaldo de Souza*  
Av. São Luís, 258 — LJ 15  
São Paulo — Brasil
- *Constantino Domingos João*  
C. P. 18515 — Luanda — Angola
- *João Fábio Stuque*  
R. Sergipe, 145 — Bairro Brasil — Itu  
São Paulo — CEP: 13300 — Brasil

- *Francisco João Tomé da Costa*  
Zona 18, casa 36 — I — C. P. 796  
Luanda — Angola
- *Daniela Assumpção Dorin*  
Rua Sorocaba, 175 — Itu — São  
Paulo — CEP: 13300 — Brasil
- *Miguel Pedro Antônio*  
a/c de Gaby — C. P. 245 — Cabinda  
Angola
- *Marcos da Silva*  
Rua Omílio Monteiro Soares, 847  
Vila Fany — Curitiba — Paraná  
CEP: 80000 — Brasil
- *René Angelo Sadi*  
C. P. 3952 — Luanda — Angola
- *Alberto Bezerra*  
Sítio Peregrina — Camocim de  
S. Félix — Pernambuco  
CEP: 55665 — Brasil
- *Ana Maria*  
C. P. 12428 — Maianga — Luanda  
Angola
- *Adlei Cristian C. Pereira*  
Rua Cel. Cavaleiros, 340/2 — Sorocaba  
São Paulo — CEP: 18100 — Brasil
- *Adelino N'difa*  
Rua Mário de Andrade — Zona  
Comercial — Apartado 1411  
Lobito — Angola
- *Fernando Wilson Alves*  
Rua R-6, 134 — S. Oeste  
CEP: 74000 — Goiânia — Goiás  
Brasil
- *Miguel Mateus B. Pedro*  
C. P. 6558 — Luanda — Angola
- *Prof. Bartolomeo Funghetti*  
C. P. 36 — S. Francisco de Paula  
RS — CEP: 95400 — Brasil
- *José Eduardo E. "Edú"*  
C. P. 140 — E. N. A. M CTTE-Bula  
Negage — Angola
- *Antônio Miguel Pedro "Mingle"*  
C. P. 18143 — Luanda — Angola

- *Plácido João Francisco de Almeida*  
Posta Restante da PRECOL CTT  
Luanda — Angola
- *Fernando Alves*  
Rua Conde da Ericeira, 3 — 1º Esq.  
Covilhão — CEP: 6200 — Portugal
- *Mateus Domingos*  
Bairro Militar, Bloco 29, casa 2  
C. P. 12218 — Luanda — Angola
- *Gonçalves José Faustino*  
a/c João Manuel João  
Clube Ferroviário da Beira  
C. P. 600 — C. F. M — Centro — Beira  
Moçambique
- *Paulo Cesar Honorato*  
Rua Senador Vergueiro, 98/apto.  
COB. 02 — Flamengo — Rio de  
Janeiro — RJ — Brasil
- *João de Brito Pires*  
Rua Bento Banha Cardoso, 25  
Luanda — Angola
- *Eduardo José Gomes Pimentel*  
R. Jerusalém, 190 — B. Gíbria — Belo  
Horizonte — Minas Gerais — MG  
CEP: 30000 — Brasil
- *Kamalandua Ferdinand*  
C. P. 2431 — Luanda — Angola
- *Manuel Isabel Antônio*  
C. P. 12275 — Bairro Azul — Zona L  
Rua Joaquim Rodrigues da Graça  
Luanda — Angola
- *Oscar Luís Rebello Cardoso*  
C. P. 89 — Benguela — Angola
- *Luís Pereira Moura*  
a/c Luis Afonso Quintino, C. P. 100  
Benguela — Angola
- *Sebastião Antônio dos Santos*  
C. P. 6558 — Luanda — Angola
- *Leopoldina Rodrigues Buarque*  
C. P. 18410 — Vila Alice — Luanda  
Angola
- *Henrique José Nunes da Mata*  
C. P. 5950 — Luanda — Angola



### Brasil sem Tancredo Neves

No dia 25 de Abril de 1984, um facto determinou uma mudança de rumo significativa no processo político do Brasil: uma escassa margem de votos era derrotada no Congresso emenda constitucional que teria restabelecido a eleição presidencial por voto universal e secreto, uma reivindicação da esmagadora maioria dos brasileiros, que para defendê-la ocuparam as ruas nas mais importantes manifestações públicas da história do país.

Diante da impossibilidade de dar fim à ditadura através de uma consulta popular nas urnas, surgiu-se a figura de Tancredo Neves — na altura governador do Estado de Minas Gerais — como o líder que pela sua trajectória e experiência reunia o maior consenso político para conduzir o difícil processo de transição democrática.

Vitorioso no Colégio Eleitoral, Tancredo Neves não chegou a assumir a presidência. A faixa presidencial que não pode usar na vida, por decisão das autoridades, acompanha-lo-á na morte, e foi sepultado com ela. Tancredo não está mais entre os braços e a "Nova República" que ele idealizou como símbolo de mudanças políticas e institucionais que promoveria a partir da Presidência, perde sem ele a sua viabilidade. Os brasileiros foram às ruas para chorar a morte do presidente, no qual depositaram tantas esperanças, sentindo que o futuro do país é incerto.

A unanimidade que sustentou a candidatura de Tancredo Neves não poderá ser repetida facilmente. Existe um consenso no sentido de que só um elevado espírito público e actos de despreendimento e de coragem cívica por parte do presidente José Sarney e da sua equipa minist-

rial poderão dar uma resposta à altura do desafio que vive o país nestas horas cruciais.

Se isso não acontecer, terão de assumir perante a história a responsabilidade de haver provocado a frustração popular, com todas as suas incontroláveis consequências.



Tancredo Neves (na foto, ao centro, num dos comícios da campanha popular pelas "Directas-Já") projectou-se como o líder que podia conduzir o país na transição democrática. Com a sua morte, o futuro é incerto



## África do Sul: crise económica agudiza repressão

As reservas de ouro sul-africanas diminuíram em três anos para 7 milhões de onças



□ O novo orçamento aprovado pelo parlamento sul-africano, vai piorar ainda mais as condições de vida da população negra. Num montante de 15.500 milhões de dólares, o orçamento aprovado prevê a introdução de medidas de austeridade não abrangendo, no entanto, as elevadíssimas despesas militares. Estabelece-se o aumento dos preços de alguns produtos de grande consumo popular e dos impostos. As medidas foram anuncia-

das no dia em que mais de 300 mil pessoas aderiam a uma greve de protesto, permanecendo em casa.

Entretanto, segundo o Centro de Pesquisas Africanas da Universidade Eduardo Mondlane, em Maputo, as reservas de ouro da África do Sul diminuíram de 12 milhões de onças para 7 milhões, em três anos de recessão económica. A taxa de inflação atingiu os 14% nos finais do ano passado e o endividamento ex-

terno os 13 mil milhões de dólares contra 6 mil milhões em 1981.

Segundo dados oficiais, registaram-se ao longo do último ano mais de 469 greves de operários com destaque para o sector mineiro, nas quais participaram cerca de 182 mil trabalhadores. Por outro lado, a cada dois minutos, foi detido um negro por alegada "violação da lei do passa", ou seja, um total de mais de 150 mil negros, correspondendo este número a 135 mil homens e a 28 mil mulheres, aproximadamente.

Segundo o jornal *Sunday Express*, uma das medidas já adoptadas pelo regime racista da África do Sul para evitar o êxodo de milhares de negros que fogem da repressão, é a construção de muros ao longo das fronteiras do norte do país. Estas vedações já conhecidas por "Muros da Morte" têm cerca de um metro de altura, e espessos rolos de arame farpado ligados à corrente eléctrica de alta tensão. A morte dos primeiros negros que tentaram cruzá-la já foi noticiada pelas autoridades sul-africanas que têm justificado este muro alegando a necessidade de evitar a penetração em território da África do Sul de "animais domésticos doentes e de negros residentes nos países vizinhos".

### África: novas bases militares norte-americanas

As bases para as forças de intervenção rápida dos Estados Unidos em Oman, Somália e Quênia, cuja construção teve início em 1981, estão praticamente prontas, segundo informou o brigadeiro Watts do Ministério da Defesa norte-americano, em Washington.

Ainda este ano as bases no Quênia e na Somália devem estar em condições operacionais. Para 1986 está prevista a

conclusão das bases em Oman, às quais os Estados Unidos dão importância estratégica especial. A construção das bases custou até agora 462 milhões de dólares, disse Watts.

### Israel e África do Sul assinaram acordo secreto

Mais um acordo secreto sobre cooperação científica e tecnológica teria sido recentemente assinado entre Israel e a África do Sul, segundo revelou o semanário londrino

*Jane's Defence Weekly*, especializado em assuntos militares. O acordo teria sido celebrado durante a visita de uma delegação sul-africana a Israel, que demonstrou disponibilidade para a promoção de projectos militares comuns dotados de elevado grau tecnológico. A citada revista afirma ainda que, já em 1976, a África do Sul assinara um convénio com Israel em que estabelecia a troca de informações nos campos científico e tecnológico.

## Sri Lanka: agrava-se o problema tamil

A rebelião da minoria tamil do Sri Lanka alcançou proporções dramáticas nas últimas semanas, gerando um clima de insegurança em todo o país. Segundo Savumiamorthy Thondaman, líder dos plantadores de chá radicados no Sri Lanka e membro destacado do governo de Colombo, ele próprio um tamil, exortou a Índia e membros do resto da equipa governamental cingalesa a actuar com presteza para pôr fim ao conflito que está a arrasar esta ilha do Oceano Índico.

Os tamis, reivindicam do governo encabeçado por Junius Jaywardene a autonomia administrativa e, no caso dos grupos mais extremistas, o separatismo total com a proclamação de um Estado independente. As acções de guerrilha tamil (grupo étnico que chegou ao Sri Lanka vindo da Índia, onde há uma importante comunidade) tiveram o seu auge em Julho de 1983, quando cerca de 40 mil tamis fugiram do Sri Lanka através do apertado estreito de Palk, que separa a ilha do Sri Lanka da Índia, fugindo das represálias governamentais. Desde então o número de refugiados tamis não deixou de aumentar. Todos eles

concentram-se no estado de Tamil Nadu, no sul da Índia, onde vive a maior parte dos tamis indianos. Segundo declarações do primeiro-ministro Rajiv Gandhi, no decorrer do mês de Março chegaram ao país mais de 11 mil refugiados tamis provenientes das províncias do norte do Sri Lanka.

"A situação em Tami Nadu está muito tensa. O povo está inquieto e exige medidas urgentes para solucionar o problema dos tamis cingaleses", afirmou após o seu regresso de uma visita à Índia,



Os tamis reivindicam a autonomia administrativa ou, os mais radicais, o separatismo total do governo central de Colombo

dia, Savumiamorthy Thondaman. Segundo ele, "mais de dez colégios tamis de Tamil Nadu suspenderam as suas actividades por causa das agitações estudantis que reclamam a intervenção do governo de Nova Déli no conflito tamil do Sri Lanka". Os jornais dessa província indiana dedicaram grande espaço aos choques entre tamis e tropas governamentais com títulos sensacionalistas como "Genocídio", "Massacre", "Brutalidade".

Segundo notícias veiculadas por órgãos da imprensa cingalesa, no início de Abril o governo de Nova Déli reforçou o patrulhamento do estreito de Palk com novas lanchas para dificultar o fluxo de guerrilheiros tamis para a Índia.

## Guiné-Bissau fotografada do céu

A Força Aérea da Guiné-Bissau, em colaboração com a sua congénere portuguesa (FAP), vai proceder ao levantamento fotográfico de todo o território guineense. A fotografia aérea do território nacional guineense permitirá a posterior feitura de uma cartografia actualizada do país. O avanço do mar em

certas bacias hidrográficas, a seca do Sahel com efeitos já devastadores no nordeste do território e o assoreamento existente em certos leitos e pontos da costa explicam a necessidade do empreendimento.

A colaboração da Força Aérea Portuguesa é realizada ao abrigo dos acordos de cooperação entre os dois países, estando o custo desta operação orçado em cerca de

40 mil contos. Os voos para levantamento cartográfico, cujo início esteve marcado para o final do mês de Janeiro, foram adiados temporariamente aguardando o desbloqueamento dos 40 mil contos necessários à cooperação da FAP. Pensa-se que a maior parte desta verba sairá do orçamento do Estado português destinado à cooperação com os países africanos de expressão oficial portuguesa.

## África do Sul: aumentaram investimentos directos

Os investimentos directos na África do Sul "aumentaram significativamente nos últimos anos", especialmente devido à decisão tomada por empresas transnacionais da Grã-Bretanha e da Alemanha Federal, segundo um recente relatório da Organização das Nações Unidas (ONU).

A decisão de operar na África do Sul aumentou os investimentos neste país, em 1983, das companhias britânicas em 15%, e os da RFA em 32% em relação ao ano anterior.

Ao mesmo tempo, houve uma queda nos investimentos dos Estados Unidos na África do Sul, de 2500 milhões de dólares para 2300 milhões no mesmo

período, segundo o estudo divulgado em Nova Iorque.

O relatório sobre "As actividades das companhias transnacionais na África do Sul e Namíbia" foi preparado para uma reunião da Comissão sobre Companhias Transnacionais, realizada de 10 a 19 de Abril. A comissão é um organismo intergovernamental formado por representantes de 49 países.

O relatório contém detalhes sobre a economia sul-africana em 1982 e o seu desenvolvimento em 1983 e 1984, tendo em conta os esforços feitos por grupos sindicais, legislativos, eclesiásticos e universitários para "desestimular" os investimentos na

África do Sul, em protesto contra a política racista do regime de P. W. Botha.

Entre as empresas britânicas que continuaram a operar na África do Sul durante 1983 e 1984 estavam a *Reckitt and Co* e a *Mercedes Benz*, a *BMW* e a *Daimler Benz*, todas fabricantes de automóveis. O relatório fornece a lista de 1068 companhias estrangeiras que operam na África do Sul. Cerca de 250 investem em metais e maquinaria, 160 na indústria química, 75 na electrónica e 81 em serviços bancários e financeiros.

Outros países que investem na África do Sul são a Austrália, Canadá, França, Holanda, Suécia e Suíça. Um recente relatório do "Comité Nacional para a África" revelou que no final de 1984 foi introduzida legislação destinada ao "desinvestimento" na África do Sul em cinco estados e 20 cidades dos Estados Unidos.

# V. MORENO & HELDER, LDA.

IMPORTAÇÃO — EXPORTAÇÃO

PRODUTOS ALIMENTARES

Cereais — Legumes — Cafés — Especiarias

Beco dos Toucinheiros n.º 1 P 15-2º  
XABREGAS 1900 LISBOA - PORTUGAL

APARTADO 2367 - 1109 LISBOA CODEX  
Telefs. 840961 / 847232 / 837124  
Telex. 12209 Celeir P  
Endereço Telegráfico - CELEIRO

## ACONTECEU...

### AMÉRICA LATINA

● **Chile:** Foram libertados 39 pessoas que estavam detidas no campo de prisioneiros de Pisagua, desde que o estado de sítio foi implantado a 7 de Novembro passado. Outras 269 ainda permanecem detidas, acusadas de "extremistas" pelo regime de Pinochet.

● **Argentina:** O Senado aprovou o "Tratado de Paz e Amizade" com o Chile, que estabelece os limites no canal de Beagle. Tal acordo já contava com o voto favorável da Câmara de Deputados. Há três meses, 80% dos argentinos tinham-se pronunciado favoravelmente ao acordo num plebiscito.



As ilhas de Beagle

● **Porto Rico:** O secretário-geral do Partido Socialista, Carlos Galliza, reuniu-se em Havana com o vice-presidente cubano Carlos Rafael Rodríguez. Ambos analisaram a situação interna de Porto Rico e a crescente militarização da ilha por parte dos Estados Unidos, que consideraram "um facto preocupante".

● **Venezuela:** O enviado especial do secretário-geral da ONU, Diego Cordovez, manteve contactos com o presi-

dente Jaime Lusinchi sobre a questão fronteiriça com a Guiana pela soberania da zona do Esequibo. Cordovez chegou a Caracas, procedente de Georgetown.

### ÁFRICA

● **Tanzania:** O presidente Julius Nyerere visitou o Cairo, onde se encontrou com o presidente egípcio Hosni Mubarak. Os dois mandatários analisaram a situação no Médio Oriente e na África Austral. Nyerere, na qualidade de titular em exercício da Organização da Unidade Africana (OUA), realiza uma missão a pedido dos seis países da "Linha da Frente" para exortar os governos do mundo a pressionarem a África do Sul a cumprir o Acordo de Nkomati.



Hosni Mubarak

### ÁSIA

● **Bangladesh:** O presidente Hussein Mohamed Ershad, que governa o país sob lei marcial desde 1982, prometeu uma transição para a democracia e a convocação de eleições para "quando os partidos estiverem prontos".

● **Índia:** O primeiro-ministro Rajiv Gandhi reafirmou o pleno apoio do seu país à independência da Namíbia, depois da reunião que teve com Sam Nujoma, presidente da Organização do Povo do Sudoeste Africano (SWAPO), que chegou à Índia para preparar a reunião do Gabinete de Coordenação do Movimento dos Países Não-Alinhados.



Sam Nujoma

### MÉDIO ORIENTE

● **Síria:** Uma representação de alto nível da Síria, Argélia, Yemen do Sul e Líbia concordaram em realizar uma cimeira para discutir a situação da região em geral e as iniciativas actualmente em curso "no quadro das estratégias hostis à nação árabe".

● **Tunísia:** A Liga Árabe no seu 40º aniversário difundiu um documento que realça a importância da unidade de acção dos países árabes e pediu que se adoptem medidas convergentes no que referiu como "a luta contra os sionistas e o problema libanês".

# INFORMAÇÃO COM MUITO CARINHO

*Quem faz da imagem e dos sons  
um instrumento para a promoção  
do desenvolvimento, da educação,  
do progresso, da paz, da Justiça,  
e do bem estar social, sabe  
que carinho é fundamental  
para se atingir qualidade  
beleza e eficiência.*



**KANEMO PRODUÇÃO E COMUNICAÇÃO, LDA.  
TRABALHO COM MUITO CARINHO!**

Filmes, audio-visuais, reportagens, fotografia  
e trabalhos de produção  
Av. Patrice Lumumba, n.º 577 — Maputo — Moçambique  
Tel. 28615-22413 — Cx. Postal 4645

## Israel: austeridade sem precedentes

O ano em curso será para os israelitas, o segundo ano de agravamento profundo da crise económica e social que atravessa o país. Esta conclusão extrai-se de modo explícito da leitura do Orçamento Geral do Estado recentemente aprovado pelo *Knesset*, o parlamento israelita.

Com a maior dívida externa *per capita* mundial, Israel terá em 1985/1986, uma baixa de nível de vida estimada no orçamento em 7,5%. Por seu turno, a *histadrouth*, a central sindical, calcula que o poder de compra da população diminuiu 21% entre Novembro de 1984 e Abril de 1985. Durante este período, o salário mínimo passou de 593 para 469 dólares, enquanto o desemprego atinge actualmente 6,9% da população activa. O aumento de procura de emprego é de 35%.

Segundo estipula o orçamento (avaliado em cerca de 23 mil

milhões de dólares) os serviços sociais serão atingidos por uma austeridade sem precedentes, onde as verbas para os hospitais registarão um corte de 24% relativamente ao ano anterior. Isto num país onde o consumo medicamentoso é o mais elevado do globo. No item orçamental das subvenções concedidas pelo Estado aos produtos de primeira necessidade (alguns alimentos, transportes públicos, água, etc.) regista-se uma redução de 350 milhões de dólares.

O aumento do custo de vida tem alargado o sector populacional classificado de "novos pobres" que de acordo com as estatísticas dos seguros sociais atingiam em 1983, 350 mil israelitas, ou seja, mais de um habitante em sete. O nível de pobreza está fixado em cerca de 350 dólares de rendimento anual para uma família de quatro pessoas.

## Bispos latino-americanos: "não pagar a dívida externa com a fome"

O pagamento da enorme dívida externa da América Latina não pode ser feito sob condições que impliquem fome e sofrimento para o povo, afirma uma declaração dos bispos da região, no encerramento de uma conferência do Conselho Episcopal Latino-Americano (CELAM), reunido em San José, Costa Rica.

O documento divulgado pelo Episcopado adverte sobre a progressiva deterioração da economia regional, numa época em que os países latino-americanos enfrentam uma dívida externa calculada em 360 mil milhões de

dólares, que os obriga a destinar quase 50% das suas exportações ao serviço da mesma.

O CELAM realçou o facto de persistirem as injustiças económicas, o fosso cada vez maior entre ricos e pobres, que incrementa a imoralidade pública e privada. Nesse sentido, aos bispos do continente, é-lhes "dolorosa a persistência, em diversos lugares, da realidade cruel da violência armada e da repressão desenfreada, com os tristes saldos de mortes e ódios, destruição de famílias e bens e a multiplicação dos refugiados, fugitivos e desaparecidos".

## Prisioneiros palestinos denunciam assassinios

Numa mensagem endereçada às Nações Unidas, Cruz Vermelha, Liga Árabe e outras organizações internacionais, prisioneiros palestinos encarcerados nas prisões de Askelon e Al-Juneida, localizadas em territórios ocupados, denunciaram, uma vez mais, as condições de detenção a que são sujeitos. Na mensagem saída clandestinamente das prisões, é referido que cerca de 500 palestinos estão privados de assistência médica e vítimas de maus tratos e torturas exercidas pelos carcereiros israelitas.

No apelo às organizações internacionais, os prisioneiros palestinos afirmam que os assassinios dos seus companheiros têm aumentado nos últimos tempos, sucedendo-se no interior dos cárceres greves de fome de protesto que as autoridades israelitas procuram evitar todos os meios esconder a opinião pública internacional.

## Índia ajuda Quênia

A Índia vai fornecer cinco milhões de toneladas de produtos alimentares ao Quênia para socorrer as populações das regiões afectadas pela seca. Este fornecimento faz parte das 100 mil toneladas de grãos alimentares que o primeiro-ministro indiano, Rajiv Gandhi, prometeu a vários países em condições semelhantes às do Quênia. A Índia enviou produtos alimentares para a Etiópia e Sudão, e a ajuda prossegue para tentar salvar a vida de cerca de sete milhões de pessoas que morrem de fome.

## Bolívia: a greve anunciou a dura disputa eleitoral de Julho

A três meses das eleições presidenciais previstas para Julho, a Bolívia foi abalada por uma greve nacional que se prolongou por 16 dias. Enquanto o governo de Hernán Siles Zuazo se prepara para realizar uma avaliação definitiva do impacto económico da paralisação, cifras preliminares indicam que as per-

das devidas ao conflito alcançaram 160 milhões de dólares.

A Central Operária Boliviana (COB) anunciou que, apesar de aceitar a oferta governamental de aumentar o salário mínimo em 232%, não renunciou à sua reivindicação de que seja estabelecida uma escala móvel para que o salário seja reajustado de acor-



A aguda crise económica da Bolívia impede que o governo atenda a todas as reivindicações operárias

do com o constante aumento do índice inflacionário.

Os mineiros de Potosí e Oruro que acamparam no centro de La Paz e bloquearam as estradas de acesso à capital, voltaram aos seus postos de trabalho. Da mesma forma, retornaram aos quartéis os efectivos militares que mantiveram La Paz virtualmente ocupada, na previsão de confrontações de rua.

Segundo o governo, a aguda crise económica que a Bolívia atravessa impede que todas as reivindicações dos operários sejam atendidas e o que foi concedido constitui, segundo portavozes governamentais, "o maior esforço que o Estado pode fazer sem precipitar uma inflação absolutamente incontrolável".

De acordo com dados oficiais, a inflação em 1984 foi de cerca de 2.000%, sendo que para o corrente ano as previsões indicam que pode ser ainda maior se não forem tomadas medidas drásticas, como por exemplo uma importante redução dos gastos públicos.

cadernos do

# terceiro mundo

Alteração de preços a partir de Julho

Assinaturas

### Portugal

anual (12 números) ..... 650\$00  
semestral (6 números) ..... 400\$00

Espanha (12 números) ..... 900\$00

### Estrangeiro — Anual (12 números) por via aérea

Europa, Angola, Moçambique, Cabo Verde, Guiné-Bissau e São Tomé e Príncipe  
23 dólares USA.

Restantes Países ..... 28 dólares USA



## Quênia: lançado plano de protecção ao consumidor

Especialistas em questões de consumo do governo do Quênia, com a colaboração de organizações para-estatais e não-governamentais, divulgaram um plano de protecção ao consumidor. O Plano de Acção, será aplicado pelo Instituto Queniano de Direito Público, uma organização não-governamental, tem como objectivo educar os consumidores e proteger a população de produtos de baixa qualidade e de polifone de preços pouco equitativos que atentem contra o poder aquisitivo dos consumidores, explicou Oko Ombaka, director do organismo.

Os especialistas fizeram uma reunião no início de Abril em Nairobi, a capital, quando realçaram que os consumidores continuam a ser vulneráveis às forças do mercado, em grande parte devido à falta de educação e conhecimento dos seus direitos. O último dado aplica-se especialmente, segundo eles, aos gru-



O controlo de qualidade está entre os objectivos do Plano

pos com rendimentos mais baixos.

Os *experts* realçaram também o problema colocado pela natureza monopolista e oligopólica das forças comerciais dominantes que controlam a economia queniana. Analisaram ainda o papel que devem exercer os controlos de marcas, normas, patentes e

de qualidade na protecção aos consumidores.

O grupo discutiu também as políticas de preços, créditos ao consumo, serviços profissionais e de habitação. Nesse sentido, recomendaram ao PLI que organize uma intensa campanha de educação ao consumidor e que crie as suas próprias publicações regulares. Estuda-se também a criação de um grupo de trabalho que investigue e controle as estratégias de comercialização das manufacturas e as práticas publicitárias do sector comercial.

Além disso, o Instituto ficou encarregado de estabelecer um grupo de trabalho composto por especialistas académicos, ministros, bem como por sindicatos e organizações de consumidores, para que investigue e controle as práticas monopolistas em relação aos consumidores, aos trabalhadores e ao bem-estar público.

Por último, os especialistas recomendaram que todas as manufacturas se submetam a controlos de qualidade e que o Gabinete de Normas do Quênia autorize o acesso das pequenas indústrias aos seus laboratórios para realização de controlos de qualidade.

## Colaboração de médicos argentinos com a ditadura

Mais de uma centena de médicos argentinos colaboraram com a ditadura militar em actividades repressivas, afirmou Norberto Liwski, membro do Comité Executivo da Comissão Médica Internacional para a Saúde e os Direitos Humanos. Liwski informou também que, até ao momento estão a ser processados 20 médicos e vários outros foram indiciados pela justiça argentina. Membro da equipa médica que assiste as "Mães da Plaza de Maio", Liwski acrescentou que "há elementos suficientes que demons-

tram uma ampla participação de profissionais médicos no apoio técnico à tortura ou na falsificação de atestados de óbito de desaparecidos ou de recém-nascidos, sequestrados quando do desaparecimento dos seus pais".

## EUA votam contra resoluções da ONU

Segundo um cálculo publicado pelo *New York Times*, ao longo de 1984 os Estados Unidos apenas votaram a favor de 14% das resoluções aprovadas pela maioria dos Estados membros da ONU, contra 21% em 1983.

A tendência dos Estados Unidos para contrariar cada vez mais as tentativas internacionais de resolução de problemas que afectam a humanidade nos mais diferentes aspectos, revelou-se nas XXXVII e XXXVIII sessões da Assembleia Geral da ONU e de forma bastante elucidativa na sessão do ano passado. Durante as mesmas os Estados Unidos opuseram-se claramente à maioria dos membros da organização, ao votarem contra 17 deliberações, abstendo-se em 6 e aprovando somente 3, de um total de 27 documentos internacionais de considerável importância.

# A arma do comércio norte-americano aponta contra o Terceiro Mundo

A crise econômica mundial deu lugar a golpes e contragolpes entre as potências industrializadas e destas contra os países subdesenvolvidos. A concorrência comercial intercapitalista torna-se sempre encarniçada nas conjunturas depressivas e embora a guerra comercial generalizada, que muitos temeram desde que começou em 1980 a última recessão, tenha sido evitada até agora, novos e talvez maiores perigos aparecerão.

A recessão partiu dos Estados Unidos onde cessou no final de 1982. Posteriormente a superpotência experimentou um aumento vigoroso do seu produto nacional bruto (PNB) durante cerca de dois anos. Mas a política monetária orientada para conter a inflação, assim como o enorme déficit fiscal norte-americano, que foi precisamente a ferramenta aplicada para estimular a economia, tiveram como resultado taxas de juros bancários altíssimas que revalorizaram extremamente o dólar em relação às demais moedas.

Isto serviu para captar vultosos capitais de todo o mundo que concorreram para financiar a expansão norte-americana. Esse esplendor contrasta com o lúgubre reverso da moeda.

O chamado "superdólar" tirou competitividade aos produtos norte-americanos nos mercados internacionais e favoreceu uma pujante penetração dos barateados bens estrangeiros no próprio mercado interno.

O resultado é uma catástrofe sem precedentes nas trocas internacionais. Segundo dados recentes difundidos pelo Departamento de Comércio dos Estados Unidos, em 1984 alcançou-se um déficit recorde na balança de conta corrente de 101.650 milhões de dólares, mais do que

uplicando o saldo negativo do ano anterior, que foi de 41.560 milhões de dólares.

Enquanto os analistas se perguntam até quando a economia norte-americana poderá continuar a acumular um déficit externo alarmante e crescente juntamente com um endividamento fiscal exorbitante, no Congresso e no executivo crescem as pressões para redobrar as represálias contra os competidores que inundam o mercado nacional. A atenção dos meios de imprensa dirigiu-se em particular para os conflitos entre os Estados Unidos por um lado, e o Japão e os países europeus de outro, tirando a importância do que implicam as tendências protecionistas para as nações subdesenvolvidas.

Justamente as consequências mais duras recairão sobre as nações do Terceiro Mundo.

Isto porque a política que se está a delinear para limitar as suas exportações para o mercado norte-americano agravaria a crise que os países subdesenvolvidos padecem devido aos pesados pagamentos da dívida externa e à carência de capitais, e introduziria condicionamentos orientados para desvirtuar os seus planos de desenvolvimento.

A estas conclusões chegou um recente estudo do SELA (Sistema Econômico Latino-Americano) sobre "América Latina e a lei de comércio e tarifas dos Estados Unidos".

Em finais do ano passado entrou em vigor a nova lei de comércio norte-americana e a pedido dos governos regionais a secretaria permanente do SELA realizou uma análise que, embora dirigida à relações entre a América Latina e o seu poderoso vizinho do norte, contém conclusões válidas para conjunto do mundo subdesenvolvido. A nova lei inclui disposições que "reforçam o

Estamos cá  
como se estivéssemos lá.  
Somos uma ponte segura  
na cooperação recíproca.

caracter restritivo da legislação comercial  
norte-americana e estimulam o recurso a medidas  
bilaterais de protecção, o que pode corroer  
o sistema multilateral de comércio e  
afectar de maneira muito negativa os interesses  
comerciais dos países em desenvolvimento",  
do SELA.

Uma conclusão importante constata que se  
limita notavelmente o âmbito da política  
comercial dos Estados Unidos ao incluir entre os  
seus objectivos assuntos relacionados com as  
condições estabelecidas para o investimento  
estrangeiro e o comércio internacional de  
produtos.

O princípio central que guiou os legisladores é  
o acesso dos produtos estrangeiros ao  
mercado norte-americano exige como  
contrapartida que a mercadoria e os capitais  
norte-americanos encontrem nos países  
importadores um quadro semelhante ao existente  
nos Estados Unidos. Isto independentemente  
das características institucionais e do grande  
desenvolvimento dos países, e embora as medidas  
tomadas no âmbito da lei estejam em contradição  
com acordos internacionais dos quais a  
competência é signatária e participante, como é  
o caso do GATT.

Assim, mediante este instrumento o governo  
norte-americano arma-se para combater as políticas  
externas e de comércio internacional de outros  
países, que a seu ver sejam "não razoáveis",  
"discriminatórias", "injustificáveis" ou "desleais".  
Em tais casos a superpotência adoptará represálias  
que serão como resultado limitações à entrada no  
mercado dos seus competidores. Trata-se de um  
conjunto de disposições que vão desde a negociação  
de restrições "voluntárias" por parte do  
competidor, até ao aumento das tarifas  
arbitrárias ou outras barreiras para impedir a  
entrada de produtos, se o país em questão não  
acordar em reduzir o montante das suas  
exportações.

Os países latino-americanos diante da nova lei  
são justificados porque já no passado diversos  
países foram objectos de represálias comerciais  
e encontram-se agora diante de uma legislação  
muito mais drástica. Também porque devido a  
factores geográficos a dependência económica  
relação aos Estados Unidos é muito forte.

Em 1983 os países latino-americanos colocaram  
38.740 milhões de dólares, equivalentes a 44,3%  
das exportações regionais, no mercado  
norte-americano. Logo um fechamento desse  
mercado para determinado produto implicaria  
uma situação de ruína para a indústria e para  
o país afectado.

Diante de que situações o governo norte-americano  
utilizaria o seu tremendo peso económico?

Segundo a análise realizada pelo SELA seriam  
comportamentos "desleais" os subsídios à  
exportação, as políticas de desenvolvimento  
industrial e as normas que regem a aceitação de  
investimentos estrangeiros, entre outros".

Se os investidores norte-americanos — ou seja, as  
empresas transnacionais — não achassem em  
determinado país do Terceiro Mundo as mesmas  
condições que têm as empresas locais — o  
chamado "acordo nacional" — caberiam portanto  
represálias.

Visto que a industrialização dos países do sul  
é incipiente, para desenvolver-se não pode  
trilhar outro caminho além do estímulo às  
suas pequenas indústrias. Esse pode consistir  
em impor medidas proteccionistas, estímulo  
estatal e legislação para a instalação das  
empresas estrangeiras que impeça a ruína das  
suas próprias indústrias. Da mesma forma o  
apoio às exportações de bens industrializados  
é uma necessidade para países com mercados  
internos reduzidos e por isso insuficientes  
para o crescimento de certos sectores  
manufactureiros.

As nações do Terceiro Mundo só poderão emergir  
do atraso mediante a instrumentação e o  
estabelecimento de políticas de desenvolvimento  
que impliquem grandes esforços a longo prazo  
e que não podem comparar-se às políticas das  
potências ricas e industrializadas para proteger  
os seus mercados ou para ganhar novos.

A nova lei norte-americana, precisamente, ignora  
realidades que não têm termo de comparação,  
colocando em pé de igualdade o Japão ou os  
membros da Comunidade Económica Europeia,  
com os países subdesenvolvidos.

Ao mesmo tempo menospreza a soberania dessas  
nações e confronta-as com um dilema sem  
solução. Com efeito, se para manter as suas  
exportações para os Estados Unidos um

determinado país concedesse às corporações norte-americanas um "tratamento nacional", estaria a condenar com esse acto as suas próprias indústrias, pois é evidente que estas não estão em condições de competir com aquelas.

Se assim não fizesse sofreria represálias que resultariam na perda do mais importante mercado e provocariam numerosos danos às indústrias correspondentes e à sua economia.

Por seu lado as exportações norte-americanas a esses países nas esferas da alta tecnologia e dos serviços, que são os campos que a política norte-americana se propõe privilegiar, deveriam ser aceites sob condições "substancialmente equivalentes" às que vigoram nos Estados Unidos. Caso contrário haveria represálias.

Vê-se pois que a legislação norte-americana ultrapassou amplamente a fronteira do que tradicionalmente se entende pela reciprocidade e a liberalização do comércio internacional.

A super-potência procura impor o seu próprio modelo económico a outros países, mesmo entrando em contradição com a ordem institucional, jurídica e económica dessas nações. Para esse fim emprega a sua força comercial como antes se valeu da sua força militar. Não seria então neocolonialismo o termo exacto para descrever essa política?

O tratamento que se reserva aos países subdesenvolvidos é tanto mais injusto se se recordar que as mesmas medidas que hoje lhes são reprovadas foram adoptadas pelas potências avançadas para a sua arrancada económica e constituem metodologia conhecida para a expansão industrial.

As práticas mercantilistas criticadas com vigor por Adam Smith gozavam de prestígio na Grã-Bretanha nos primórdios da primeira revolução industrial e só depois de ter alcançado a hegemonia mundial o *establishment* britânico descobriu os méritos dos ensinamentos do pai do liberalismo, que tanto lhe convinham nessa altura para colocar as suas mercadorias, as mais competitivas de então. O mesmo é válido para as demais potências europeias.

18 - terceiro mundo

O Japão, desde a restauração Meiji (1868) até hoje, exerceu um protecção e uma intervenção estatal implacáveis. E os Estados Unidos, seguindo o exemplo dos seus antepassados britânicos, só afrouxaram as suas elevadas barreiras alfandegárias quando o crescimento das suas indústrias as tornou competitivas internacionalmente.

A imposição de represálias a países que lutam por alcançar um distante desenvolvimento por meio de políticas semelhantes àquelas que demonstraram historicamente a sua validade, significa simples e claramente que se quer negar a eles o acesso ao progresso, perpetuando a escandalosa desigualdade entre o Norte e o Sul, entre a opulência e a miséria. Estas afirmações não implicam uma defesa em prol de um protecção e dum participação estatal indiscriminados, nem tão-pouco a reivindicação de uma autarquia económica que sob todos os pontos de vista seria insensata. Somente evocam o direito inalienável à articulação de políticas nacionais e integrações regionais que deverão fazer uso apropriado e flexível de instrumentos que correspondem à natureza intrínseca do subdesenvolvimento e que evidentemente variam segundo os países e as regiões. As nações ameaçadas têm a obrigação de defender os seus direitos e apesar de serem fracas individualmente contam com a possibilidade de vencer o desafio, desde que se unam para isso.

Se as suas exportações para os mercados do norte lhes são indispensáveis, também é verdade que podem responder às represálias com restrições às exportações dos seus oponentes. Mas assim como o encerramento do mercado norte-americano pode desferir um golpe brutal para a economia desses países, nenhum deles tem, isoladamente, a capacidade de dissuadir a superpotência com a mesma sanção.

O estabelecimento de políticas para a protecção de interesses comuns em perigo, ou seja a sólida unidade entre os países do Terceiro Mundo para desobstruir os entraves do caminho para o desenvolvimento, é não só uma necessidade como também o imperativo deste momento e a condição do futuro.

Estamos cá  
como se estivéssemos lá.  
Somos uma ponte segura  
na cooperação recíproca.



uma Empresa privilegiada  
na auscultação directa e  
no diálogo negociador,  
preparada e experimentada  
como via das melhores condições  
de parceria, que decorrem do  
planeamento de  
um grande mercado.

# ANGOLA

O seu estatuto preferencial  
é um espelho que reflecte  
as necessidades orientadas e  
as potencialidades do  
comércio externo angolano.



uma experiência  
adquirida  
uma confiança  
reforçada  
no domínio de  
acordos e  
operações  
comerciais e  
no fomento de  
cooperação  
técnica com a RPA.

Consulte:

VESPER • Importação e Exportação, Lda.  
Av. João Crisóstomo, 16, 3.º  
1000 LISBOA • Portugal

telef. 54 60 00 (8 linhas)  
telex 43688 VESPER P  
43446 VESPER P

Empresa de Capitais mistos  
Luso-Angolana, associada das  
seguintes Unidades Económicas Estatais:

IMPORTANG U.E.E.  
Central Angolana de Importação

EXPORTANG U.E.E.  
Central Angolana de Exportação

ANGODESPACHOS U.E.E.  
Empresa de Despachos Allandegários  
de Luanda

e da  
COTECO, Sociedade de Cooperação  
Técnica e Comercial, Limitada

# A fome e a com



**E**m 1974, o então secretário de Estado Henry Kissinger anunciou bombasticamente: "dentro de dez anos não haverá mais fome no mundo". O aniversário da frase de Kissinger pronunciada durante uma conferência da FAO que lançou a década da alimentação passou despercebido porque em Novembro do ano passado o mundo inteiro estava sob o impacto das imagens

da fome na Etiópia. Mas não foi só a previsão do ex-secretário de Estado que falhou. Fracassaram também os esforços para aumentar a produção de alimentos apenas através do uso da tecnologia mais avançada. Agora o optimismo pomposo de Kissinger foi substituído por prognósticos apocalípticos, daqueles que apostam na redução do crescimento demográfico como solução instantânea para a fome. Entre os dois extremos surge no entanto uma alternativa que ganha força, principalmente entre organismos não-governamentais no Ocidente, e que propõe a reestruturação completa da estrutura agrícola vigente no mundo capitalista. Em vez dos cultivos de exportação, é preciso dar prioridade à agricultura de autosubsistência. Em vez da mecanização acelerada, o uso de técnicas adaptadas à realidade de cada país. Em vez da automatização, o pleno emprego. No lugar da ditadura dos preços, a hegemonia das necessidades. A substituição da dependência absoluta, pela autonomia relativa.

Carlos Castilho

# de muitos da de poucos





*O problema da fome está a deixar de ser uma questão assistencial para ser o ponto de partida para a mudança do sistema agrícola deixado pelo colonialismo e aprimorado pelas empresas transacionais.*

## A corrida contra o tempo

**M**eio milhão de africanos morreram nos últimos doze meses de fome. Ou seja, mais do dobro dos mortos nos 14 anos de guerra do Vietname. Quinhentos milhões de seres no Terceiro Mundo são considerados "meio-mortos", porque vivem no limite da sobrevivência devido à subnutrição. Ou seja, um em cada seis habitantes da África, América Latina e Ásia. Se esta proporção for mantida até ao início do século XXI, por volta do ano 2025, o total de famintos no mundo atingirá a assustadora cifra de 1300 milhões de seres humanos, no mínimo.

Segundo a FAO, Organização das Nações Unidas para a Agricultura e Alimentação, no início dos anos oitenta já existiam 54 países de um total de 117 no Terceiro Mundo, cuja produção agrícola era insuficiente para alimentar todos os seus habitantes. E no ano 2000, se forem mantidos os actuais níveis de produtividade agrícola, o número de Estados incapazes de se auto-abastecer subirá para 64, dos quais 38 não poderão assegurar a alimentação nem da metade dos seus habitantes. E se ao factor crescimento demográfico for somado o efeito do esgotamento de terras, (haverá ainda segundo a FAO uma perda de 19% nas áreas produtivas, equivalendo à semi-desertifi-

cação de 544 milhões de hectares de terras outrora férteis) o número de nações com défice agrícola subirá para 99. Isto é: quase 84% dos governos do Terceiro Mundo vão depender da ajuda externa ou da importação de comida.

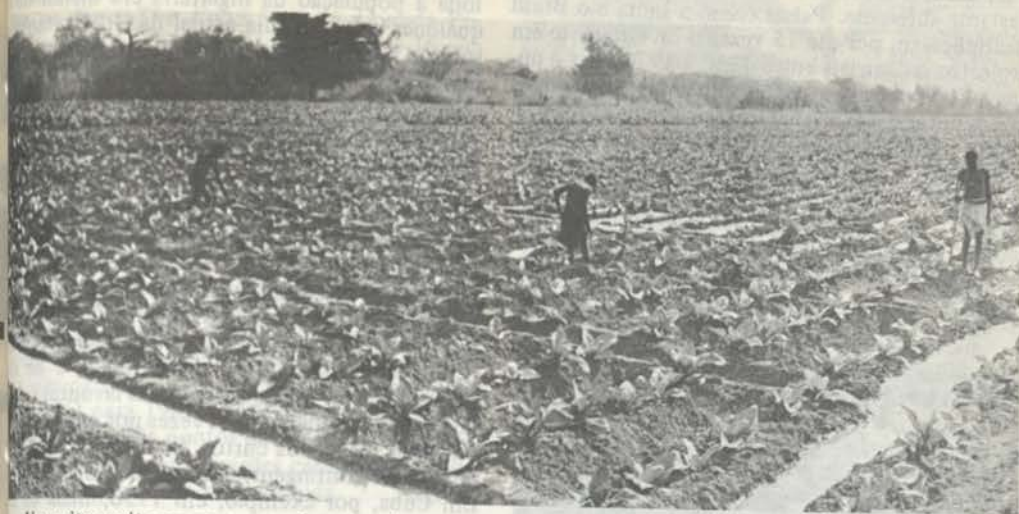
No ano passado, técnicos da ONU afirmaram que dos 54 países sub-desenvolvidos incapazes de



Quinhentos milhões de seres no Terceiro Mundo vivem no limite da sobrevivência

se auto-alimentar, pelo menos 29 enfrentavam uma aguda escassez de comida porque não tinham dinheiro para importar alimentos e a sua agricultura havia registado queda de produtividade. O défice global de alimentos entre os países famintos foi calculado em 4 milhões de toneladas de cereais. O conjunto destes números intensificou as advertências alarmistas de que a curto prazo não haverá condições físicas para alimentar todos os habitan-





Um mito muito em voga nos países ricos é que a terra disponível para a agricultura é insuficiente, o que não é verdade

do planeta. E que a fome mostrada em imagens políticas na Etiópia seria apenas a antecipação de uma catástrofe inevitável em pelo menos metade do globo terrestre.

#### Os mitos dos ricos

Estas advertências escondem no entanto uma série de mitos envolvendo o problema da fome. O primeiro deles é que não existe no momento comida suficiente para alimentar toda a humanidade. A comida existe. Cálculos feitos com base em dados estatísticos da FAO indicam que se produz hoje no mundo em média um quilo de alimentos por dia para cada ser humano. Este quilo contém três mil calorias e proteínas suficientes para manter cada mulher, homem ou criança vivo no planeta. E três mil calorias é mais do que a média consumida pelos habitantes da Europa, tidos como bem nutridos. Além disso, enquanto faltam milhões de toneladas de comida para alimentar os famintos da África, os stocks norte-americanos de cereais atingiam em 1983 um total de 1,5 milhões de toneladas, facto que levou a Casa Branca a pôr em prática um grandioso programa de estímulo à produção agrícola, com o objectivo de impedir a queda dos preços e manter o rendimento dos agricultores do "Tio Sam". Em 1984, a ajuda estimou em 3,5 milhões de toneladas a ajuda necessária para impedir a curto prazo uma catástrofe alimentar na África, mas até agora apenas 1,5 milhões estavam assegurados.

Segundo mito muito em voga nos países ricos é que a terra disponível para a agricultura é insuficiente. A verdade é que dos 1500 milhões

de hectares de terras aráveis em todo o globo (11% da superfície total) menos de metade são efectivamente usadas na produção de alimentos. Na África e na América Latina, a proporção de terras cultivadas é de 20% da área fértil disponível, mas as estatísticas de áreas agrícolas no Terceiro Mundo escondem outras distorções graves.

Um estudo do Banco Mundial mostrou que, em 1983 nos países da África, Ásia e América Latina, 3% dos proprietários controlavam 79% das unidades agrícolas existentes nos três continentes. A esmagadora presença dos grandes proprietários é um outro factor negativo, já que o mesmo Banco Mundial no relatório *Assault on World Poverty* (1975) revelou que a produtividade média dos minifúndios é de três a quatro vezes maior que a dos latifúndios em países como a Argentina, Brasil, Chile, Colômbia, Equador e Guatemala. Na Tailândia as pequenas propriedades colhem 60% mais de arroz do que as grandes e na Índia a produtividade por hectare dos minifúndios é 35% maior que nos latifúndios.

Segundo a FAO é possível ampliar a área cultivável de 1,5 para três mil milhões de hectares se for feito um esforço para drenar áreas pantanosas e irrigar regiões semi-áridas, especialmente no Terceiro Mundo, onde apenas 36% das terras férteis são usadas na produção de alimentos.

Outro mito muito generalizado é que a agricultura não pode mais absorver mão-de-obra e que portanto é necessário acelerar a industrialização para reduzir o desemprego. Esta afirmação defendida pelos dirigentes do mundo industrializado ocidental foi uma das principais responsáveis pela pouca atenção que a produção de alimentos passou

a ter desde a década de 50. A verdade é no entanto bastante diferente. Países como a Índia e o Brasil multiplicaram por até 15 vezes o investimento em projectos industriais entre 1950 e 1970, mas o número de empregos urbanos aumentou apenas duas vezes, porque a esmagadora maioria das novas unidades manufactureiras usou tecnologia moderna com baixo índice de aproveitamento de mão-de-obra, seguindo os padrões implantados pelas empresas transnacionais. Houve uma enorme mobilização de recursos financeiros que teve um efeito mínimo sobre o aumento do número de empregos.



Quando no século XVI os fazendeiros britânicos decidiram criar ovelhas em vez de plantar surgiu pela primeira vez o problema da super-população

### A polémica demográfica

Finalmente o grande mito da pressão demográfica. Os prognósticos indicam que no ano 2025 a população do Terceiro Mundo chegará a 5100 milhões de habitantes. A África por exemplo terá entre 1100 a 1500 milhões. Segundo técnicos europeus isto significará um peso adicional para economias débeis que serão obrigadas a criar novos empregos para suportar uma massa de desempregados e sub-empregados que hoje já oscila em torno dos 20 a 30 por cento. O aumento da população provocaria assim um inevitável aumento de famintos e desempregados vivendo na periferia das cidades.

Não há a menor dúvida de que o acelerado crescimento demográfico em algumas regiões influe no equilíbrio alimentar, mas a grande verdade é que o aumento do número de sub-nutridos e sub-empregados não é uma consequência directa da taxa de natalidade. O problema da super-população surgiu pela primeira vez no século XVI, na Inglaterra quando os fazendeiros decidiram criar ovelhas em vez de plantar. O pastoreio exigia muito menos mão-de-obra do que a agricultura, e a consequência foi o surgimento dos "vagabundos urbanos", se-

gundo a crónica burguesa da época. No século XVI toda a população da Inglaterra era menor do que qualquer cidade média actual da Grã-Bretanha, e a solução para acabar com o problema dos "vagabundos" foi mandá-los para as colónias na África, Ásia e América Latina. O problema não era uma natalidade acima da desejada ou da possível, mas uma mudança no sistema económico de produção.

Séculos mais tarde, o mesmo problema atingiu também as ex-colónias. Ao transformar a agricultura dos países do Terceiro Mundo (ver artigo nesta edição) introduzindo um número limitado de cultivos, os interesses estrangeiros provocaram o desemprego de um grande contingente de mão-de-obra que tradicionalmente encontrava trabalho permanente numa agricultura diversificada e de auto-subsistência. A especialização das lavouras fez com que somente uma ou duas vezes por ano, em períodos mais ou menos curtos, houvesse a necessidade de grandes contingentes de mão-de-obra do campo. Em Cuba, por exemplo, em 1950, mais de meio milhão de trabalhadores encontrava emprego apenas uma vez por ano, durante a colheita da cana. No Brasil, o mesmo fenómeno acontece agora com o surgimento de milhares de "bóias frias", ou trabalhadores sazonais que migram de uma lavoura para outra em busca de emprego.

A mecanização agrícola atirou também no sub-emprego um grande número de camponeses. No Paquistão, um estudo do governo revelou em 1975 que a mecanização das fazendas médias e grandes atiraria no mercado de trabalho entre 600 a 700 mil desempregados num prazo de 15 anos. Na América Latina, cada tractor substitue de três a quatro assalariados rurais, e no continente inteiro já registou um total de meio milhão de desempregados só com a mecanização agrícola. Na Índia, com a modernização dos equipamentos para sementeira e colheita a procura por trabalhadores sazonais desapareceu em 1980.

Nos países ricos criou-se a controvertida expressão "explosão demográfica" cujo verdadeiro significado ganhou cores apocalípticas num discurso pronunciado em 1966 pelo então presidente Lyndon Johnson: "existem na terra (na época) três mil milhões de seres humanos, e nós (os norte-americanos) não somos mais de 200 milhões. Se a força prevalecer sobre o direito, os Estados Unidos serão invadidos e tudo o que temos será tomado pelos famintos do resto do mundo". Para garantir um suposto "direito de ser rico", Johnson levantou o espantoso da rebelião universal dos pobres, para justificar uma campanha mundial pela limitação forçada da natalidade no Terceiro Mundo. Usando uma linguagem mais sofisticada, o Banco Mundial adoptou a mesma estratégia e passou a preconizar o controlo da natalidade como uma das sugestões a todos os

os pobres que recorressem à instituição em  
ca de ajuda.

Mas no livro *The Food First* (A Comida Pri-  
o) os autores Frances Moore Lappé e Joseph  
lins recolheram evidências de que nenhuma das  
pagnhas forçadas para baixar o crescimento de-  
gráfico deu resultado. Pelo contrário, eles mos-  
m que os únicos lugares onde houve queda da  
esão demográfica foram os que adoptaram polí-  
as de elevação do poder aquisitivo das classes  
es pobres. O controlo surgiu assim quase que  
staneamente, sem traumas nem imposições.

Ao contrário do que a visão pessimista europeia  
ulgou no início da década de 70, o crescimento  
produção agrícola *per capita* no mundo mante-  
e até 1982 um pouco acima da taxa de cresci-  
to demográfico. No Parecer Alimentar Mun-  
da da FAO para 1984, a produção *per capita* des-  
1974 estava três pontos acima da taxa de nata-  
ad, desfazendo as previsões catastróficas sobre  
a escassez generalizada de comida.

#### lura realidade

Se existe comida no mundo em quantidade sufi-  
te para alimentar a população actual, e se  
este terra para teoricamente garantir o abasteci-  
ento da humanidade, as razões para a fome eni-  
ca, devem ser procuradas noutra sector, pre-  
mente no da distribuição. O que os mitos espa-  
dos pelas sociedades ricas não dizem é que tan-  
a comida como a terra estão distribuídos desi-  
almente no mundo. Uma desigualdade que é so-  
ludo provocada por questões polífticas. Toda a  
tura agrária existente na maior parte dos paí-  
do Terceiro Mundo foi moldada no período col-  
al e aperfeiçoada posteriormente no sentido de  
ader aos centros consumidores dos países ricos  
Ocidente, através do fornecimento de matéria-  
na barata. A rigor todo o sistema produtivo de  
mentos do mundo capitalista está organizado  
a maneira, e até mesmo as nações socialistas  
Terceiro Mundo ainda não conseguiram escapar  
e apesar de inúmeras tentativas.

A exploração predatória dos recursos naturais e  
anos da África, Ásia e América Latina foi im-  
e até aos anos mais recentes, quando a multi-  
pção acelerada do número de famintos e das  
andades causadas por desnutrição começou  
oustar até mesmo os bem alimentados euro-  
e norte-americanos. No auge da guerra do  
ome, em 1966, o então secretário da Defesa  
Estados Unidos, Robert McNamara, fez um dis-  
o em Montreal, no Canadá, no qual reconhecia:  
bismo que separa as nações ricas das pobres  
aia-se sem cessar. A partir da década de 70  
oi de metade da população mundial viverá em  
os independentes da parte sul do planeta. Esta

FAO



A "revolução verde" foi apontada como a solução  
milagrosa para o Terceiro Mundo

metade terá fome e terá à sua disposição menos de  
um décimo dos bens e serviços produzidos pela hu-  
manidade... A nossa segurança (a dos ricos) estará  
directamente relacionada com a do mundo subde-  
senvolvido. A segurança é desenvolvimento e sem  
desenvolvimento não haverá segurança".

#### A falsa "revolução verde"

Mas em vez de atacar o problema da desigual-  
dade, as nações ricas preferiram agarrar-se a solu-  
ções tecnológicas. A que mais publicidade ganhou  
foi a chamada "revolução verde" apontada como a  
solução milagrosa para a fome no Terceiro Mundo  
e que valeu ao geneticista norte-americano Norman  
Borlaug, o prémio Nobel da Paz em 1970. Quinze  
anos depois ninguém mais se lembra das grandiosas  
promessas de acabar com a subnutrição através da  
intensificação e modernização de culturas de varie-  
dades híbridas de cereais dotadas de alta produtivi-  
dade. A "revolução verde" foi em síntese um es-  
forço das empresas transnacionais de alimentação  
no sentido de aumentar a produtividade daqueles  
que já estavam numa boa situação na agricultura.  
Ela não partiu da tentativa de criar variedades

vegetais adaptadas às necessidades das regiões mais pobres do mundo. Não contemplava a criação de tecnologias com uso intensivo de mão-de-obra. Não previa a melhoria dos cultivos tradicionais e nem preconizava a diversificação das lavouras para compensar as adversidades do clima, e nem muito menos deu atenção ao equilíbrio da dieta alimentar dos habitantes das regiões menos produtivas. O que a "revolução verde" procurou foi colheitas recordes, no menor espaço de tempo possível e com o menor número de variedades vegetais, usando a genética, a mecanização e a adubação artificial.

O resultado foi que ela acabou por favorecer apenas os agricultores mais desenvolvidos. Acentuou a especialização de culturas e o pior de tudo tornou dramática a dependência dos camponeses do Terceiro Mundo em relação às sementes, máquinas e adubos, todos importados. Em suma, a tão decantada revolução de Borlaug não diminuiu a fome mas aumentou consideravelmente os lucros das grandes empresas que dominam a agricultura mundial. O aumento da produção de alguns cereais como o milho, soja, trigo e sorgo colocou nas mãos dos países ricos um excedente enorme que passou a ser usado como alimento para gado, num grande desperdício de energia proteica, já que a carne é muito mais pobre do que os vegetais em matéria de nutrientes essenciais.

Em 1974, a Organização Mundial de Alimentação e Agricultura (FAO) resolveu levar o problema da fome para uma discussão mundial, através de uma conferência realizada em Roma em Novembro. O encontro destinava-se a encontrar soluções universais para a crônica e crescente escassez de comida no planeta, mas a composição dos delegados, na sua maioria membros do chamado *agribusiness* acabou por transformar a reunião numa sucessão de declarações grandiloquentes, entre as quais se destacou a de Henry Kissinger, que sem maiores constrangimentos anunciou bombasticamente na época: "dentro de dez anos, nenhuma criança irá dormir com fome e nenhuma família do mundo deverá ter



Há dez anos atrás Henry Kissinger anunciou que mais nenhuma criança iria dormir com fome...

preocupações com o pão do dia-a-dia". De qualquer maneira, a reunião serviu como um alerta, e lançou a chamada "década da alimentação", durante qual deveriam ser feitos esforços para eliminar a fome no mundo.

Dez anos depois, em Novembro de 1984, a década acabou, e o balanço foi trágico. O prognóstico de Kissinger tornou-se ridículo diante das imagens dolorosas da fome na Etiópia transmitida em redor do mundo. Os participantes da conferência de 1974 silenciaram diante do fracasso evidente das suas promessas e o aniversário da reunião teria passado despercebido, se um grupo de organizações não-governamentais não tivesse promovido com esforço próprio, a chamada Assembleia Mundial de Alimentação, em Roma, em Novembro do ano passado. Com o apoio da FAO, mas sem estar ligada directamente às políticas governamentais, a Assembleia marcou uma importante mudança na discussão sobre o problema da comida no mundo, graças à participação decisiva das chamadas ONG (Organizações Não-Governamentais).

### Os esforços das ONG

As ONG surgiram no meio da década de 70 quando grupos religiosos europeus e norte-americanos começaram a sensibilizar-se com a miséria do Terceiro Mundo. Assistencialistas, no início, estes grupos evoluíram para posições mais profundas em resultado do contacto directo com a realidade da fome e da miséria, bem como da constatação de que muitos governos estavam mais preocupados com personalismos que com o esforço para distribuir comida. Na Assembleia Mundial de Alimentação participaram cerca de 120 delegados onde pela primeira vez o número de participantes vindos dos países do Terceiro Mundo era igual aos da Europa e Estados Unidos. E eles não se limitaram a denunciar a desigualdade, mas nas resoluções procuraram ir mais fundo na análise da estrutura agrícola do mundo. A declaração da AMA foi especialmente dura no que se refere à política imposta pelo FMI na Ásia, América Latina e África, ao mesmo tempo que criticou as agências internacionais de desenvolvimento por preferirem grandes planos, em vez de dar prioridade ao apoio dos esforços de base para acabar com a fome. Exigiu a redução do incentivo aos cultivos de exportação, em benefício das lavouras de autossustentação. Pediu o apoio às organizações populares, especialmente as de mulheres para que estes grupos tenham maior participação na fixação da política agrícola de cada país.

As ONG são o grande fenómeno novo na luta mundial contra a fome. Elas têm surgido principalmente na América Latina e na África. Só no Peru há cerca de 300 grupos enquanto que no Brasil se

edita que os núcleos mais activos já ultrapassam duzentos. Pelo facto de não estarem organizadas em estruturas, é impossível ter uma ideia do número de ONG no mundo, mas o jornalista britânico Robin Sharp, um dos ideólogos da Assembleia Mundial da Alimentação, acredita que até ao final da década de 80, elas se tornarão o principal instrumento de pressão a nível mundial, no problema da fome e alimentação.

Um problema que a cada dia que passa deixa de ser a sua marca assistencialista, para se concentrar cada vez mais na questão da agricultura. Segundo Susan George, autora de vários livros sobre a questão alimentar a nível mundial, a produção de alimentos será até ao ano 2000 um tema que mobilizará as atenções de toda a população dos países pobres e provocará cada vez mais um constrangido sentimento de culpa das nações industrializadas. Os factos e realidades mantidos até agora num desconhecimento proposital pelas grandes empresas transnacionais, começam a vir a público, graças às denúncias e investigações de um número cada vez maior de organismos não-governamentais. Já não se trata mais de administrar excedentes para resolver situações de emergência. A redistribuição de alimentos não passa apenas pelo deslocamento de stocks que está em cheque é a estrutura de produção de comida à escala mundial. E principalmente a forma como é usada a terra.

A expressão "corrida contra o tempo" passou a ser cada vez mais usada entre os especialistas, para definir as tentativas de impedir o surgimento de situações irreversíveis no final do século. A FAO, no trabalho Agricultura-Horizonte 2000 não deu lugar a muito optimismo e tranquilidade no que se refere à evolução do problema da produtividade das terras disponíveis. Nada menos de 544 milhões de hectares de terras férteis tornar-se-ão improdutivas até ao final do século se nada for feito para deter a erosão e o desgaste dos elementos nutritivos. Ou seja, a área cultivável por habitante do Terceiro Mundo baixará de 0,37 hectares por pessoa para 0,25.

Segundo a FAO, a produção dos países subdesenvolvidos deve aumentar em 50% até ao final do século, mas a superfície agrícola disponível pelos 17 países do Terceiro Mundo, descontada a área de cultivos não-alimentares, somente poderá sustentar uma população 7% maior que a prevista para o ano 2000. Daí em diante, ainda segundo a FAO, os prognósticos serão ainda piores, porque até ao ano 2025, prevê-se um novo crescimento da população do mundo subdesenvolvido. De acordo com os técnicos, se nada for feito até esse próximo ano, a humanidade estará à beira da catástrofe alimentar à escala mundial.

Dos 64 países que no final do século estarão numa situação considerada crítica em matéria de



O que está actualmente em cheque é a estrutura da produção de alimentos a nível mundial

alimentos, se nada mudar até lá, 28 poderão deixar esta condição se lograrem até ao ano 2000 aumentos produtos agrícolas (caso do Butão, Filipinas, Sri Lanka, Vietname, Bahamas, Guadalupe, Guatemala, Ilha do Barlavento, Jamaica, República Dominicana, Trinidad-Tobago, Burkina Fasso, Benin, Botswana, Comores, Etiópia, Malawi, Mali, Marrocos, Namíbia, Nigéria, Senegal, Serra Leoa, Suazilândia, Togo, Tunísia, Uganda e Zimbábwe). Outros 17 poderão deixar a lista se usarem um alto nível de produção (adubos, técnicas de protecção da erosão, tecnologia) como nos casos de Bangladesh, Antígua, El Salvador, Haiti, Martinica, Porto Rico, Reunião, Irão, Síria, Iraque, Argélia, Burundi, Quênia, Lesoto, Maurítania, Níger e Somália. Restarão 19 países que continuarão em situação crítica mesmo com um alto nível de produção e só poderão equilibrar a sua situação se reduzirem o ritmo do crescimento demográfico. ●



*Desde a era colonial, europeus e norte-americanos tudo fizeram para mudar a estrutura de produção e consumo do Terceiro Mundo. O preço foi a queda na produção de alimentos básicos e a subnutrição, com elevados lucros para os grandes monopólios*

## As transnacionais dizem o que vai ser produzido e comido

**P**or volta de 1850, o governador da então Guiana inglesa e o secretário das Colônias Earl Grey decidiram que a região passaria a produzir açúcar em larga escala. Todas as terras consideradas inaproveitadas passaram para o controle do império britânico, que logo em seguida enfrentou o problema de escassez de mão-de-obra.

A solução foi baixar drasticamente o preço dos alimentos importados para que estes se tornassem mais baratos que os produzidos na Guiana. Com isto os pequenos camponeses que tradicionalmente se autoabasteciam e forneciam comida para as cidades, entraram em crise. Não só perderam compradores por causa dos baixos preços da comida importada, como deixaram de ter dinheiro para pagar impostos. Resultado, a maioria acabou abandonando as suas terras para procurar emprego nas grandes fazendas de açúcar administradas pelos britânicos. As terras abandonadas por sua vez vieram a ser incorporadas aos grandes latifúndios coloniais.

Na Jamaica aconteceu fenómeno idêntico, e o país ficou também totalmente dependente de ali-

mentos importados por causa da destruição das culturas locais. No século XVIII, quando as 13 colônias britânicas da América do Norte ficaram independentes para formar os Estados Unidos, todo o suprimento de comida foi interrompido. Sem poderem voltar para a agricultura de autossustentação, cerca de 15 mil camponeses morreram de



O secretário das Colônias Earl Grey e o governador da então Guiana inglesa decidiram passar a produzir açúcar em grande escala

fome, entre 1780 e 1787, apenas na Jamaica. No antigo Alto Volta, hoje Burkina Fasso, os administradores coloniais quintuplicaram as taxas cobradas por cabeça de gado, e por hectare de terra para autossustentação, com o objectivo de forçar os camponeses a trabalharem em grandes plan-

ões de algodão para exportação. Em 1929, a Grande Depressão provocou o colapso do mercado de matérias-primas, e dezenas de plantações de algodão foram desactivadas no país. Mais de 80 trabalhadores ficaram impossibilitados de pagar impostos e sem terra para cultivar, acabaram a emigrar para a então Costa do Ouro (hoje Gana) onde travaram com os habitantes locais uma feroz guerra por empregos nas plantações de algodão.

A destruição sistemática da estrutura agrícola dos países do Terceiro Mundo na época colonial é contada em milhares de exemplos citados em livros de autores como Walter Rodney e Alan Watson. Quando a destruição não era directa, aconteceu pela via comercial. A Índia sempre foi um exportador de cereais desde o século passado até aos anos 40, deste século. Em 1943, os britânicos decidiram que todo o trigo produzido na Índia deveria ser prioritariamente exportado para compensar a perda dos suprimentos de arroz da Birmânia, então ocupada pelos japoneses. As autoridades coloniais britânicas ordenaram a comercialização de trigo para os stocks de reserva. Um ano depois veio a seca e 1,5 milhões de indianos morreram de fome, apesar de em toda a história pré-colonial da Índia, nunca ter havido falta de comida, mesmo durante as longas estiagens. Durante a grande seca de 1942/43, a Índia exportou trigo em quantidades enormes para a Grã-Bretanha.

#### falsas "vicissitudes"

Os britânicos explicaram na época que a mortalidade foi provocada pelas "vicissitudes do clima", omitindo o facto de que eram as reservas de trigo mantidas anualmente através dos séculos pelos indianos, as principais responsáveis pela ausência de fome em massa. Mas na vizinha China, as "vicissitudes" foram ainda maiores e nem por isso os registos históricos indicam grandes mortandades de fome. Relatos que retrocedem a quase dois mil anos atrás na China revelam que o país nesse período teve 1.621 enchentes e 1.392 secas, comparando as estatísticas feitas em 1928 pelo britânico Walter Mallory, de que os chineses enfrentaram mais de uma catástrofe climática por ano, ainda chamada era cristã. Mais recentemente, em 1973, enquanto 18 nações com um terço da população mundial enfrentavam uma das piores secas do século, a China já vivia o terceiro ano consecutivo de ausência de chuva, sem que tivesse que pedir uma tonelada sequer de ajuda externa para alimentar os seus quase mil milhões de habitantes. A diferença é que entre os chineses a comida sempre veio em primeiro lugar, mesmo durante a era colonial.

O caso mais grave de desestruturação da agricul-

tura por influência externa aconteceu na África, na zona desértica de Sahel. No século passado a região foi severamente despovoada graças ao tráfico de escravos, feito pelos europeus. Acredita-se que só no Sahel mais de 15 milhões de negros foram levados à força para outras regiões, nos 300 anos em que as potências europeias usaram escravos africanos para implantar o seu sistema económico na América. Logo depois os colonos franceses chegaram à periferia do deserto, implantando imediatamente o trabalho forçado e as grandes plantações de algodão e amendoim. Na época, a população local era autosuficiente em comida. Os colonos não. Por isso obrigaram os camponeses africanos a mudar de cultura. O algodão alimentava as tecelagens francesas e o amendoim fornecia o óleo alimentar mais vendido na Europa.

Pierre Roche



Na China as "vicissitudes" foram ainda maiores mas nem por isso houve grandes mortandades pela fome

Isto desestruturou a agricultura local onde os agricultores plantavam simultaneamente várias variedades de sorgo. Uma variedade acabava sobrevivendo sempre que a chuva escasseava. Nos períodos de boa colheita, os camponeses eram capazes de armazenar alimentos para dois anos. Mas quando os colonos franceses resolveram ampliar as lavouras para a exportação, quase toda a agricultura de autosubsistência foi eliminada. Enquanto isso, os colonos reduziram para apenas uma variedade os tipos de sorgo plantados para alimentação, uma alternativa que se mostrou catastrófica, porque tinha a produtividade exigida pelos interesses comerciais, mas não a resistência exigida pelo duro clima do Sahel.

#### A desertificação

A cultura intensiva de áreas com uma débil fertilidade acabou por destruir a camada de humus. Com isso regiões enormes tornaram-se estéreis, não tanto pela falta de chuva, que sempre foi escassa e



No Níger o acelerado crescimento das lavouras de exportação foi feito à custa dos plantios de autosubsistência

irregular, mas pelo manejo totalmente predatório do solo. Na República do Mali, outrora considerada como um dos celeiros a África, o panorama é hoje desolador (ver artigo nesta edição).

Na era pré-colonial, a agricultura do Mali era formada basicamente por pequenos lotes rurais familiares e por pequenos rebanhos. Existia uma harmonia entre ambos, já que havia troca de produtos e consequentemente um equilíbrio alimentar. A introdução das grandes plantações coloniais reduziu drasticamente a pequena propriedade e tirou áreas essenciais para o pastoreio do gado na época da estiagem. Deixou de haver a troca entre camponeses e surgiu a desnutrição, já que os agricultores tinham uma dieta formada quase exclusivamente por proteínas vegetais e nenhuma animal. O inverso acontecia com os criadores de gado.

Logo depois da II Guerra Mundial os franceses resolveram investir na criação de carne bovina no Mali, num momento em que o algodão e o amendoim entraram em crise no mercado internacional. O pequeno rebanho maliano foi rapidamente multiplicado várias vezes. Mas após quatro ou cinco anos de bons resultados veio a seca. Os bois que na época da estiagem se concentravam nos oásis com água e pasto, acabaram tendo que se concentrar em grande número em áreas muito pequenas. O re-

sultado inevitável foi que os milhares de cabeças aglomeradas no máximo de seis poços de água acabaram com todo o pasto, comendo inclusive as raízes.

Quando as chuvas voltaram, o solo era areia pura, o rebanho ficou reduzido a um sexto e o pasto nunca mais se recompôs. Hoje o Mali tem menos gado do que há 50 anos, embora conte com uma população dez vezes maior, e logicamente, subnutrida. Os produtores franceses foram embora, trocando o gado por outra actividade, mas a população foi obrigada a permanecer numa terra que já não produzia mais para o seu sustento.

No Níger, outro país incluído na zona do Sahel, em 1934 havia 73 mil hectares de terra plantada com amendoim. Vinte anos mais tarde a área havia dobrado e em 1961 já era cinco vezes maior. Durante a grande seca de 1968, as lavouras de amendoim atingiam um total de 432 mil hectares. Quase no mesmo período, cerca de 300 mil hectares estavam ocupados com algodão. Todo este acelerado aumento das lavouras de exportação foi feito à custa dos plantios de autosubsistência. A soma das exportações de algodão e amendoim em 1971 chegou a 18 milhões de dólares, mas o governo do Níger teve que gastar 20 milhões de dólares em comida importada e vestuário. No Senegal, metade das divisas ganhas em 1974 com as exportações de amendoim foi gasta na compra de trigo norte-americano para alimentar moínhos franceses em Dacar.

#### A "fazenda global"

A partir da década de 50, a desestruturação da agricultura nos países do Terceiro Mundo atingiu um novo grau de intensidade com a penetração das transnacionais da comida. Para estas gigantescas empresas, cujo número não é maior que uma dezena, o grande objectivo é criar uma "fazenda global" para um "supermercado global". Isto é, usar o máximo das possibilidades agrícolas de países onde a terra e a mão-de-obra são baratas, para produzir alimentos que depois serão vendidos nos mercados consumidores da Europa e dos Estados Unidos.

O México foi um dos primeiros países latino-americanos a ser envolvido nesta sofisticada e complexa cadeia comercial das transnacionais. Tradicionalmente os vegetais vendidos em Nova Iorque no Inverno eram produzidos no clima quente da Califórnia. Hoje o suprimento de hortaliças e frutas dos principais centros consumidores norte-americanos vem do México. Até poucos anos atrás os aspargos consumidos em Manhattan vinham da região central da Califórnia. Hoje vêm de uma pequena cidade mexicana chamada Irapuato, 150 km ao norte da Cidade do México. Duas firmas norte-americanas a *Del Monte* e a *General Foods* controlam 90% da produção mexicana de aspargos.





B. HISSO

As exportações feitas pelas transnacionais para mercados ricos provocaram uma enorme evasão de alimentos produzidos no México. As vendas de milho quintuplicaram até chegar a 47 mil toneladas em 1974. Em apenas seis anos, na década de 70 as exportações de pepinos passaram de quatro para 66 mil toneladas. Metade dos tomates vendidos nos Estados Unidos vêm do México, o mesmo acontecendo com os morangos e berinjela. Em apenas 15 anos, os mexicanos passaram a exportar em média 75 mil toneladas de morangos para os Estados Unidos. Sete empresas norte-americanas controlam toda a produção, usando variedades que não atendem às necessidades locais mas agradam aos consumidores da costa leste.

A especialização dos cultivos mexicanos visando a exportação só foi possível mediante a redução de um terço da área plantada de feijão e milho — tradicionais alimentos do país — provocando paralelamente quer o encarecimento da comida consumida localmente, como a queda dos padrões de nutrição. Hoje, um camponês mexicano recebe um salário mensal pago a um trabalhador rural da Califórnia e consome dez vezes menos calorias por dia, enquanto as firmas *Pet Milk*, *Ocean Garden*, *Imperial Frozen Foods*, *Griffin and Brand*, e *Better Brand* registraram lucros de 250% nos últimos seis



As exportações feitas pelas transnacionais para os mercados ricos provocaram uma enorme evasão de alimentos produzidos no México

banho global'

mesmo processo de alteração da produção nos países do Terceiro Mundo atinge o mercado da carne bovina. Entre 30 a 50% da carne produzida na América Central é exportada. Em 1975, a Costa Rica, por exemplo, com uma população de quase 2 milhões de habitantes, exportou 30 mil toneladas de carne para os Estados Unidos. O consumo de carne *per capita* no país caiu de 25 quilos por ano para menos de 17. Segundo o *Brookings Institution* Estados Unidos, se a Costa Rica tivesse

consumido localmente esta carne, o índice *per capita* teria passado para 50 quilos por ano, e seria talvez um dos mais altos do mundo. Os altos lucros obtidos na exportação, levaram os fazendeiros centro-americanos a abandonar quase que totalmente a produção de leite, o que provocou o aumento do preço e a carência geral do produto para crianças pobres.

A intensificação do abate de gado para exportação teve como consequência também o aumento da actividade das transnacionais que lidam com rações. Assim a soja brasileira é processada pela *Cargill* norte-americana que fabrica rações para o gado



Através da propaganda, as transnacionais mudaram os hábitos alimentares do Terceiro Mundo. Na foto, uma rapariga indígena come sorvete numa área onde há fome, em Huancayo (Peru)

da Costa Rica, que depois de abatido vai ser processado na Filadélfia para posteriormente ser consumido no Japão e na Europa. É a fazenda global produzindo para o supermercado global.

Na Colômbia, a *Ralston Purina*, fabricante de rações para aves decidiu criar uma "indústria de produção" de galinhas partindo do zero, e tendo como grande incentivo facilidades fiscais e uma mão-de-obra baratíssima. Primeiro a *Purina* deu créditos para os criadores importarem pintos. Pouco depois havia tantos frangos que a mesma *Purina* deu créditos para plantações de sorgo para rações, que substituiu áreas imensas onde o milho era tradicionalmente cultivado. Na década de 60 a área plantada para vegetais de consumo popular diminuiu enquanto a superfície das lavouras de soja e sorgo aumentou seis vezes. Em consequência a produção de frangos para abate e posterior exportação passou de 11 milhões de cabeças para 25 milhões em menos de seis anos. Para os pequenos camponeses da Colômbia, as transformações desencadeadas pela transnacional *Ralston Purina* significaram uma queda de dois terços no teor médio de proteínas na dieta popular, já que um hectare de terra cultivada com feijão ou milho para autoconsumo fornece 16 vezes mais proteínas que a carne do frango alimentado com os mesmos produtos.

32 - terceiro mundo

No Paquistão, o milho foi sempre um alimento tradicional das camadas mais pobres da população. O preço era baixo e além disso o cereal servia como mercadoria de troca para outros produtos tanto alimentares como instrumentos de trabalho. Mas a partir da década de 60, a transnacional *CPC International* assumiu o controlo da maior companhia de cereais do Paquistão, a *Rafhan Maize Products*, e passou a incentivar o cultivo de milho em grandes propriedades. A *CPC* começou a industrializar a sua produção e com isso o preço do milho quintuplicou, ficando inacessível ao consumidor pobre. A sua dieta consequentemente piorou e o país está hoje na lista dos mais subnutridos da Ásia, embora há menos de 30 anos ele fosse auto-suficiente em alimentos e apresentasse uma população adequadamente nutrida.

### Sorvete para os famintos

Além de modificarem radicalmente o sistema de produção de alimentos, as transnacionais envolvidas na Fazenda Global, mudaram os hábitos alimentares de milhões de habitantes do Terceiro Mundo através do Supermercado Global. O principal instrumento desta mudança foi a propaganda, mobilizando quantias milionárias para tentar mudar hábitos, apresentando os novos produtos industrializados como superiores aos tradicionais.

Uma estatística revelada no livro *Food First* indica que apenas um décimo do preço dos alimentos industrializados postos à venda nos países pobres corresponde ao custo da matéria-prima. Todo o restante é consumido pela propaganda (quase 20%), comercialização, transporte e administração. Além disso a média do poder nutritivo dos alimentos processados pelas transnacionais é 40% menor do que o mesmo alimento consumido *in natura*.

Para se ter uma ideia de como as transnacionais agem, o mesmo *Food First* reproduz uma notícia publicada no jornal *Financial Times* em Março de 1973: "novos mercados para sorvetes, salsichas e comida congelada fabricados na Grã-Bretanha estão a ser abertos pela *Unilever* no interior da Libéria e Serra Leoa. Actualmente a empresa mantém *freezers* nas pequenas aldeias com luz eléctrica, que recebem produtos congelados directamente de Liverpool e Londres. No Zaire, os mesmos artigos têm sido desembarcados no porto de Matadi de onde seguem em vagões frigoríficos para o interior ou são transportados em *containers* frigorificados por avião".

A propósito, a *Unilever* controla 80% das plantações de palmeiras do Zaire, tendo ainda enormes investimentos no Gana, Nigéria, Camarões, Gabão e Congo. É a maior firma do mundo de processamento de alimentos.



*O continente africano é quem paga o preço mais alto pela herança colonial e pela desorganização da produção agrícola provocada pelos complexos agroindustriais dos países ricos ocidentais*

## África, o ônus mais pesado da crise

Segundo a Organização Mundial de Saúde, cerca de 160 dos 500 milhões de habitantes da África estão com a sua sobrevivência ameaçada pela fome e desnutrição. Doze países do continente estão no limiar de uma catástrofe alimentar inédita em toda a história da África, segundo alarmantes estatísticas recolhidas pela Organização Mundial de Agricultura e Alimentação (FAO), no ano de 1984, e recentemente publicadas em

na África Ocidental seis os países mais atingidos pela seca e pelo contínuo avanço do deserto do Sahel. Dentro deste grupo, o que se encontra em pior situação, há dez anos consecutivos de pouca chuva e contínua redução das áreas disponíveis para o cultivo e criação animal. Segundo a

a média da população do Mali recebe menos 30% do total mínimo de calorias exigidas por ser humano para se manter vivo. Em 1984, as colheitas foram 30% menores do que a média dos anos anteriores, tornando necessária a importação de 410 mil toneladas de cereais para

evitar uma grande mortalidade pela fome.

Dois países vizinhos do Mali, a Mauritânia e o Níger, vivem também uma situação dramática pela falta de alimentos. As safras do período 1979/83 não ultrapassaram a metade dos totais atingidos nos anos anteriores. Com isto, o déficit de alimentos no Níger atingiu 465 mil toneladas e o da Mau-



160 milhões de habitantes da África estão ameaçados pela fome e subnutrição

ritânia chegou a 155 mil toneladas. Em Burkina Fasso, antiga Alto Volta, a população enfrenta a perspectiva de um terceiro ano consecutivo de baixas colheitas. A escassez de comida foi agravada pela chegada de quase 100 mil refugiados vindos de outros países, fazendo com que Burkina

terceiro mundo - 33

Fasso necessite hoje no mínimo de 185 mil toneladas de alimentos para poder atender às exigências mais prementes da sua população.

Enquanto no Mali, Mauritânia e Níger, os governos tem encontrado dificuldades para aumentar a produção de alimentos de consumo à custa das culturas de exportação, no antigo Alto Volta, os relatórios mais recentes da FAO indicam que o projecto de reduzir as *cash crops* tem tido um êxito relativo. Várias plantações de algodão do sul do país transformadas em culturas de alimentos de autosubsistência, mas os resultados ainda são insuficientes para atender ao enorme déficit alimentar.



Em Burkina Fasso (ex-Alto Volta) a escassez de comida foi agravada pela chegada de quase 100 mil refugiados dos países vizinhos

No Senegal, as plantações de amendoim destinadas à exportação continuam a dominar largamente a agricultura do país, que não realizou qualquer esforço para alterar o seu esquema de produção agrícola por causa das exigências do FMI. O Fundo pretende que o Senegal continue a exportar elevadas quantidades de amendoim para manter a balança de pagamentos, sobrecarregada especialmente com a importação de arroz. Só os habitantes de Dakar (um milhão de pessoas) consomem mais arroz que toda a capacidade das lavouras instaladas no país para este tipo de cultura. Os dois últimos anos de pouca chuva no Senegal criaram um déficit de cereais calculado em 540 mil toneladas, apesar do aumento de 35% nas safras agrícolas registadas em 1983/84. A população do Senegal atinge os índices mínimos de suprimento calórico diário fixados pela FAO, ao contrário da Gâmbia, um país incrustado em território senegalês e que também depende das exportações de amendoim para sobreviver.

Em Cabo Verde (ver artigo nesta edição) quase não chove há 15 anos. No final do ano passado a situação melhorou um pouco, mas não foi possível recuperar as colheitas, que deverão atingir no

máximo três mil toneladas, ou seja apenas 75% dos totais registados nos cinco anos anteriores. Com isto a FAO prevê que esta ex-colônia portuguesa, vai precisar receber do exterior 65 mil toneladas de cereais.

Costa do Marfim, Gana, Togo e Benin não vivem uma situação tão dramática como os demais países da África Ocidental. Nestas quatro nações choveu razoavelmente no segundo semestre de 1984, depois de uma aguda estiagem no período 1982/83. A Costa do Marfim tem a sua agricultura dominada pelas culturas de exportação (café, cacau e madeiras em bruto), mas nos últimos meses a produção de comida para consumo interno aumentou em 7%, embora o país não seja mais autosuficiente em arroz. Só agora o Gana começa a recuperar-se da crise provocada pelo fim de enormes plantações de cacau, o que desequilibrava violentamente a sua balança de pagamentos, tornando necessário reduzir a importação de alimentos. A área destinada à agricultura de consumo aumentou apesar da seca, mas os esforços do presidente Jerry Rawlings para reduzir a escassez de alimentos foram anulados pelo retorno de quase um milhão de ganenses que viviam na Nigéria e que foram expulsos do país em 1983.

O mesmo fenómeno afectou também os stocks de alimentos no Togo e no Benin, onde as reservas não foram suficientes para atender os imigrantes expulsos da Nigéria. No Gana, Togo e Benin as previsões agrícolas para 1985 são optimistas, o que significa que a situação não vai piorar, mas mesmo assim será necessária a importação de mandioca e sorgo.

Na Guiné, as boas condições climáticas no sul foram neutralizadas pela queda da safra agrícola no norte. Com isso o país vai enfrentar em 1985 o sexto ano consecutivo de declínio na produção alimentar *per capita*. De 1969 até hoje, a produção *per capita* já caiu quase 15%, o que obrigará a Guiné a importar 65 mil toneladas de cereais para satisfazer as necessidades nacionais, aumentadas pelo regresso de quase 150 mil exilados que começaram a voltar desde o golpe de Abril do ano passado. Em compensação, na vizinha Guiné-Bissau a produção agrícola voltou ao normal, com o aumento da área destinada à agricultura de auto-subsistência, mas o sector exportador continua em crise.

Na Serra Leoa e Libéria não chegou a haver seca nos últimos dois anos, mas os dois países mesmo assim enfrentam problemas alimentares. A causa é a mudança dos hábitos alimentares provocada pela importação em grande escala de arroz desde a década de 60. Ambos os países importam em média 100 mil toneladas de arroz por ano, para satisfazer as exigências de um consumo estimulado de fora, graças às facilidades oferecidas no passado por ex-



Depois de anos de seca, os países da África Meridional começaram a respirar aliviados pelas chuvas caídas no final do ano passado

adadores asiáticos e pelas transnacionais norteamericanas. Tanto em Serra Leoa como na Libéria foram feitas tentativas de criar lavouras de arroz para consumo local, mas as más condições do solo, irrigação e clima fazem com que o rendimento seja apenas sete toneladas por hectare, enquanto na Ásia o rendimento é quatro vezes superior. A Nigéria é o país mais rico da África Ocidental, graças às suas exportações de petróleo, mas nem por isso está livre de problemas alimentares. A produção de comida *per capita* caiu 8% desde 1981 segundo a FAO. A seca na região norte contribuiu para desequilibrar a produção interna, reduzindo as exportações de cereais e alimentos para os vizinhos, ao mesmo tempo que o contínuo êxodo de mão-de-obra do campo para a cidade contribuiu para reduzir a produtividade nas áreas mais férteis. A facilidade de créditos junto aos bancos europeus e norte-americanos serviu na década de 1970 para aumentar o número de grandes unidades agrícolas com produção voltada para a exportação, o que representou um grande desestímulo à agricultura de auto-abastecimento.

#### África Austral

Depois de quase três anos de seca, os países da África meridional da África começaram a respirar aliviados a partir de Novembro do ano passado, graças às chuvas que se prolongaram por Janeiro e Fevereiro de 1985. Mas o desafogo foi apenas temporário, e nalguns casos como em Moçambique, agravou-se por se transformar rapidamente numa nova seca, a das cheias. Seis países da África Austral foram incluídos no ano passado na lista de países em dificuldades alimentares, organizada

pela FAO. No total, mesmo depois das chuvas, eles necessitam ainda de dois milhões de toneladas de alimentos para contrabalançar os efeitos da longa estiagem.

A situação mais difícil é a de Moçambique, onde existem cerca de 2,5 milhões de pessoas subnutridas, das quais cem mil morreram no ano passado de fome e doenças. A longa seca, somada à sabotagem de grupos terroristas apoiados pela África do Sul agravaram as dificuldades de auto-abastecimento (ver artigo nesta edição) fazendo com que o país passasse a depender da ajuda externa para eliminar a maioria dos seus habitantes. No ano passado a comida vinda de fora atingiu apenas 58% das necessidades locais, porém impediu que o país enfrentasse um desastre alimentar de consequências trágicas.

Em 1985, as previsões são mais optimistas, mas tudo dependerá ainda de uma avaliação dos efeitos das cheias que atingiram o sul do país nas primeiras semanas de Abril. Em Dezembro, quando as chuvas chegaram, mais de mil toneladas de sementes foram plantadas nas áreas férteis. Depois das últimas inundações acredita-se que 20% destas culturas tenham sido perdidas, fazendo com que Moçambique ainda necessite de cerca de 350 mil toneladas de alimentos para o resto do ano.

A Zâmbia foi o segundo país mais atingido pela longa seca na África Austral. A produção de cereais desceu em 60 mil toneladas, mas cerca de 160 mil já estão asseguradas. A produção agrícola *per capita* desceu 6% pelo quarto ano consecutivo, agravando as dificuldades económicas do país que está a negociar débitos não pagos junto do FMI e encontra enormes dificuldades para destinar recursos para a agricultura de autosubsistência.



A seca também atingiu Angola, cuja produção agrícola caiu 7% no ano passado

O Fundo só está disposto a reescalonar os débitos se o governo de Lusaka concentrar os seus esforços na reorganização da exploração do cobre, em vez de atender à difícil situação da agricultura.

O Botswana, um dos principais fornecedores de carne da África Austral sofreu também uma violenta queda na sua produção agrícola. As safras foram 30% menores que nos anos anteriores, o que obrigou o governo a importar 150 mil toneladas de alimentos. Segundo as Nações Unidas, 31% das crianças com menos de 5 anos estão subnutridas, um total que representa um acréscimo de quase 25% em relação aos índices verificados no país pela Organização Mundial de Saúde, desde o início da década de 80.

A seca atingiu também Angola, cuja produção agrícola caiu em 7% no ano passado. Nas áreas mais atingidas a redução das colheitas chegou a ser de 50%, casos da mandioca, arroz e milho. As dificuldades climáticas somaram-se à acção dos grupos armados apoiados pela África do Sul e que passaram a sabotar sistematicamente os esforços do governo de Luanda de garantir o abastecimento de comida às populações mais afectadas pela escassez de chuva. O facto de exportar petróleo permitirá que Angola financie até 2/3 das suas importações de alimentos previstas para 1985, mas mesmo assim o país necessitará de 83 mil toneladas de donativos, 71 mil das quais já estão garantidas.

O pequeno reino do Lesotho, encravado dentro da África do Sul, teve uma queda de 8% na produção agrícola em relação aos anos normais. As colheitas chegaram a 140 mil toneladas de cereais, fazendo com que as necessidades de ajuda alimentar atingissem um total de 60 mil toneladas. Para 1985, as previsões são de que a safra volte a crescer, sem que se saiba ainda se ela irá ou não atingir os índices habituais. Os levantamentos iniciais feitos logo após as recentes chuvadas seguidas de inun-

dações, indicaram perdas de até 50% das lavouras nas zonas mais baixas do reino.

Em Março, a FAO retirou o Zimbabwe, o Malawi e a Suazilândia da lista dos países mais atingidos pela seca. O regresso das chuvas inverteu a situação agrícola permitindo com que no Zimbabwe e no Malawi surgissem até excedentes agrícolas exportáveis. O Malawi sofreu poucos danos por causa da seca, e a subnutrição apenas marginalmente foi agravada pela escassez de chuva. O maior problema desse país continua a ser a pobreza estrutural gerada pela desigualdade na distribuição do rendimento, e nas oportunidades económicas. Já o caso do Zimbabwe foi encarado como uma verdadeira reviravolta na situação económica do país. De um défice de quase 200 mil toneladas de alimentos passou para um *superavit* previsto em aproximadamente 800 mil toneladas, logo que as chuvas voltaram, em 1985.

No ano passado, ainda sob o efeito da seca, o governo de Harare foi surpreendido com a comercialização de quase 400 mil toneladas de cereais produzidos por pequenos agricultores, cujas safras não haviam sido previstas pelo Ministério da Agricultura por falta de levantamentos estatísticos. A maior parte destes pequenos agricultores é formado por ex-guerrilheiros e refugiados que voltaram a cultivar a terra depois de oito anos de guerra pela independência. Em 1980 o país passou a ser governado por um regime de maioria negra comprometido com um projecto socialista. Os fazendeiros brancos que continuaram no país após a independência garantiam uma safra de pouco mais de um milhão de toneladas, enquanto a agricultura comunal assegurava apenas 500 mil toneladas.

Com o regresso dos refugiados e ex-guerrilheiros às suas terras de origem, a produção familiar registou um salto para quase um milhão de toneladas no ano passado, havendo agora a previsão de que ela au-



Os problemas agrícolas são comuns a todos os países do continente africano, afectados tanto pelas inclemências climáticas como pela herança de um modo de produção distorcido

...atingir até dois milhões em 1985. A rápida recuperação da agricultura comunal e familiar foi o resultado da política de incentivos dada pelo governo e da redistribuição de terras, e ainda se encontra nas primeiras etapas. A reorganização do sector agrícola do Zimbabwe fez com que actualmente seja calculado em cerca de 900 o número de pequenas unidades rurais existentes no país, cuja produção de cereais era até agora comandada pelos quatro mil fazendeiros brancos proprietários de grandes extensões de terra nas áreas mais férteis. Se os prognósticos de 1985 se confirmarem, a safra de milho será usada da seguinte maneira: 1/3 para consumo local, 1/3 para exportação e 1/3 para a formação de um stock estratégico visando futuras quedas de produção. O Zimbabwe será assim o primeiro país da África Central a ter uma reserva de alimentos.

Mesmo sendo considerado o país mais rico do continente, a África do Sul enfrentou graves problemas de fome nos últimos dois anos. Desde 1981 a produção agrícola sul-africana caiu em 35%, o que tornou necessária a importação de 2,7 milhões de toneladas no ano passado. Para 1985, prevê-se que o défice vá ficar em torno das 500 mil toneladas. O ônus mais pesado da seca foi atribuído para a população negra sul-africana, a principal vítima da política de discriminação racial vigente no país. Segundo dados da Fundação Carnegie, de Nova Iorque, um em cada três negros africanos com menos de 13 anos está subnutrido, devido à deficiência que já atinge quase três milhões de crianças. Em 1984, as organizações de assistência governamentais deram ajuda a 600 mil negros africanos, cuja sobrevivência foi ameaçada pela seca. Este total é 30% maior do que em 1983 e não como assim outras 200 mil pessoas não puderam ser auxiliadas por falta de recursos.



#### África Oriental

Sete das treze nações que fazem parte da África Oriental constam da lista dos "países famintos" elaborada pela FAO. O défice alimentar global do Burundi, Quênia, Ruanda, Somália, Sudão, Tanzânia e Etiópia é da ordem de 1,5 milhões de toneladas, ou seja três vezes maior do que no ano passado. A produção de alimentos destas sete nações caiu para menos de 2,6 milhões de toneladas em 1984, tornando necessária a importação em 1985 de aproximadamente 3,4 milhões de toneladas, o dobro do que importaram no ano passado.

Na Etiópia, Sudão e Somália, a seca provocou a queda da produção agrícola *per capita* pelo déci-



O norte da Somália foi muito afectado pela seca

mo ano consecutivo. A Etiópia, por exemplo, em 1974 importava 118 mil toneladas de alimentos. Em 1982 ela passou a necessitar de 273 mil toneladas. Já o Sudão quadruplicou a sua importação de comida no mesmo período, chegando a 611 toneladas em 1982. E a Somália foi dos três, o que registou o aumento mais espectacular. A importação de alimentos passou de 42 mil toneladas em 1974 para 406 mil em 1982.

No caso da Etiópia, a colheita de cinco milhões de toneladas em 1984 ficou 1,3 milhões de toneladas abaixo do total de 1983 e 20% aquém da média dos anos 79/82. O país enfrentou um défice alimentar da ordem das 917 mil toneladas. A fome na Etiópia agravou o precário equilíbrio do Sudão, com a chegada de quase 350 mil refugiados vindos do Chade e até mesmo do Zaire. A agricultura sudanesa — fortemente influenciada pela política do Banco Mundial de estimular cultivos de exportação como o algodão — registou uma quebra de safra da ordem dos 40% no ano passado. Com isso em 1985, o país terá que importar 1,15 milhões de toneladas, 4/5 dos quais terão que ser doados porque não há dinheiro suficiente para pagar pelo sistema comercial normal.

Os somalis não estão numa situação muito melhor. Na última década a região norte do país tem registado constantes períodos de seca que reduziram a metade os rebanhos de camelos e ovelhas. A irregularidade das chuvas prejudicou

também drasticamente as plantações de banana na região de Shebele. No sul, o clima não foi tão duro com os agricultores, mas as lavouras que escaparam da seca foram destruídas parcialmente por sucessivas pragas de lagartas. Apesar disto, a colheita de 1984 foi maior que a de 1983, chegando a 418 mil toneladas, mas mesmo assim a Somália terá que importar em 1985 cerca de 220 mil toneladas de comida para matar a fome de quase um milhão de refugiados da guerra do Ogaden, que fugiram do deserto em direcção ao sul.

Mas enquanto a Somália ainda não resolveu o problema dos refugiados, a pequena ex-colónia francesa de Djibouti conseguiu mandá-los de volta para a Etiópia e com isso viu aliviado o seu défice alimentar em 1984. O país ainda sofre os efeitos da seca que matou grande parte do seu rebanho entre 1981 e 1983. Outro país da África Oriental que melhorou a sua situação alimentar foi o Uganda, que no final da década de 70 e início dos anos 80 registou casos dramáticos de fome em larga escala, causada não pela seca, mas por guerras e perseguições políticas. O caso ugandês foi muito provavelmente o único exemplo africano de subnutrição em massa, como no caso da região de Karamoja, onde a causa imediata não foi a falta de comida, mas a impossibilidade de acesso aos alimentos. Em 1984, o Uganda registou excedentes agrícolas que foram suficientes para alimentar a população local e só não renderam bons lucros ao país devido à impossibilidade de transportá-los rápida e seguramente para mercados consumidores.

No Ruanda, as chuvas de 1983 terminaram antes do tempo e com isso a safra ficou quase perdida. O mesmo fenómeno aconteceu em 1984 quando a colheita foi 50% menor que no ano anterior, chegando a um total de 250 mil toneladas. Assim, o país terá que importar em 1985 cerca de 90 mil toneladas, ou seja, três vezes mais do que comprou ao exterior em 1983. Na vizinha República de Burundi, o drama é o mesmo. A actual safra foi estimada em 323 mil toneladas, muito abaixo das necessidades do país.

Na Tanzania, a distribuição irregular das chuvas provocou um fenómeno curioso. No sul a colheita chegou a 2,5 milhões de toneladas, mas no norte a devastação provocada pela estiagem acabou com a colheita, deixando o país com um défice alimentar da ordem das 430 mil toneladas, o que levou a FAO a colocar outra vez a Tanzania na lista dos países em situação alimentar crítica (ver artigo nesta edição).

O Quênia é o país mais rico da África Oriental, mas nem por isso escapou da desgraça agrícola que atingiu os seus vizinhos. Em 1983, o país era um dos poucos na África que produziu suficiente comida para alimentar a sua população. Mas a escassez de chuva reduziu as colheitas de 1984 a um



el nunca atingido nos últimos 50 anos. Em Outubro do ano passado as chuvas voltaram, fazendo que as estimativas para a safra de 1985 torcem a ser optimistas, havendo previsões de que possa chegar a 1,85 milhões de toneladas. Mesmo que este total seja atingido, o país ficará no entanto com um défice de 900 mil toneladas de cereais, conforme as últimas previsões da FAO.

Para o caso de Comores, Maurício, Seychelles e Madagascar, países situados em ilhas do Oceano Índico, o problema da escassez de chuva não chega a ter consequências drásticas sobre a falta de alimentos. Todos eles são tradicionais importadores de comida, especialmente de arroz. Nestas quatro nações africanas a deterioração da situação alimentar é provocada prioritariamente pelos desequilíbrios no comércio externo, já que elas normalmente exportam produtos cujos preços caíram no mercado internacional, ao mesmo tempo que têm a pagar preços cada vez mais altos pelo que importam. Madagascar e Seychelles sofreram também efeitos de pelo menos dois ciclones que atingiram as duas ilhas em 1984 e destruíram grande parte das plantações de banana.

#### África Central e do Norte

Depois de terminar uma visita de três semanas ao Chade, um dos dirigentes da UNICEF não teve a menor dúvida em afirmar: "a fome nesta ex-colónia francesa é a pior da África. Não há nada que se possa comparar ao drama dos chadianos, que apresentam um índice de mortalidade pela subnutrição maior que na Etiópia e só não ganharam as primeiras páginas dos jornais do mundo porque a quantidade de pessoas atingidas pela falta de comida é menor que no Corno de África".

O Chade é, na verdade, o caso extremo de fome no continente que paga hoje o preço da exploração colonial e do legado neo-colonialista deixado pelas antigas metrópoles. O país reúne quase todas as condições capazes de provocar fome em massa: tem guerra civil há 18 anos, está localizado em um deserto do Sahel (que cresce em média de cinco quilómetros por ano), a agricultura está paralizada pelos conflitos políticos e não existem transportes para distribuir a escassa produção das pequenas unidades agrícolas familiares. Como consequência, metade dos 4,5 milhões de habitantes do Chade tem dificuldades para encontrar comida. Entre 200 mil a um milhão de chadianos recebem por dia apenas 23% do mínimo de calorias alimentares estabelecido pela FAO como indispensável à sobrevivência.

O Chade colheu em 1984 cerca de 335 mil toneladas de cereais, 155 mil toneladas menos que em 1983. Para 1985 prevê-se a necessidade de uma produção alimentar da ordem das 230 mil toneladas.



A queda da produção agrícola da Etiópia traduziu-se numa drástica redução das colheitas

Muito dificilmente o país receberá a comida que necessita em quantidade suficiente e a tempo, porque os alimentos têm que percorrer em média mais de três mil quilómetros de péssimas estradas, nem sempre seguras, até chegar aos locais de fome crítica. O Chade não tem acesso ao mar, e as previsões mais optimistas afirmam que apenas metade da ajuda necessária chegará ao seu destino.

Os demais países da África Central não registam uma situação tão difícil como o Chade. A República Centro Africana, depois de sofrer um período de seca aguda em 1983, recuperou-se no ano passado e a produção agrícola voltou a crescer. Mas o problema é que o governo centro-africano em vez de favorecer a agricultura de consumo local investiu mais de 70 milhões de dólares, recebidos recentemente de bancos estrangeiros, na aplicação de cultivos de exportação como o café e o algodão.

Nos Camarões, Zaire e Gabão, as reservas de petróleo garantiram o pagamento de importações de alimentos para a população, ao mesmo tempo que chuvas razoáveis proporcionaram à agricultura fa-

**DEFICIÊNCIAS ALIMENTARES NOS PAÍSES MAIS AFECTADOS PELA SECA**  
(números em milhares de toneladas)

Países	Produção de cereais		Ajuda necessária	Ajuda garantida	Défice
	1984	% dos anos anteriores			
Etiópia	5000	80	1500	583	917
Sudão	1650	55	950	566	384
Níger	780	58	475	140	335
Mali	700	73	410	92	318
Burkina Fasso	1100	96	185	17	168
Chade	315	57	280	113	167
Tanzania	2450	100	256	123	133
Mauritânia	20	41	155	52	103
Moçambique	378	85	500	425	75
Marrocos	3715	96	400	334	66
Quênia	1850	72	425	364	61
Senegal	680	92	120	68	52
Burundi	323	80	65	16	49
Zâmbia	920	95	206	163	43
Ruanda	249	83	63	25	38
Cabo Verde	3	75	60	26	34
Botswana	8	30	33	19	14
Somália	418	111	150	137	13
Angola	335	93	83	76	7
Zimbabwe	1628	80	212	210	2
Lesoto	140	82	61	61	0

**Observações:**

1) Dados fornecidos em Janeiro de 1985 pela FAO.

2) Na coluna % dos anos anteriores pode ser avaliada a queda da produção. No caso da Etiópia, por exemplo, segundo a FAO, a produção atingiu apenas 80% da safra de 1983, ou seja, registou-se uma queda de 20%.

miliar um mínimo de condições para a autosubsistência das populações no interior. Mas estes três países, com a possível excepção dos Camarões, podem a qualquer momento voltar a viver dificuldades alimentares porque o equilíbrio no abastecimento de comida depende do comportamento dos preços dos produtos exportados, principalmente o petróleo e diamantes. Eles não têm condições de se autoabastecerem em alimentos devido à política oficial de favorecer as importações de cereais.

No norte de África, segundo a FAO, apenas a Líbia e a Tunísia aumentaram a produção *per capita* de alimentos desde os anos 70, numa percentagem que variou em torno dos 27%. No Egipto e Marrocos, ela caiu 15% e na Argélia, a produção *per capita* de comida baixou 25% em relação aos índices de 1975. No Egipto, Marrocos e Tunísia, a população consome diariamente em média uma ração alimentar cujo teor energético está 16% acima do mínimo fixado pela FAO. Na Líbia, o teor

médio está 47% acima desse mínimo, enquanto na Argélia a média fica abaixo. Nenhum deles, no entanto, regista problemas de fome porque os respectivos governos conseguem receitas suficientes com as exportações para pagar a importação de alimentos.

A agricultura familiar, nomeadamente a dos nomadas e dos pequenos camponeses, contribuiu com uma boa parcela para o autoabastecimento das regiões rurais, mas nenhum dos cinco países da África do norte é, em termos globais, autosuficiente em alimentos. A médio prazo, além da dependência externa no sector alimentar, os problemas mais sérios para a manutenção de um equilíbrio mínimo no fornecimento de comida são a alta taxa de crescimento demográfico na área (de 2,7 a 3,1% ao ano) e o acelerado ritmo de urbanização (2,9% no Egipto e 8,1% na Líbia), o que até ao ano 2000 deverá gerar sérias deficiências (Artigo baseado num trabalho da *Africa News* — Fevereiro/85)



*A introdução de um sistema produtivo na agricultura, de orientação socialista, é uma experiência difícil e ainda inacabada. Partindo de pontos diferentes, tanzanianos e moçambicanos chegaram à mesma conclusão: não há outro método senão o do erro e acerto*

## Duas experiências socializantes com camponeses

herança deixada pelo colonialismo europeu em África foi extremamente pesada não apenas no que se refere à destruição da cultura tradicional e das reservas de fertilidade solo ou equilíbrio natural. Nos países do continente onde após a independência assumiram revoluções de tendência socialista, as enfrentadas pelos novos governantes foram de uma maneira muito difíceis. A experiência moçambicana é representativa do tipo de escolha que governos nacionalistas têm que fazer em logo após a conquista do poder. Com a fuga em massa dos colonos portugueses a partir de 1975 a agricultura moçambicana ficou completamente desestruturada. Em dois anos seguintes à independência, os colonos de origem europeia passaram de 250 mil para apenas 20 mil. A maioria dos latifúndios foram abandonados, as indústrias de capital transnacional foram paralisadas e o circuito de comercialização da produção familiar interrompido pela fuga dos "canalistas", os portugueses que faziam o pequeno

comércio a nível de aldeia, ou vilarejo. A rigor, a única estrutura que ficou de pé foi a da agricultura familiar de autossustentação espalhada por áreas imensas, onde era impossível reorganizar rapidamente a produção. O sector social que mais rapidamente sentiu os efeitos da desestruturação da agricultura foi o urbano, já que quase todos os



Após a independência de Moçambique, com a saída dos colonos portugueses, a única estrutura que ficou de pé foi a agricultura de subsistência

alimentos consumidos nas cidades eram produzidos por granjas controladas pelos colonos portugueses, que na hora da fuga chegaram a requintes de destruição de tudo quanto era impossível ser levado, como metralhar até 20 mil galinhas.

A grande maioria dos novos quadros dirigentes

de Moçambique havia-se formado politicamente na guerrilha e conhecia teoricamente os modelos económicos da China, União Soviética e outros países socialistas que organizaram a sua agricultura com base na unidade agrícola estatal. A afinidade ideológica e as alianças políticas surgidas na dura luta contra o colonialismo fizeram com que o *know how* soviético, chinês, coreano, búlgaro, fosse o mais acessível, bem como a tecnologia agrícola desses países. Estas facilidades, somadas ao facto de o novo governo ter de alimentar uma considerável população urbana, indispensável à montagem da administração revolucionária, fizeram com que os dirigentes da FRELIMO optassem prioritariamente pela estratégia da *machamba* estatal (*machamba* é o nome moçambicano para fazenda) e pela importação de alimentos para suprir o défice alimentar nas cidades.

As *machambas* estatais, como solução para o problema agrícola moçambicano, acabaram no entanto por não resultar, nem conseguir resolver o défice de alimentos. Além de exigirem um complicado mecanismo burocrático para funcionar, esbarraram no problema da carência de mão-de-obra nas épocas de plantio e colheita, bem como nos problemas de comercialização. No período colonial não faltava mão-de-obra porque os colonos e as transnacionais usavam o sistema de trabalho forçado, o *chibalo*, para satisfazer as suas necessidades sazonais, e a comercialização era garantida pelas ligações internacionais do colonialismo. Como tanto o *chibalo* como a exploração externa foram eliminados após a independência, a grande unidade agrícola estatal acabou por pagar o preço da emergência económica.

A partir de 1978, a FRELIMO manteve as unidades agrícolas estatais que se mostraram produtivas (foram poucas) e passou a dar maior apoio à média e pequena propriedade e às pequenas cooperativas. A mudança de rumo poderia ter dado resultados positivos em condições de normalidade. Porém o país já atravessava uma conjuntura especialmente difícil na qual o clima de guerra gerado pelos ataques sul-africanos e as sabotagens dos gru-



A FRELIMO optou prioritariamente pela estratégia da *machamba* estatal e pela importação de alimentos

pos contra-revolucionários financiados por Pretória passaram a ter um papel dominante.

Se a circulação de bens e produtos agrícolas já era complicada pela precariedade dos circuitos de comercialização, ela chegou à beira do colapso com a acção dos bandos armados, apoiados pela África do Sul. O abastecimento das cidades tornou-se difícil devido às sabotagens, mas no interior a situação alimentar não era crítica porque a estrutura familiar de produção continuava a funcionar.

O problema do camponês era o sistema de comercialização. O desaparecimento do "cantineiro" português complicou a troca do excedente da produção agrícola familiar, em geral alimentos de consumo, por bens como o sal, roupas, e equipamentos agrícolas como arados, enxadas e pás.

O governo tentou comprar a produção excedente pagando em dinheiro, mas as dificuldades de abastecimento dos produtos essenciais ao camponês fizeram com que estes passassem a recusar qualquer transacção que não envolvesse a troca. Uma parte da produção agrícola familiar chegava ao mercado consumidor urbano através das "candongas", por meio da qual o camponês trocava verduras, carne ou ovos por farinha, sal, tecidos, ou recebia moeda estrangeira com a qual poderia nas lojas francas comprar produtos importados. Esta situação ficou pior com a seca que começou em 1981 e durou até ao final do ano passado, atingindo drasticamente a agricultura familiar que até então havia sobrevivido à guerra, ao boicote estrangeiro e aos desequilíbrios económicos internos. A fome tornou-se dramática, e obrigou o governo a adoptar soluções heróicas.

#### As "Ujamaas"

Na Tanzania, uma ex-colónia britânica na África Oriental, a procura de um equilíbrio alimentar no período pós-independência também não tem sido fácil. Tal como em Moçambique, a Tanzania tinha a sua agricultura dividida na época colonial em dois sectores: a familiar e a voltada para o comércio externo, dominada pelos interesses estrangeiros. O lucro das exportações estava assegurado pela baixíssima remuneração da mão-de-obra, e os trabalhadores aguentavam os salários ínfimos porque tinham a sua pequena porção de terra onde se cultivavam os próprios alimentos. Com a independência em 1961 e com o agravamento dos conflitos entre o governo nacionalista e as empresas estrangeiras, que queriam manter as taxas de exploração da época colonial, o presidente Julius Nyerere lançou a ideia das aldeias comunais, as *Ujamaas*, como a grande solução para os problemas agrícolas do país.

A opção pela agricultura comunal foi instituída em Janeiro de 1967, com a Declaração de



Ao lançar o movimento das *ujamaas* o governo tanzaniano procurava basicamente a autosuficiência alimentar

na sua decisão de chegar a uma organização so-  
ta da produção agrícola através da reunião  
camponeses dispersos em pequenas cooperati-  
vitas e três por cento das *shambas* (proprie-  
dades agrícolas) têm menos de três hectares de  
terreno cultivadas basicamente por uma mesma  
família. Estes minifúndios englobam 80% da popu-  
lação do país e produzem 75% de todas as expor-  
tações nacionais.

Para deflagrar o movimento das *Ujamaas*, o go-  
verno tanzaniano procurava basicamente a auto-  
suficiência alimentar e a racionalização das activi-  
dades agrícolas. O ideal comunitário, uma velha  
tradição africana, poderia ser rapidamente com-  
plementado com benefícios tais como a ampliação  
de instalações sanitárias, escolares e assistenciais,  
a realização era impossível se os camponeses vi-  
am espalhados por uma área muito extensa.

Além das vantagens práticas, as *Ujamaas* tinham  
um objectivo ideológico, o de criar uma sociedade  
cooperativa. Mas o projecto de Nyerere teve que  
ser aplicado de cima para baixo, através de uma  
mobilização dos quadros políticos do parti-  
do TANU (União Nacional Africana da Tan-  
zânia). Não havia outra opção, na medida em que  
o país se tornara independente há apenas cinco  
anos (1962) e a esmagadora maioria dos campone-  
ses não estava incorporado no esforço de re-  
construção nacional. Nas *shambas* familiares pre-  
dominava o individualismo.

A acção governamental acabou por se chocar  
com a velha resistência dos camponeses contra as  
interferências externas, muito comuns na época  
colonial, quando primeiro os alemães e depois os  
britânicos usaram a força para impor cultivos e  
métodos. Além da resistência individual dos cam-

poneses, o projecto das *Ujamaas* gerou um acelera-  
do aumento da burocracia urbana, num país onde  
as oportunidades de emprego eram poucas face ao  
atraso económico e onde o rápido crescimento de-  
mográfico atirou para o mercado de trabalho um gran-  
de número de jovens. A soma destes dois factores  
fez com que de Janeiro de 1967 a Maio de 1969  
apenas 400 aldeias *Ujamaas* fossem criadas.

A lentidão levou o governo a intensificar a sua  
acção, usando pressões para forçar a aglomeração  
de camponeses em aldeias comunitárias. No final  
de 1971, o número de *Ujamaas* cresceu para quase  
4.500, mas a produção agrícola não acompanhou  
na mesma proporção e a escassez de alimentos foi  
agravada pelo início de uma longa seca e pela redu-  
ção acentuada das divisas necessárias à importação  
de cereais.

Em 1973, o governo tanzaniano tornou compul-  
sória a formação de aldeias agrícolas, ampliando  
ainda mais o alcance das *Ujamaas*. Além disso  
começou um programa de remoção em massa de  
camponeses para as novas aldeias, num movimento  
que envolveu cerca de dez milhões de pessoas. Foi  
um dos maiores deslocamentos populacionais já  
registados em África, e que paradoxalmente acon-  
teceu sem provocar rebeliões ou levantamentos,  
comuns noutros países. Foi também a tentativa  
mais profunda de mudar a forma de organização  
da produção entre os pequenos camponeses.

O novo projecto no entanto coincidiu com o  
agravamento da seca e com a profunda desorgani-  
zação do comércio externo da Tanzânia, em con-  
sequência da alta dos preços do petróleo. As difi-  
culdades adicionais reduziram de 15 para 12,5% o  
total de investimentos na agricultura e os créditos  
aos pequenos agricultores caíram de 6,7 para 5,2%  
no orçamento do *Tanzania Rural Development*



Em Moçambique, a mudança de rumo da agricultura poderia ter resultado em condições normais

*Bank.* No mesmo período, o governo passou a dar mais ênfase às unidades agrícolas estatais, cuja área foi duplicada entre 1979 e 1981, como parte do esforço para garantir cultivos de exportação e o reequilíbrio da debilitada balança de pagamentos. O governo, encabeçado por Julius Nyerere, percorreu de certa forma o caminho inverso de Moçambique, saindo da propriedade comunal para a *shamba* estatal.

A experiência de reorganização da produção agrícola na Tanzânia já tem 19 anos. Ela ainda não conseguiu resolver os problemas alimentares do país, que continua na lista crítica da FAO, nem afastou definitivamente o fantasma da fome em massa. Os resultados económicos do projecto das *Ujamaas* está aquém do esperado por Nyerere, mas no campo social os resultados foram significativos. A concentração do esforço educacional em aldeias permitiu com que a alfabetização alcançasse os 70%, uma das três mais altas de África; que 45% da população tenha acesso a suprimentos de água potável; que exista uma enfermeira para cada 3.080 pessoas (antes da independência a proporção era de uma para cada 10.330 habitantes) e que funcionasse um completo sistema de assistência à velhice.

44 - terceiro mundo



A experiência tanzaniana — que já tem 19 anos — teve resultados significativos na área social

Em maior ou menor escala, países como Angola, Etiópia, Benin, Congo, Guiné-Bissau, Cabo Verde, S. Tomé e Príncipe, Gana, Burkina Fasso, Madagascar e Zimbabwe viveram ou ainda vivem experiências semelhantes às de Moçambique e Tanzânia. Na verdade, a herança deixada pelo colonialismo tornou impossível em muitos casos a manutenção de esquema capitalista de exploração da agricultura, uma vez que os europeus deixaram uma estrutura que só poderia funcionar na base da dependência externa e numa determinada fase das relações comerciais no ocidente.

A opção por uma via não capitalista foi assim para quase todos uma necessidade gerada pela existência de enormes contingentes populacionais sem comida, sem trabalho e marginalizados da vida económica. Mas a opção socialista trouxe consigo a necessidade de criar modelos próprios já que o resto do mundo todas as experiências aconteceram em realidades específicas muito diferentes das africanas.

A procura de soluções inovadoras ganhou características dramáticas no momento em que os países africanos tiveram que mexer prioritariamente na estrutura agrícola. Em todas as experiências socialistas do mundo este sector produtivo sempre foi o mais difícil, justamente porque afecta a alimentação popular e mexe com os hábitos seculares da população camponesa cuja cultura e tradições individualistas não são facilmente alteráveis, mesmo quando o objectivo perseguido seja a melhoria do seu nível de vida e da sua educação, e a sua participação num processo de mudança do qual ela será uma das principais beneficiadas.

Assim, a ausência de industrialização, o crescimento demográfico acelerado e a deterioração das relações de troca externas, acompanhadas não raramente de bloqueios e manobras desestabilizadoras, fizeram com que a agricultura se transformasse no nó górdio dos governos nacionalistas africanos, que se definiram pelo socialismo. (*Carlos Castilho*)



*Um dos países do Sahel que mais tem sofrido com a seca consegue, no entanto, elevar o nível de vida da população e evitar a fome. O segredo é a reorganização da agricultura*

## Construir um país, gota a gota, pedra a pedra

*Carlos Pinto Santos*

Dois países africanos chegaram à independência tão desprovidos de recursos naturais e com um meio-ambiente tão degradado como Cabo Verde. Em 1975, o abandono a que a administração colonial votara as nove ilhas agrestes no meio do Atlântico, assumira dimensões tais que a antiga colónia portuguesa corria o risco de se tornar inviável como terra de gente. Mas, logo após a independência, em 1976, o país conseguiu demorar 20 dias a confessar um dia de seca. O ministro e poeta cabo-verdeano Corsino Furtado, até então conhecido por ser o primeiro a ser

localizado no processo de desertificação do Sahel, Cabo Verde é um dos países da região que, desde 1968, mais tem sofrido os efeitos devastadores da grande seca. Quando as chuvas raramente interrompem a seca, elas vêm violentamente encurtadas, arrastam colheitas, casas e gente num rasto de destruição e enormes prejuízos materiais.

No entanto, este país integrado no grupo dos países pobres do mundo é uma excepção na medida em que não exportadora de petróleo, onde se regista uma evolução do produto por habitante e uma

subida no nível de vida da população.

Um país que oito anos após a independência reduziu a taxa de mortalidade infantil de 108 por mil para 60 por mil e que tem como previsão a eliminação total do analfabetismo até ao fim do século. País do flagelo da seca onde não há óbitos de fome, apesar de subsistir ainda a subnutrição.



Os esforços do governo para combater a seca deram resultados e no país não há subnutrição nem óbitos por fome

### Pragmatismo político

Vários factores fomentam esta situação: estabilidade política, inconformismo e tenacidade intrínseca do povo cabo-verdeano, capacidade de gestão do Estado, prática de uma política económica

terceiro mundo - 45



Contrariar o avanço do deserto e combater a erosão implica orientar recursos em infraestruturas que favoreçam a agricultura

interna e externa correcta, administração criteriosa dos parques recursos financeiros.

O reconhecido pragmatismo dos governantes caboverdeanos vai desde terem mantido a utilização da ilha do Sal pela aviação sul-africana — compensando as críticas levantadas no continente com as vantagens económicas derivadas dessa decisão que mais tarde permitiu colocarem-se como ponto de ligação nas conversações entre Luanda, Pretória e Washington —, a estabelecerem relações políticas e de cooperação económica em todos os azimutes.

Não possuindo condições reais para dispensar a ajuda internacional, o governo da Praia, que afirma ter a pretensão de ser um país modelo na utilização dessa solidariedade, orienta os seus benefícios para cobrir situações de emergência, quase anualmente presentes, mas sobretudo para criar condições de uma política de desenvolvimento.

Essa política passa, em primeira instância, pela "viabilização" de um território que tem apenas 36.800 hectares cultiváveis num total de 400.000.

Contrariar o avanço do deserto, combater a erosão, captar águas subterrâneas, evitar o arrastamento de terras, reter as chuvas, implica orientar larga fatia de trabalho e recursos na criação de infraestruturas que possibilitem projectos na agricultura, na indústria e no domínio social, traçados de forma extremamente rigorosa.

#### Milhões de acácias plantadas

Decorrida uma década de vida como nação livre e apesar do agravamento da seca, os resultados desse esforço começam a dar frutos.

Com um território onde frequentes vezes o olhar se perde até encontrar um tufo de vegetação, Cabo Verde tem agora mais sete milhões de árvores. O objectivo das campanhas de florestação,

nem sempre cumprido por ausência total de chuvas, é plantar 3.500 hectares de acácias americanas anuais (espécie escolhida pela sua capacidade de resistência à aridez com uma taxa de pegamento de cerca de 85%), correspondendo esta área a um milhão e meio de árvores.

Avançando palavras de ordem do teor "Vesti Cabo Verde de verde", o governo mobiliza a população para o florestamento e leva a cabo, simultaneamente, acções de consciencialização para protecção das árvores num povo habituado durante séculos a utilizar a madeira como fonte única de energia doméstica. Isso, porém, não impede ainda um consumo diário de 200 toneladas de lenha, cortada não se sabe bem de onde e cujo quilograma se vende ao preço da carne e três vezes mais caro que o arroz.

Muros de sustentação de terras e diques de retenção de águas juntam-se aos pequenos bosques de árvores curvadas pelo vento na transformação lenta, mas persistente, da paisagem caboverdeana. Construídos sem meios mecânicos, quilómetros desses muros feitos de pedregulhos empurrados colina acima à força de ombro, formam verdadeiros terraços em todas as ilhas para impedir que terra e sementes escorreguem pelos declives.

#### A busca da água

A captação de águas subterrâneas, dessalinização da água do mar, tratamento de águas de esgotos ou provenientes do consumo doméstico, são outros dos propósitos incluídos, com carácter de prioridade, no Plano Nacional de Desenvolvimento vigente. Por todo o arquipélago foram já realizadas, ou estão em fase de execução, obras para a busca de água que tomam a forma de poços artesianos ou galerias subterrâneas cavadas nas rochas.

Em ilhas como S. Vicente, centro da incipiente indústria caboverdeana, ou no Sal, a água só é obtida através de dispendiosos processos de dessalinização e encaminhada para as povoações (a agricultura nestas ilhas é virtualmente impossível) em canalizações enterradas no solo rochoso. Noutras como S. Nicolau, Brava e Fogo, a água vem de lençóis subterrâneos detectados em todo o território por estudos geológicos já efectuados.

Nesta ilha, citando um exemplo entre outros a água detectada no subsolo é elevada 300 metros acima através de um sistema de bombagem que faz passar por três depósitos. Este empreendimento permitiu criar 17 hectares de regadio numa zona de aridez total e abastecer pequenas povoações, situadas a 800 metros de altitude que recebem água por mais outros três depósitos de bombagens.

Com 40% de camponeses sem terra própria uma taxa de subutilização da força de trabalho (desemprego e subemprego) da ordem dos 45%



Verde inicia agora uma reforma agrária, cuidada e demoradamente elaborada, que limita a hectare de regadio e a cinco hectares de sequeiros propriedades indirectamente exploradas, excluindo as pertencentes a emigrantes.

Segundo os cálculos do Plano de Desenvolvimento, a reforma agrária e as transformações da infraestrutura nos campos deverão alargar até ao fim do século os actuais 1.800 hectares para cerca de 100 hectares. Com o sector industrial, considerada o futuro motor do desenvolvimento económico, a contribuir com menos de 10% na formação do Produto Interno Bruto, a agricultura e a pesca representam a quase totalidade das importações caboverdeanas (peixe fesco, banana, fruta viva e atum de conserva) que não chegam a 10% das importações. Este enorme défice da balança comercial é compensado pelas remessas de cerca de meio milhão de emigrantes e ajuda externa, que têm permitido um saldo positivo da balança de pagamentos.

A degradação do eco-sistema causada por anos de seca obriga os caboverdeanos a modificar o seu modo de vida e hábitos alimentares. Com o alimento básico da população — o milho — em definitivo défice, governo e técnicos agrícolas procuram lentamente persuadir o camponês a usar outros produtos, designadamente feijão, produtos de melhores condições de adaptação ao clima, para aliviar o excessivo peso desse grão na balança das importações. Mas enquanto essa reversão dos hábitos alimentares não se processa, Cabo Verde vê-se compelido a importar todos os dias ou a apelar a países e organizações doadoras, cerca de 30 mil toneladas de milho.

#### Energia renovável

Com as reservas minerais no seu subsolo, Cabo Verde iniciou nos últimos anos a exploração de energias renováveis, como a eólica e a solar, dirigidas para bombagens, dessalinização da água, e mescladas à produção de electricidade. Por outro lado, funciona há dois anos na ilha de Santiago, um sistema de biogás integrado numa unidade pecuária de criação de porcos. A matéria orgânica resultante produzirá suficiente gás metano para bombagens destinadas a irrigar uma plantação de baunilha e a iluminar a pocilga, fornecer electricidade ao aboiadoiro e à charcutaria, também integradas numa unidade agrícola pública.

#### Cooperação internacional diversificada

Um pequeno país que não teve luta armada de libertação tinha de se impor pela honestidade, prudência e bom senso. A afirmação é do primeiro-ministro Pedro Pires, proferida numa entrevista a

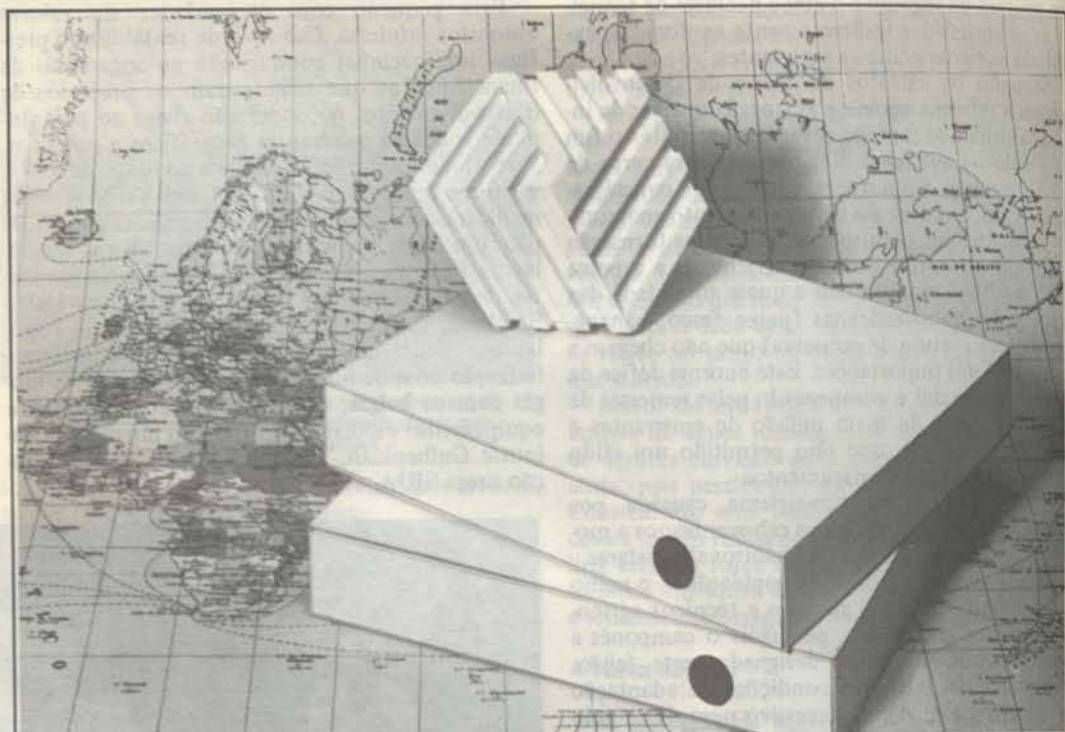
*cadernos* e traduz a prática do governo caboverdeano no domínio da cooperação internacional.

País pequeno com necessidades em valores absolutos mínimas, Cabo Verde rentabiliza o prestígio internacional conquistado na angariação de financiamentos que concretizam os projectos de desenvolvimento. A cooperação chega ao país vinda de todos os quadrantes geográficos e políticos. Percorrendo a imprensa da Praia ao longo de 1984, verifica-se, por exemplo, que Cabo Verde recebeu medicamentos e equipamento farmacêutico do Japão, um navio atuneiro da Islândia, alfaias agrícolas da República Popular da Coreia, ajuda alimentar de emergência dos Estados Unidos e da União Soviética, constrói o Palácio da Assembleia Popular com assistência chinesa, uma central de dessalinização com os holandeses e uma fábrica de biogás com os belgas, é presenteado com material e equipamento escolar pela fundação portuguesa Calouste Gulbenkian, alimentos vindos da organização sueca SIDA, etc.



A seca obrigou os caboverdeanos a modificarem os seus hábitos alimentares

Exemplo de um estilo de cooperação que, segundo a filosofia política dos governantes caboverdeanos, não deve ser encarada por um ângulo excessivamente moralista e com carácter de dádiva (os alimentos oferecidos são vendidos a baixos preços para evitar a propagação da "mentalidade de assistido" na população). Trata-se sobretudo de um investimento em que países desenvolvidos e subdesenvolvidos comungam no desejo de atingirem o mesmo objectivo e em que fiquem salvaguardadas tentações de ingerências e laços de dependência



# CIPRO

**Desenvolver é preciso.**

Consultores internacionais em projectos de desenvolvimento, somos 80 profissionais: Arquitectos, Economistas, Engenheiros, Geógrafos, Sociólogos e outros Técnicos. Constituímos a Cipro há 10 anos. Trabalhamos em Angola com a Emprojectos, U. E. E. e em Cabo Verde. Orgulhamo-nos de possuir vários prémios:

- PRÉMIO VALMOR 81
- PRÉMIO DE ARQUITECTURA E URBANISMO DOS CADERNOS MUNICIPAIS - CATEGORIA A PLANO DIRECTOR DE ÉVORA
- PLANO DE CIRCULAÇÃO E TRANSPORTES DE ÉVORA

Somos a Cipro, em Portugal, com um lema: Desenvolver é preciso.

Av. Conselheiro Fernando de Sousa, 19-9.º - 1000 Lisboa-Portugal  
Telefs. 65 70 41 / 84 / 5 - 65 46 74 - Telex 15038 CIPRO P



**CONSULTORES INTERNACIONAIS EM PROJECTOS DE DESENVOLVIMENTO, S.A.R.L.**

## África

São Tomé e Príncipe

# Dez anos após a independência

Apesar das dificuldades actuais, para o presidente Manuel Pinto da Costa, ao longo deste decénio foram construídas as bases que permitem encarar com optimismo o futuro

Baptista da Silva



"Actualmente todo o santomense conta com um mínimo para sobreviver"

O presidente santomense concedeu uma entrevista exclusiva ao nosso enviado especial na qual faz uma avaliação do decénio. Eis as suas principais afirmações:

Em 12 de Julho próximo, comemoramos 10 anos de independência da República Democrática de S. Tomé e Príncipe. Passados estes anos, assiste-se a uma situação quebra da produção de cacau — a monocultura de exportação e principal fonte de receitas — e a uma difícil situação económica e alimentar. Em termos gerais, qual o balanço deste período?

Podemos dizer que foram dez anos de aprendizagem do exercício do poder. Período, ao longo do qual, fomos conseguindo algumas realizações que, acreditamos, constituirão as bases do futuro desenvolvimento do país.

Só que, efectivamente, temos muitas dificuldades — não escondemos — de tal maneira que nem sempre os nossos desejos e os nossos planos puderam concretizarem-se. Para se fazer uma ideia das nossas limitações, basta referir que, em 1975, ano da independência, os nossos quadros superiores contavam-se pelos dedos de uma só mão. Foi a partir de 1975 que começámos

a formar os quadros no estrangeiro que estamos agora a receber.

Para além da falta de quadros, tínhamos o problema financeiro: praticamente todas as infra-estruturas que temos nas nossas empresas agropecuárias (as antigas roças) vêm do século passado. Não tínhamos, nem temos, meios financeiros para poder modernizar essas empresas. Fomos, portanto, utilizando essas máquinas do tempo do moinho-de-vento.

Porém, torna-se necessário um esforço nacional grande no sentido de modernizarmos as

empresas e apetrechá-las melhor.

Mas temos limitações em termos de disponibilidades de meios financeiros. Necessitamos de cooperação do exterior por forma a conseguirmos ajudas complementares que possibilitem às nossas empresas tornarem-se rentáveis.

### Princípios fundamentais

*Quais os principais avanços no plano social?*

— Devemos lembrar que, na época colonial, a maior parte da nossa população, dos nossos trabalhadores, não tinha qualquer

perspectiva de vida depois de ultrapassar a idade produtiva. Nós criámos a previdência social, onde estão inscritos todos os trabalhadores. Ao contrário do que sucedia na época colonial, actualmente todo o homem e mulher santomense, uma vez atingida a idade da reforma, têm a garantia de contar com um mínimo para poder sobreviver.



"Nesta década fomos conseguindo algumas realizações que constituirão as bases do nosso desenvolvimento"

Se o trabalhador tinha um acidente de trabalho, ficava praticamente condenado. Hoje, ele é assistido e, inclusive, dá-se-lhe a possibilidade de vir a ter outro trabalho caso fique incapacitado para executar aquele que fazia. São conquistas que consideramos de extrema importância para o nosso povo.

*No entanto, no campo da saúde é reconhecida uma grande falta de medicamentos disponíveis...*

— A nível de saúde temos assistência médica e medicamentosa gratuita. Há mesmo quem, especulando, diga que nós podemos ter assistência médica e medicamentosa gratuita... mas que não temos medicamentos. É um facto que temos dificuldade em os obter, dadas as nossas carências de divisas. O problema, porém, não pode ser visto dessa forma, pois estamos a viver uma situação conjuntural. É o princí-

pio que é fundamental.

O mesmo se passa no domínio da educação: ela é gratuita desde o jardim de infância até ao liceu (ainda não temos universidades no nosso país). Essas são conquistas implantadas após a independência. Constituem, para nós, bases sólidas para encarar com optimismo o segundo decénio que agora se inicia.

#### Sociedades mistas e novo código de investimentos

*Quando dizia que S. Tomé e Príncipe, só por si, não tinha meios necessários, e que necessitava de cooperar com o exterior para modernizar as empresas agropecuárias — as antigas "roças" do tempo colonial — estava a pensar na constituição de sociedades mistas para a sua exploração? Sabemos que já foi constituída com a "Caisse Centrale" — o Banco da Cooperação de França — uma sociedade desse tipo que irá explorar a antiga roça Santa Margarida, podendo vir a explorar também, num futuro próximo, a antiga roça Porto Real, na ilha do Príncipe...*

— Quando se fala em sociedades mistas é necessário precisar bem as coisas. E refira-se ainda que, no sector agropecuário, nós vamos cooperar não só com a

França, mas também com o Banco Mundial, o Banco Africano de Desenvolvimento e outras instituições internacionais.

No caso da França, por exemplo, falar de sociedade mista não é muito preciso. Há efectivamente uma participação francesa, mas 95% dos lucros pertencem a S. Tomé e Príncipe e os restantes 5% serão utilizados para remunerar a assistência ao organismo ou empresa que nos vier ajudar a melhorar a gestão das empresas agropecuárias que pertencem à sociedade mista.

Deste modo, a França ajudará-nos a formar os quadros necessários para poder dar continuidade à futura gestão das empresas sem a presença de técnicos desse país. Do mesmo modo se procederá com o Banco Mundial e com a BAD.

*Não se prevê a constituição de sociedades mistas com empresas privadas estrangeiras?*

— Nós não temos preconceitos relativamente às empresas privadas e poderemos cooperar com elas sempre que acharmos estarem os nossos interesses devidamente salvaguardados!

*Fala-se na promulgação para breve de um novo código de investimentos estrangeiros. Confirma esse rumor?*

— Sim, é verdade. Temos que rever o nosso código actual de investimentos, que está ultrapassado.

*Pensa que a difícil situação cambial do país, derivada em grande medida da quebra de produção do cacau, poderá levar S. Tomé e Príncipe a ter que negociar com o Fundo Monetário Internacional?*

— Não. Nós não encaramos essa hipótese.

*Já depois desta entrevista o Estado santomense viria a constituir uma sociedade mista com a empresa portuguesa Ramalho Rosa que irá participar na exploração da antiga "roça" Milagrosa.*

"Cinco": "somos grupo sólido..."

Entre 15 e 16 de Fevereiro realizou-se em S. Tomé a V Cimeira de chefes de Estado dos "Cinco" - Angola, Cabo Verde, Guiné-Bissau, Moçambique e S. Tomé e Príncipe. Cabe ao seu turno, de resto, a presidência dos "Cinco" até à próxima cimeira marcada já para Luanda. Que balanço faz desta última cimeira? Pensa que se verificaram progressos significativos na cooperação mútua?

O balanço é muito positivo. Temos passos significativos no sentido de consolidar ainda mais as relações entre os nossos países. Somos um grupo coeso por termos objectivos comuns e por, em conjunto, trabalharmos para alcançar esses objectivos.

Tivemos uma luta comum contra o colonialismo português e convivemos muito de perto. O nosso relacionamento não se limita ao existente entre os nossos países, muito pelo contrário: conta num relacionamento pessoal baseado numa identidade política.

A nível do concreto, durante a última cimeira pudemos avaliar as relações desencadeadas durante a reunião no sentido de reforçar a cooperação entre nós e aprovar medidas que virão a ser implementadas proximamente. Por outro lado analisámos profundamente a situação prevalecente na África Austral reiterando, uma vez mais, o nosso apoio a Angola e Moçambique na luta contra os bandidos armados apoiados pela África do Sul.

Com o documento aprovado para a África Austral na cimeira de S. Tomé, os "Cinco" pretendem reafirmar perante o mundo que estão decididos a tudo fazer para levar a África do Sul a cumprir rigorosamente o acordo de Nkomati, estabelecido com Moçambique, e os compromissos de Lusaka, com Angola.

Boaventura da Silva



Presidente Pinto da Costa: "reiteramos o nosso apoio a Angola e Moçambique na luta contra os bandidos armados"

*Não obstante, o senhor referia, na abertura dos trabalhos da V Cimeira, que a cooperação entre os "Cinco" ainda "não tinha ganho o dinamismo necessário..."*

— Como é sabido, Angola e Moçambique constituem os "dois gigantes" entre os "Cinco". Estamos convencidos de que a cooperação entre os nossos países conhecerá um novo dinamismo quando Angola e Moçambique atingirem a paz, debruçando-se a partir de então com todas as energias sobre os problemas do desenvolvimento económico. Ora este reforço terá necessariamente um reflexo muito positivo na cooperação entre os "Cinco".

Foi por estas razões que afirmámos que a cooperação entre os nossos países ainda não havia encontrado o dinamismo pretendido.

#### As relações de vizinhança

*Entre os dirigentes dos "Cinco" parece haver quem - embora defendendo a cooperação no campo político e diplomático e no campo das acções pontuais,*

*como a formação profissional, por exemplo - privilegie a integração económica nos espaços económicos em que cada um dos países se insere, seja a nível da SADCC, na África Austral, da Comunidade Económica dos Estados da África Ocidental (CEEAO) ou da África Central (CEEAC)...*

— Não se pode dizer que privilegiem... Nós dizemos, sim, que privilegiamos a cooperação entre os "Cinco", mas acontece que os nossos países estão inseridos em regiões geográficas precisas e nós não podemos, de maneira nenhuma, fechar os olhos a essa realidade.

No que nos diz respeito, S. Tomé e Príncipe, estando colocado nesta região equatorial do continente, procurará cooperar com todas as organizações de carácter económico existentes na África Central.

*Essa a razão pela qual a República Democrática de S. Tomé e Príncipe aderiu o ano passado à Comunidade Económica dos Estados da África Central?*

— Sim. A CEEAC é uma organização económica que foi criada

da tendo em conta as orientações da OUA, nomeadamente as recomendações da Conferência de Lagos, e portanto a adesão do nosso país à organização será também uma contribuição para o reforço da unidade africana nesta região...

*Mas quais as vantagens que o seu país pensa obter da adesão à CEEAC?*

— A CEEAC cria-nos, para já, um espaço muito mais vasto, o que permitirá encarar o problema do desenvolvimento de uma forma muito mais realista. Isto é válido não só para o nosso país, como para quase todos os que aderiram à organização.

Com a criação da CEEAC, os nossos países encontram um espaço muito mais vasto que possibilitará uma maior valorização de todas as potencialidades a nível interno.

Por outro lado, pensamos que à medida que a cooperação se desenvolver, o intercâmbio cultural também se aprofundará e isso dará possibilidade a que os cidadãos dos nossos países se possam movimentar mais livremente. O contacto entre os homens é determinante para o desenvolvimento. As trocas culturais intensificam-se, a cooperação política incrementa-se, consolida-se o espaço económico criado e cada um dos nossos países tira proveito desse relacionamento.

#### Defesa e não-alinhamento

*No entanto, as relações com o vizinho Gabão nem sempre foram fáceis depois da independência. Chegou a insinuar-se que o regime de Libreville estaria por detrás das alegadas manobras destabilizadoras denunciadas em 1978. Como interpretar esse facto com os esforços de cooperação regionais e, por outro lado, com a política de estrito não-alinhamento defendida pelo seu governo?*

52 - terceiro mundo



Espectador da Silva

para qualquer dos seus vizinhos. O que pretendemos é estabelecer com estes uma cooperação estreita que nos permita aproveitar dos ensinamentos de uns e outros.

#### Lomé III

*São Tomé e Príncipe é um dos 65 países ACP (África, Caraíbas e Pacífico) que mantêm uma relação privilegiada com a Comunidade Económica Europeia (CEE). A 8 de Dezembro passado, foi assinada, na capital do Togo, a nova convenção que estabelece a prática futura de cooperação entre os ACP e a CEE. O que pensa desta nova versão da convenção, conhecida por Lomé III?*

— Em termos de benefícios financeiros, Lomé III não trouxe vantagens consideráveis. Em termos da filosofia subjacente, a Lomé III é qualitativamente diferente da Lomé II, na medida em que a acção da CEE tem sido mais ou menos uma acção pontual. Financiamento deste ou daquele projecto, etc...

Ora isso não contribui de maneira nenhuma para o desenvolvimento dos países que cooperam com a CEE. Isto quer dizer que não nos interessam tanto os investimentos pontuais, mas antes investimentos que estejam enquadrados numa política de desenvolvimento. cremos que a nível da CEE essa sensibilidade já existe, nomeadamente no caso do antigo comissário Edgar Pisani, um homem que defendia essa filosofia.

Em vez de cooperação pontual, pretende-se que exista uma cooperação englobada dentro da política de desenvolvimento de cada um dos países ACP. De outro modo, continuaremos a ter, não projectos devidamente enquadrados num todo, mas pequenos "ilhéus" sem reflexos nos processos de desenvolvimento dos nossos Estados.

53 - terceiro mundo

udão:

## Um futuro ainda incerto

Após do derrube do general Numeiry, o novo regime militar enfrenta os mesmos problemas que provocaram o colapso do governo anterior, 16 anos no poder

O golpe do dia 4 de Abril não foi nenhuma surpresa dentro ou fora do Sudão. O regime autoritário e conservador do general Gaafar Numeiry havia atingido o limite do seu desgaste em quase todos os sectores sociais do país e já enfrentava fortes desconfianças dos seus principais aliados externos, os Estados Unidos e o Egipto e os governos árabes mais conservadores. A queda havia sido antecipada várias vezes por alguns jornais europeus e por alguns diplomatas que consideravam impossível a manutenção mais prolongada de um regime cujo grau de impopularidade aumentava sem cessar.

Com a ascensão ao poder do desconhecido general Ibrahim Rahman Sawar Al-Dahab, então ministro da Defesa e comandante do exército, manteve-se uma série de dúvidas sobre o futuro do país, especialmente em relação a dois pontos: a crise económica e a guerra no sul. O general Al-Dahab prometeu a democracia, mas as suas primeiras medidas foram a dissolução da Assembleia Nacional, dos parlamentos regionais, a suspensão da Constituição e a ilegalização do partido único, a União Socialista Sudanesa. Voltou a oferecer a amnistia aos guerrilheiros sul, quase idêntica à proposta feita por Numeiry em Fevereiro.

Mas os planos económicos foram vagos, e indefinidos os seus propósitos para reunificar o país.

Tanto a economia como a guerra são problemas urgentes porque afectam directamente as bases de sustentação do novo regime. A herança económica deixada por Numeiry é trágica, com uma dívida externa calculada em oito mil milhões de dólares, uma queda acentuada do poder aquisitivo dos assalariados, um desequilíbrio enorme no comércio externo, uma seca violenta na região norte do país, um desem-

prego que segundo alguns cálculos chega a quase 30%, corrupção generalizada e a paralização das actividades no sul em consequência da guerra.

Esta situação caótica acontece num país que foi considerado pela FAO como um dos possíveis celeiros da África, diante da qualidade das suas terras e pela possibilidade de ampliar a área cultivada, através de obras de irrigação relativamente pouco dispendiosas.

### A crise económica

A deterioração da economia está na origem da onda de protestos populares que atingiram o país desde o começo de Março e que culminaram com a paralização geral do Sudão nas vésperas da queda de Numeiry, com greves em quase todos os sectores. Além disso, os efeitos da seca provocaram o virtual colapso do suprimento de comida. Nada menos de 100 mil famintos, vindos da região de Kordofan aglomeraram-se nos arredores de Cartum desde o início do ano, enquanto de países vizinhos como o Chade e a Etiópia não cessa uma corrente contínua de refugiados que se-



Numeiry e Reagan: sorrisos que duraram pouco

gundo a ONU já atingiu um total de quase 300 mil pessoas.

Os apelos dramáticos das organizações assistenciais tiveram resposta, mas os alimentos acumularam-se nos portos porque o governo de Numeiry deu prioridade ao desembarque e transporte de material bélico destinado a combater os guerrilheiros do sul. Houve um momento em que o regime deposto tentou uma remoção em massa, chamada ironicamente de "Retorno Glorioso", dando um saco de comida a todos os que aceitassem serem levados de volta à sua terra de origem. A operação foi um enorme fracasso. Apenas uns poucos refugiados aceitaram a oferta, porque sabiam que o retorno não seria nada glorioso e representaria a morte certa pela fome e desnutrição.

O acúmulo de dívidas não pagas juntamente com os credores externos fez com que, em pelo menos três oportunidades nos últimos dois anos, o Sudão fosse considerado tecnicamente falido pela comunidade bancária internacional. Desde Janeiro, o FMI vinha pressionando Numeiry a cortar todos os subsídios à alimentação e desvalorizar novamente a moeda nacional como condição para abrir de novo as torneiras do crédito internacional, que poderiam permitir ao Sudão a compra de combustíveis (já estavam racionados) e recursos para pagar o funcionalismo público (os salários estavam atrasados desde Janeiro). O regime deposto acabou cedendo por absoluto desespero de causa, sabendo que o fim dos subsídios representava a sua sentença de morte.

Mas o derrube de Numeiry não parece ter mudado basicamente a relação de forças dentro da elite política e econômica do norte do Sudão. Esta elite dominou o poder no país desde o período colonial, quando os britânicos estabeleceram propostas para garantir os seus interesses. Primeiro foram os egípcios, de-



General Abdul Rahman Al-Dahab

pois a coroa britânica passou a manobrar os diferentes sectores da burguesia sudanesa, atirando uns contra os outros, enquanto dividia o país entre norte e sul com o objectivo de garantir o suprimento de mão-de-obra barata fornecida pelas populações pobres da região meridional.

#### A guerra no sul

A burguesia sudanesa há muito dividida entre os mahdistas (movimento de cunho nacionalista-burguês, liderado por Muhammed Ahmad, mais conhecido como Mahdi — o salvador — e que liderou a luta contra o colonialismo no século passado) e várias facções como os republicanos, liberais e os muçulmanos ortodoxos. Os interesses desta burguesia estão baseados na agricultura, no comércio e na administração. Ela sempre foi forte porque se vinculou ao capital estrangeiro e usou a mão-de-obra semi-escrava do sul. Mas as rivalidades internas sempre serviram de pretexto para sucessivas conspirações.

Com o desgaste acentuado

das estruturas partidárias da elite nortista nas décadas de 40 e 50, ela passou a agir através das forças armadas, fomentando golpes e contra-golpes num quadro de instabilidade que ganhou a sua expressão máxima na guerra civil de 17 anos contra o movimento autonomista Anyanya, entre 1956 e 1972. Na época, a parte meridional do Sudão começou a registar algum desenvolvimento económico, depois de ter recebido incentivos dos britânicos para desenvolver plantações de algodão. A exploração indiscriminada pela burguesia do norte provocou o levantamento, que só foi resolvido num acordo de paz assinado na Etiópia, quando Numeiry já era presidente.

Mas os interesses económicos acabaram por predominar sobre a reunificação nacional, e a guerra voltou a tomar conta do país desde 1978 quando surgiu a Anyanya II. O agravamento da crise económica e a rebelião aumentaram as divisões entre a burguesia nortista, fazendo com que Numeiry mudasse constantemente de alianças partidárias. Inicialmente apresentou-se como um seguidor do nacionalismo mahdista. Depois voltou-se para os republicanos e há três anos começou a cortejar os muçulmanos, chegando a introduzir em 1983 a lei islâmica. Mas as pressões do sistema bancário internacional e do FMI, que não gostavam da *sharia* (lei muçulmana) acabaram por fazer com que em vésperas do seu derrube, Numeiry rompesse com a influente Irmandade Muçulmana.

A mudança de governo ocorrida no início de Abril parece ter sido um esforço da burguesia para se ver livre de um governo impopular e tentar uma nova acomodação cujo objectivo principal é evitar que o poder lhe escape das mãos. A acomodação não será fácil, porque a crise económica não poderá ser resolvida sem soluções drásticas, e os pauperizados assalariados urba-





Apesar da rebelião ter sido apresentada como um conflito religioso, a verdade é que se trata de um problema político entre muçulmanos e animistas

e trabalhadores rurais parecer chegaram ao limite da tocia.

Além disso, a normalização só é possível com um novo acordo com os guerrilheiros do sul, desde 1982 estão organizando em torno do Movimento Popular de Libertação do Sudão, o Exército da Anyanya. A rebelião é liderada pelo braço armado do MPLS, o Exército Popular de Libertação do Sudão, já conta com a maior parte das províncias meridionais, embora não se tenha apossado das grandes cidades. Há cerca de 100 mil soldados do exército regular envolvidos no combate aos quase 100 mil guerrilheiros, liderados pelo ex-coronel John Garang, formado em economia nos Estados Unidos e líder de uma rebelião no quartel de Bor, em 1982. Garang aderiu à guerrilha juntamente com um grande número de oficiais nascidos no sul e que passaram ao EPLS uma organização militarmente operacional em termos militares. A ampliação da rebelião fez com que fosse suscitada a exploração de petróleo na região meridional, onde ope-

ravam companhias como a norte-americana *Chevron*. Além disso, plantações de algodão cruciais para a balança comercial sudanesa foram afectadas pelos rebeldes, que hoje exigem um governo democrático e revolucionário como condição básica para um cessar-fogo. Eles estão tão fortes que recusaram ofertas de amnistia feitas tanto por Numeiry como pelo novo governo. E, principalmente, estão interessados em que a reunificação nacional seja feita em condições tais que a elite económica do norte não possa mais manter a dominação sobre as populações do sul, onde vivem um terço dos sudaneses.

Tradicionalmente, a rebelião tem sido apresentada como um conflito religioso, entre os muçulmanos do norte e os animistas (religiosos tradicionais africanos) do sul. Mas a verdade é que de momento o conflito é basicamente político e tende a adquirir características ideológicas cada vez mais marcantes.

A instabilidade no Sudão tem também enormes repercussões no contexto geopolítico do norte da África e no Médio Oriente.

O regime de Numeiry estava solidamente alinhado aos interesses dos Estados Unidos na região. As relações com o Egipto e a Arábia Saudita eram muito fortes, ao mesmo tempo que de Cartum partiam as principais ameaças contra a Líbia e contra o governo revolucionário da Etiópia.

Uma mudança radical no governo sudanês alterará todo este jogo de interesses, fortalecendo não só a Líbia, como o movimento que luta pelo poder no Chade, além de enfraquecer decisivamente os eritreus que enfrentam o governo da Etiópia. O Egipto passará a ter um flanco muito vulnerável graças à sua longa fronteira com o Sudão, enquanto os Emiratos Árabes Unidos ficarão com um vizinho incómodo. Por isso, os interesses norte-americanos e de todos os seus aliados na área estão com as atenções concentradas em torno do governo do general Al-Dahab, ao qual já foi prometido todo o apoio. Mas o general precisará mais do que a ajuda externa norte-americana para resolver os críticos problemas do seu país. (Carlos Castilho)

## Os primeiros meses de Sanguinetti

O amplo apoio político à gestão do novo presidente não impediu certas tensões com os militares, aborrecidos com algumas das medidas iniciais do governo civil

Carlos Núñez

Os uruguaios, que tiveram de passar 12 anos lendo nas entrelinhas, especulando a partir de meias palavras ou interpretando — procurando interpretar — as violentas reacções viscerais trazidas a público por aqueles que detinham o poder, têm hoje olhos e ouvidos apuradíssimos para entender o que está por detrás de cada episódio quotidiano, por mais insignificante que pareça à primeira vista.

No domingo 31 de Março, exactamente um mês depois que Julio María Sanguinetti assumiu a Presidência da República, a aprazível cidade de Treinta y Tres, às margens do rio Olimar, foi cenário de um acontecimento inédito na vida do país: com o pretexto de assistir a um festival folclórico, compareceram ali os dirigentes máximos dos quatro partidos políticos uruguaios. Ninguém teve dúvidas: se a mera presença conjunta do próprio presidente Sanguinetti, do dirigente do Partido Nacional Wilson Ferreira Aldunate, do presidente da Frente Ampla Liber Seregni e do líder da União Cívica Humberto Ciganda, não fosse suficientemente indicativa, as manifestações públicas desses



Sanguinetti historiou as conquistas democráticas alcançadas no primeiro mês de governo

mesmos dirigentes deixariam claros os seus objectivos.

Sanguinetti fez um relato das conquistas democráticas (liberdade de imprensa, de expressão, de prática política, libertação de presos, readmissão de saneados por razões políticas ou sindicais, entre outras) alcançadas em apenas um mês de governo: "não é tudo — disse —, mas é bastante". Paralelamente, o líder do maior partido de oposição, Ferreira Aldunate, endossou como se esperava as palavras presidenciais, ga-

rantando taxativamente o apoio dos partidos a Sanguinetti como presidente de todos os uruguaios" e sobretudo "como Comandante Supremo das Forças Armadas".

Esta última formulação ganhou um significado especial. Porque, obviamente, por detrás deste símbolo e explícito "cerrar fileiras" dos políticos em torno do governo há algo mais do que um mero afã retórico ou uma demonstração de civilizada boa vontade. (O próprio Ferreira Ald-

ate, assim que saiu da prisão, a adiantado que facilitaria a Sanguinetti a tarefa de governar (tais).

### "mal-estar" militar

Nos primeiros dias que se seguiram à tomada de posse presidencial, realizou-se pelo menos uma reunião entre Sanguinetti, o ministro da Defesa Juan Vilella Chiarino e os oficiais generais dos três ramos das forças armadas. Nada se soube oficialmente do teor, e nem sequer da própria realização dessa reunião. Os dois dados elementares haviam chegado a transpirar previamente: a nomeação para um posto administrativo chave no Ministério de Defesa de um coronel formado pelos condutores do processo — porque o referido coronel não gozava da sua "conqu Coast ideológica" — havia produzido o "mal-estar" dos altos comandos militares.

Esse desgosto havia sido comunicado ao executivo pelo comandante-em-chefe do exército, o general Hugo Medina, a nomeação havia sido ratificada. Consequentemente, coincidente de "protesto", o chefe da poderosa Divisão do Exército, o general Julio César Bonelli, caracterizado como "linha dura", ligado ao ex-presidente Greco Alvarez, havia solicitado a passagem à reforma. O governo nomeou então para substituí-lo — no próprio dia 1 de março — o general Carlos Berois, nomeação que não fez senão agravar o "mal-estar" militar. No momento, o episódio foi interpretado pelos observadores como uma demonstração da firmeza de Sanguinetti no exercício das suas atribuições constitucionais e como um passo em direção à ocupação de alguns espaços de poder na área militar.

De qualquer maneira, embora de outro sentido, se mostraria Sanguinetti na resolução de outro ponto que também despertava



O povo uruguaio recuperou as liberdades democráticas depois de onze anos de autoritarismo

alguma suspeita — e certamente um considerável "mal-estar" — entre os militares. Apesar de um voto do parlamento em favor de uma amnistia "geral e irrestrita" para os presos políticos (aprova da por uma estreita margem na Câmara dos Deputados), o executivo conseguiu impor uma fórmula negociada nessa matéria. Essa nova fórmula mantinha da proposta do presidente a distinção entre os "presos de consciência" ou "pelas suas ideias" daqueles que tivessem participado de "delitos de sangue" (concretamente, os acusados de "homicídio").

Contudo, essa fórmula — aprovada por ampla maioria parlamentar e promulgada imediatamente pelo executivo — determinava igualmente a liberdade efectiva de todos os presos. A 14 de Março, foram libertados os últimos 47 prisioneiros, entre eles os oito "reféns" sobreviventes do comando do Movimento de Libertação Nacional — Tupamaros (MLN-T).

A concessão de uma amnistia havia sido questionada pelos militares em diversos tons e com diversas repercussões. Do ponto de vista militar, o aspecto mais deli-



General Hugo Medina, comandante-em-chefe do exército

cado do assunto seria expresso pelo próprio comandante-em-chefe Medina, em intempestivas declarações pronunciadas no dia da renúncia de Alvarez à Presidência: "se há presos políticos que foram responsáveis por nove ou dez mortes e vão ser postos em liberdade a curto prazo — alegou Medina nessa ocasião —, não vejo porque se vá julgar membros das forças armadas por haverem cometido este ou aquele excesso". A recusa a um tal "revisonismo" (vale dizer: à in-

investigação e eventual sanção das violações dos direitos humanos perpetradas por militares e polícias durante a ditadura) encontra-se no cerne das inquietações das autoridades que ganharam novo ânimo nas horas que antecederam a "coincidência de Treinta y Tres".

#### A reunião do Centro Militar

Informações que circularam na imprensa assinalaram que, na última semana de Março, "um grupo de oficiais reformados — presumivelmente vinculados ao general Esteban Cristi (que, como Chefe da Divisão I havia tido activa participação no golpe de Estado) — tinham sido convocados para uma reunião no Centro Militar", para "avaliar politicamente a situação e traçar um balanço da primeira etapa do governo democrático". Esta informação — não confirmada nem desmentida pelos interessados — continuava a dar ênfase a que "existia um mal-estar no poder executivo dado o carácter não profissional da reunião".

Paralelamente, um rumor crescente dava conta de que estaria a circular entre a oficialidade do exército um documento atribuído ao tenente-general Medina em que se condenava a amnistia e se alertava sobre qualquer eventual germe de "revisão".

Enquanto isso, uma fonte governamental adiantava *off the record* que "só se havia comprovado a existência de uma reunião no Círculo Militar 'General Artigas', entidade de muito menor dinamismo que o Centro Militar", que reuniria os militares "mais velhos" e que, estatutariamente, contaria com o próprio Sanguinetti como "presidente honorário" na sua qualidade de primeiro mandatário. Em todo o caso, esse conjunto de informações levou à convocação do ministro Chiarino por parte da Comissão de Defesa Nacional da



Chiarino, ministro da Defesa

Câmara de Deputados, durante a qual surgiu uma informação adicional: certas guarnições militares haviam solicitado a algumas emissoras versões gravadas de declarações formuladas por dirigentes políticos (incluído o próprio ministro Chiarino), sem que o titular da pasta tivesse tido conhecimento do facto.

Esta situação extremamente difícil não se esgota aqui. É necessário acrescentar a estes factos a nomeação dos novos membros do Supremo Tribunal Militar (cujos membros anteriores renunciaram nas horas que antecederam a libertação dos últimos presos políticos, numa tentativa vã de impedir a medida), a proposta do Partido Nacional de readmitir os militares destituídos dos seus cargos durante a ditadura e a promoção do coronel Daniel Legnani para ocupar a vaga deixada no generalato pela reforma de Bonelli. Esta possibilidade foi cogitada, ao que parece por Sanguinetti. O presidente teria desaprovado a nomeação para o cargo do coronel Hugo Bértola, também proposto pelo exército.

#### "Revisionismo" e pacificação

A problemática do "revisão" foi tratada com grande

cautela por Sanguinetti. Nas suas viagens como presidente eleito — à Venezuela e à Argentina —, já havia declarado publicamente que os militares responsáveis por violações dos direitos humanos seriam julgados por tribunais civis. Uma vez assumida a Presidência, durante a sua viagem ao Brasil para assistir à frustrada tomada de posse de Tancredo Neves, Sanguinetti delineou uma formulação mais elaborada sobre esta questão. Ela parecia implicar a eventualidade de que alguns desses casos recaíssem na órbita judicial militar.

Por outro lado, em declarações à imprensa estrangeira, o chefe de Estado assegurou que o governo não promoveria tais julgamentos, o que não impediria — acrescentou — que os mesmos fossem levados a cabo por iniciativa de "alguns cidadãos" (os quais, de qualquer forma, não contariam com as mesmas possibilidades de reunir provas que o governo).

A Câmara de Deputados designou uma comissão para investigar os casos de pessoas detidas desaparecidas. Os familiares destas, por seu lado, reclamam a integração de uma comissão bilateral para isso. Nos partidos de oposição — particularmente na Frente Ampla — parece prevalecer a opinião de que sem "revisão" não se conseguirá efectivamente a "pacificação".

A cautela do presidente neste terreno está longe de ser criticável: a consolidação da democracia exige caminhar com cuidado. Exige também outra coisa, que Sanguinetti realizou sem demora: recorrer à solidariedade dos outros partidos, que influem tanto ou mais que o situacionista no êxito dessa consolidação.

#### Sindicatos e dívida externa

Mas a consolidação democrática não depende apenas — embora dependa essencialmente — da medida em que se detenha a

venção militar na vida polí-  
(Embora isso implique ineluctavelmente em desarticular o trabalho de poder da ditadura, particularmente os seus corpos clandestinos de "informação", algo muito mais difícil, certo, do que reunir os dirigentes políticos numa cidade do interior).

Depende também de reparar graves danos que o período recente infligiu a nível social e económico. Os ministros alcançaram nesse sentido alguns êxitos significativos. (O presidente, de habilidade indiscutível propositiva, e em boa medida consequente a sua figura se mostrava para além do bem e do mal", agir ainda com maior peso nos momentos e nos termos mais críticos da acção popular).

Depois de um longo período de contradições e divergências — entre outras coisas, impediu a desagregação da Frente Ampla no nome de "unidade nacional" proposto por Sanguinetti —, os acordos dos quatro partidos políticos que existem no Uruguai obtiveram um acordo negociado em torno do documento

que estabelece as linhas básicas da política económica a ser aplicada pelo governo. Nesse sentido, uma das reivindicações dos partidos opositores — a de privilegiar a recuperação do poder aquisitivo dos salários —, começou efectivamente a ser implementada. Já foi concedido um aumento dos salários no sector privado, ao qual deverá seguir-se um reajuste no orçamento dos funcionários públicos.

As medidas foram obtidas por acordo entre representantes sindicais e empresariais com a participação decisiva do Ministério do Trabalho. Um conflito — o dos trabalhadores têxteis — não directamente relacionado com essas negociações mas certamente de grande importância, pôde ser solucionado mediante participação igualmente decisiva do governo, a tempo de evitar uma paralisação geral que teria constituído a primeira prova-de-fogo da gestão económico-social do governo Sanguinetti.

Para os observadores, a atitude governamental frente aos sindicatos parece resultar nos factos muito mais flexível do que o previsto por algumas declarações

de certos políticos do Partido Colorado nas semanas que antecederam a posse presidencial. Certamente, resta ainda um conflituoso nó por desatar; o problema do desemprego, que afecta actualmente mais de 15% da força de trabalho. Mas existe um consenso no sentido de que isso não se resolve em 30 dias.

O problema do ensino incluía desde o início arestas talvez mais difíceis de limar: entre outras razões porque a lei precedente na matéria, acusada por quase todos os sectores como de carácter repressivo, havia sido elaborada precisamente por Julio María Sanguinetti quando exercera o cargo de ministro da Educação e Cultura do governo de Juan María Bordaberry. Esse problema foi minimizado finalmente. Porém, não era o único, nem o de mais difícil solução (a reabilitação dos professores saneados, parecia ainda em fins de Março apenas parcialmente resolvida).

Outro indiscutível dado favorável ao governo: o retorno do Uruguai a uma linha de política externa independente, que inclui opções como o decidido apoio ao Grupo de Contadora, o esta-



A Câmara dos Deputados designou uma comissão para investigar os casos dos desaparecidos



A libertação dos últimos presos políticos na segunda quinzena de Março: cenas de emoção

belecimento de relações a nível de embaixada com a Nicarágua,<sup>1</sup> o restabelecimento de relações diplomáticas (e comerciais) com Cuba, a promoção de políticas de interesse comum com a Argentina e o Brasil, e um retorno efectivo aos laços com os governos democráticos da América Latina. Nesse sentido, a figura do economista Enrique Iglesias, que assumiu a pasta dos Negócios Estrangeiros, a sua longa e reconhecida gestão como secretário da direcção da CEPAL e o seu carácter de interlocutor válido para os mais altos níveis diplomáticos constitui sem dúvida um trunfo para a administração Sanguinetti.

O facto do ministro dos Negócios Estrangeiros ser um economista, e o seu domínio dos dados que configuram a estrutura das economias latino-americanas, deverá ser um elemento de peso considerável no que respeita à dívida externa do país que já superou largamente os cinco mil milhões de dólares.

<sup>1</sup>O convite para assistir à posse de Sanguinetti e a acção deste para se realizar um encontro entre Daniel Ortega e George Shultz em Montevideo foi reconhecida por Manágua como uma efectiva ruptura do isolamento diplomático a que Washington pretendia submeter o governo sandinista.



O governo mostrou-se flexível com os sindicatos

## O MLN

A última quinzena de Março, colocou o governo de Julio María Sanguinetti, diante de um problema também difícil: a libertação dos dirigentes históricos do Movimento de Libertação Nacional-Tupamaros (MLN-T) e as suas primeiras declarações, entre as quais uma carta assinada por Raúl Sendic (impedido de falar devido aos ferimentos que recebeu há 12 anos, ao ser feito prisioneiro) que propõe um plano chamado "Pela terra e contra a pobreza". A proposta de Sendic consiste em não pagar a dívida externa contraída pela ditadura.

Em declarações a um jornalista estrangeiro, das quais algumas passagens foram reproduzidas pela televisão local, Sanguinetti acusou as propostas do dirigente tupamaro de "pouco sérias" "ingénuas".

Cabe assinalar, que uma vez postos em liberdade, os dirigentes do MLN ratificaram o seu propósito — já afirmado ainda na prisão La Libertad — de actuar politicamente no quadro da legalidade vigente, num momento e num âmbito que eles mesmos qualificaram de "democracia primaveril". Resta definir, contudo, as formas e o quadro de relações políticas que a organização terá que adquirir neste novo período, para o qual os esquemas antigos, relacionados com uma estrutura clandestina, resultariam pelo menos inadequados. Da mesma forma esses esquemas parecem tornar extremamente difícil a reorganização de militantes e simpatizantes, assim como o funcionamento interno, a definição de opções e a designação de autoridades. Os "dirigentes históricos" actuam momentaneamente como "d direcção provisória". A sua função é de "coordenação" e debate entre os militantes, que eventualmente conduziria à realização de um "congresso nacional".

No entanto, desde o primeiro momento, surgiram grupos de ex-membros do MLN que discordavam com esta posição e com as declarações da "d direcção provisória", propondo que os ex-militantes da organização devam simplesmente, nesta nova etapa, integrar-se individualmente na Frente Ampla. Mas o facto é que, de uma maneira ou de outra, o reaparecimento dos tupamaros impõe-se desde já como um dado que não se pode deixar de considerar na vida política uruguaia. Uma vida política que procurará com empenho a consolidação do sistema democrático e que, nesse caminho, deve ainda reaprender a desenvolver-se na divergência de sem apelar para a destruição.

# Impugnação da Doutrina de Segurança Nacional

Prêmio Nobel da Paz, Adolfo Pérez Esquivel, analisa a conjuntura argentina e latino-americana, preocupado com a persistente violação dos direitos humanos na região

por Silvio Zuccheri

Agressão aos povos centro-americanos, o delicado processo de paz impulsionado pelo papa de Contadora, a dívida externa dos países latino-americanos e a situação interna da Argentina, são os temas abordados nesta entrevista pelo prêmio Nobel da Paz de 1980, Adolfo Pérez Esquivel, coordenador do Serviço de Paz e Justiça (SERPAJ) na América Latina.

... dedica grande parte do tempo à América Central...

São povos irmãos latino-americanos que sofrem todo o tipo de agressões. Há países que vivem um massacre infernal, como a Guatemala, e a imprensa internacional nem sequer os menciona. Estive na selva do Peten com monsenhor Samuel Ruiz, bispo de Chiapas, nos campamentos de refugiados guatemaltecos e sou um dos juízes permanentes do "Tribunal de Pueblos" constituído para julgar o caso da Guatemala. Também vi a agressão contra a Nicarágua, para a qual se utilizam os povos irmãos da Costa Rica, Honduras e El Salvador, na intenção da administração Reagan de destruir o processo revolucionário nicaraguense. Nas mi-

nhas viagens não me limito a travar contacto com o governo. Na Nicarágua também me reuni com Pedro Joaquín Chamorro e com a sua mãe Violeta Barrios, com a Coordenadora Democrática Ramiro Sacasa, com Antonio Cruz e, nas Honduras, com o FDN.

*Com os somozistas?*

— Sim. Com Edgard Chamorro e Porfirio Rodríguez, a pedido do próprio Ministério dos Negócios Estrangeiros hondurenho. Quer dizer que percorri um es-

pectro muito amplo, sem preconceitos. Vejo a Nicarágua com os seus acertos e com os seus erros.

*Quais são, em sua opinião, esses acertos e erros?*

— A Nicarágua recebeu o prêmio da Unesco por haver erradicado o analfabetismo, e isso é algo que se procura ocultar. O mesmo aconteceu no campo da saúde. O povo vive humildemente, mas com dignidade. Quanto aos erros, eles são os primeiros a admiti-los e a tratar de corrigi-los, como no caso da amnistia decretada para os misquitos. Eu assisti a reuniões do governo com dirigentes misquitos para tratar de solucionar o problema da costa atlântica.

*Acredita que Reagan quer invadir a Nicarágua?*

— Em certo momento quis. Agora optou por uma guerra de desgaste, uma agressão permanente que crie problemas internos à Nicarágua. Quando estive nas Honduras fiquei no Hotel Internacional. Ali, vi mais de mil assessores militares norte-americanos. Ocupavam todo o hotel. Não se podia ver televisão em espanhol, todas as emissoras captadas no hotel eram em inglês. Há



Pérez Esquivel: "a Nicarágua recebeu o prêmio da Unesco, e isso é algo que se procura ocultar"

uma intervenção aberta económica, logística, estratégica, militar e uma agressão evidente, com as manobras militares que se realizam bem perto da fronteira com a Nicarágua. Na zona de manobras conjuntas com o exército das Honduras deve haver neste momento cerca de 10 mil soldados norte-americanos. Também minaram os portos da Nicarágua, ao que respondemos enviando o Barco da Paz, no qual cheguei juntamente com outros prémios Nobel.

Há poucos dias discuti esse assunto em Washington com a embaixadora norte-americana na ONU, Kirckpatrick. Disse que estava de acordo com o direito dos povos latino-americanos à autodeterminação. "Então por que intervêm?", perguntei. "Porque a URSS também intervém", respondeu. Para justificar a agressão à Nicarágua, tratam de globalizar o problema. Essa é a política que seguiram em todo o continente.

O problema actual da América Central não é diferente do que sucedeu no resto de América Latina, onde uma típica problemática Norte-Sul foi enquadrada na problemática Leste-Oeste. A ideologia da Segurança Nacional aplicada na América do Sul tem origem na globalização do conflito Leste-Oeste, uma concepção simplista e maniqueísta, na qual todo adversário do regime é denunciado como subversivo ou comunista. Temos que ser solidários com a Nicarágua porque ali está em jogo o destino do resto do continente. O problema da Nicarágua não se esgota nas suas fronteiras.

#### O caso Urbina Lara

*Os países da América Latina estão à altura do desafio?*

— Muitos governos não, mas entre os povos cada vez é maior a solidariedade com esse povo agredido. Este sentimento brotou durante a guerra das Malvinas. Cuba há 25 anos foi expulsa

da OEA, mas hoje com a Nicarágua não podem fazer o mesmo. Claro que também não houve sanções para os Estados Unidos por terem apoiado o inimigo extra-continental ignorando os seus compromissos no TIAR. Estes são mecanismos que não servem porque respondem a exigências da política dos Estados Unidos, e não à dos países latino-americanos, como ficou demonstrado quando entraram em aberta contradição.



O presidente Monge

É um factor inestimável que países latino-americanos como os de Contadora tenham assumido a responsabilidade de actuar ante a agressão a nações irmãs. Mas também é certo que Contadora surgiu porque outras instâncias não actuaram, como a OEA durante a gestão de Orfila.

Nesses dias tive que agir intensamente diante de uma tentativa de utilizar a Costa Rica, com o caso do refugiado nicaraguense Urbina Lara. Fui visitá-lo junto com o comandante Tomás Borge e com dois deputados social-democratas da Alemanha Federal, Hans Jurgen Wisniewsky e Hans Mathoffer, para que nos explicasse como foi que o retiraram da embaixada da Costa Rica. Incorreu em muitas contradições, até que finalmente reconstituiu os factos de uma forma muito dife-

rente da que havia denunciado. Contou que estava a comer um frango e a tomar uns uísques com uma amiga, dentro de um carro, tendo para isso deixado a embaixada. Quando quis voltar entrar e a polícia tentou impedir-lo, lançou-lhes o carro em cima.

*O que aconteceu depois?*

— Viajei para San José e transmiti ao presidente Luis Alvarado Monge a minha convicção de que esse jovem não havia dito a verdade quando denunciou que fora retirado à força da embaixada da Costa Rica em Manágua. Disse-lhe que esse incidente estava a ser usado para que a Costa Rica abandonasse a sua neutralidade, rompesse com a Nicarágua e formasse um exército. Já era muito forte a pressão dos sectores empresariais e políticos para bloquear as negociações de Contadora. Ofereci-me para, juntamente com dois ou três prémios Nobel, interceder para que a Nicarágua o deixasse em liberdade e saísse para um terceiro país.

Monge teve serenidade suficiente para aceitar, apesar das pressões que se exerciam sobre ele. Chegaram a desfilar mulheres na frente da sua casa, empunhando umas calças para acusá-lo de não ser suficientemente homem para romper com a Nicarágua.

Na casa de Francisco Barahona, presidente da Universidade Internacional da Paz, das Nações Unidas, expliquei os factos a sectores políticos da Costa Rica. Tomás Borge havia-me dito que por uma questão de princípios a Nicarágua não podia ceder a chantagem e aceitar como verdade uma mentira. Da Costa Rica falei por telefone com Daniel Ortega, e ele aceitou deixá-lo sair para a Colômbia. Quando cheguei a Bogotá, Urbina Lara afirmou que tentámos suborná-lo com 100 mil córdobas. E ridículo. Está a ser manobrado. E o mais grave é que na Argentina houve muitos órgãos que divul-



em essa versão caluniosa, mas  
as um canal de televisão e  
jornal reproduziram o meu  
entido.

ões que levantamos a voz  
a defender a dignidade do po-  
caraguense somos silencia-  
Procuram desprestigar-nos  
do pessoas de má índole,  
o esse jovem que não se exi-  
a embaixada da Costa Rica  
razões políticas mas porque  
um desertor do serviço mili-  
E apesar disso a Nicarágua  
ou-o em liberdade, como  
contribuição a mais para o  
aesso de Contadora.

Confia no que Contadora pos-  
sua? Esse processo parece  
travado...

A solução do problema de-  
da atitude dos Estados  
os, que pressiona os gover-  
as Honduras, Costa Rica e  
Salvador, como pressionou  
em o governo argentino  
do concedeu um crédito à  
agua. Creio que se os Esta-  
Unidos virem as suas posi-  
na região ameaçadas, invadi-  
El Salvador antes da Nicará-  
A solução centro-americana  
ser global, para toda a re-  
cluindo a Guatemala.

te interna norte-americana

que se pode esperar da  
interna norte-americana  
senhor conhece bem?

A desinformação do povo  
americano é surpreenden-  
ada vez que falo numa uni-  
dade e conto em que coisas  
olve o governo desse país,  
ante no público que chora,  
que não sabia.

ntudo, jornais como o  
"Washington Post" ou o "New  
Times" criticam a política  
agan e revelam os planos  
encionistas...

Mas não mostram a gravida-  
problema. O povo dos Es-  
Unidos não conhece os  
Não sabe nada sobre a

— Maio — no. 77



A situação da Guatemala, bem como de outros  
países da região, é desconhecida pelos norte-americanos

Guatemala, e muito pouco sobre  
El Salvador. Organizações paci-  
fistas e igrejas norte-americanas  
organizaram brigadas que vão à  
Nicarágua e se colocam de mãos  
dadas nas fronteiras para evitar a  
agressão. Técnicos, médicos, apa-  
nhadores de café, parlamentares,  
bispos católicos e protestantes  
viajaram para a Nicarágua. Isto  
gera um novo quadro da situação.

Organizações como WOLA ou  
SEJOURNE fazem lobby no  
Congresso norte-americano, in-  
formam os parlamentares sobre  
a América Central, e a América  
Latina em geral. Também existe  
o fenómeno dos santuários, as  
igrejas que recebem refugiados  
ilegais da América Central e os  
vão transferindo de santuário em  
santuário dentro dos Estados  
Unidos para que não sejam repa-  
triados porque para eles isso sig-  
nificaria a morte.

As organizações populares e  
pacíficas perguntam-se o que fa-  
zer no caso de uma invasão mili-  
tar norte-americana na América  
Central. E já decidiram que vão  
ocupar edifícios públicos e o  
Congresso e manter-se-ão em gre-  
ve de fome e mobilizados. Por  
enquanto dedicam-se a informar  
o povo e a reclamar a mudança  
da política norte-americana para  
a região, transformando a inter-

venção actual em cooperação.  
Esse movimento expande-se com  
força, porque o povo dos Esta-  
dos Unidos não quer outro Viet-  
name.

*E a sua viagem a Cuba?*

— Fui convidado pelo Comi-  
té de Descolonização das Nações  
Unidas para uma reunião cuja te-  
mática inclui os casos das Malvi-  
nas, Porto Rico e Nova Caledó-  
nia. Antes da minha viagem foi  
necessário requerer autorização à  
Grã-Bretanha e à Argentina, que  
a concederam. O governo cuba-  
no informou-me que poderia via-  
jar sem nenhuma restrição, ver e  
falar com quem quisesse. Estou  
aberto para ver, compreender, e  
analisar, como sempre faço  
quando visito qualquer país ir-  
mão.

*A dívida latino-americana*

*Fidel Castro propôs uma mo-  
ratória de 10 a 20 anos para o  
pagamento da dívida externa  
latino-americana...*

— Parece-me correcto. Quan-  
do viajei aos Estados Unidos fa-  
lei nas Nações Unidas. Estive  
reunido com funcionários do go-  
verno, com legisladores, com as-  
sessores de Reagan como Cons-  
tantin Mengues, com o responsá-

terceiro mundo - 63



"A Argentina é um país potencialmente rico mas empobrecido, voltado para a especulação financeira"

vel do Departamento de Estado para a América Central, Wayne Smith, com o de Direitos Humanos, Evrns. Dei conferências em universidades.

Em todos os casos expus a situação da América Central vinculando-a com as democracias sul-americanas incipientes e com a dívida externa. Exigem de nós o pagamento de recursos que nunca chegaram aos nossos povos. Os banqueiros são responsáveis de haver sustentado as ditaduras. Entregaram-lhes créditos sem pedir garantias acerca de onde e em quê iam ser investi-

dos. Esses créditos não foram usados em benefício dos povos, mas agora exige-se que o operário, o camponês, o trabalhador os paguem. A dívida é impagável, para a Argentina e para os demais países da América Latina. Não estamos em condições de pagar com essas taxas de juros extorsivas. As exigências do FMI conduzem à recessão, a uma maior miséria dos povos.

Há coisas que devem ser pagas e outras que não, cabe procurar os responsáveis e reclamar deles os fundos, já que mais de 50% da dívida são recursos que foram desviados para fora do país.

*Os encontros de Cartagena, Mar del Plata e Santo Domingo abrem uma perspectiva séria ou são apenas retórica?*

— Ali se demonstrou a preocupação dos países latino-americanos diante do tema. O continente está a recuperar governos constitucionais, o que pode modificar o tabuleiro das relações internacionais. Isso depende da disposição que haja para a integração latino-americana.

*Os governos do Peru, Bolívia e República Dominicana, por exemplo, são constitucionais, mas no entanto a crise econômica e a dívida impossível de liquidar coloca-os sob uma ameaça constante...*

— Tem que se considerar a

disposição política de procurar uma alternativa latino-americana.

*O senhor observa essa disposição nas burguesias latino-americanas?*

— Não. Estão muito condicionadas aos grandes interesses internacionais. Não há verdadeiros processos de libertação. Um governo constitucional deve aproveitar o seu poder popular para fomentar um processo de libertação. De contrário transformam-se em democracias restringidas, e ocorre o que foi assinalado. Obter uma moratória para o pagamento é básico, mas insuficiente. Também faz falta ajuda para o desenvolvimento que permite sair da prostração.

#### O caso argentino

*E o caso argentino em especial?*

— É um país potencialmente rico mas empobrecido, com capacidade produtiva mas voltado para a especulação financeira. Essa foi a política imposta pelos militares e pelo seu ministro de Economia Martínez de Hoz, e lamentavelmente continua vigente há quase um ano e meio de governo constitucional. Continuam a fechar-se fábricas enquanto proliferam os bancos e as financeiras. Não se poderão aguentar mais seis meses assim. Há uma grande irracionalidade e ausência total de planos para o desenvolvimento integral do país.

*O governo Alfonsín foi um dos mais firmes opositores da política de reajuste do Fundo Monetário Internacional...*

— Mas a Argentina é um país paralisado, e para enfrentar as imposições do FMI necessitará de um projecto popular com metas para o desenvolvimento integral. Não se pode enfrentar o FMI dizendo simplesmente "não pago a dívida". Na ausência de um projecto de desenvolvimento, acaba-se finalmente po-

tar as suas receitas recessivas, no vemos hoje na Argentina. Conhamos que se conseguia a moratória de 20 anos. Há nos para aproveitá-la? Não. mos cansados de discursos tos mas irreais.

#### Julgamentos de militares

*Julgamentos públicos sobre ex-comandantes-em-chefe do exército, marinha e força aérea, acusados de torturas e homicídios, não têm precedentes em governos constitucionais na América Latina. Não crê que tenham consequências profundas?*  
— É um facto importante, tudo depende de como se fazem. Até agora o governo não tem feito muita coisa que na prática não cumpriu. Estamos na expectativa, para que isso não se torne num facto espectacular.

*Quando assumiu a presidência Alfonsín esboçou uma estratégia que dividia os militares em duas categorias: os que deram as ordens, os que no seu cumprimento cometeram actos atrozes e desobedientes, e os que se limitaram a cumprir ordens. Sobre os primeiros grupos devia recair o peso da lei, enquanto que reservaria o terceiro grupo, a integração no processo constitucional devia garantir a sua estabilidade. Deste modo o governo pretendia que se produziria a separação entre os ideólogos e chefes da Doutrina de Segurança Nacional e os restantes militares. Como avalia os resultados dessa política?*

— Isso não ocorreu. Os militares continuam a reivindicar em audiências públicas a Doutrina de Segurança Nacional e supõem simplesmente que o país lhes dá a existência do governo constitucional. Isso é falso, por isso a ditadura caiu pelo seu fracasso sistemático a todos os níveis, incluindo o militar com o caso das Malvinas, e pela luta popular. O primeiro erro do



Já se passaram três anos desde a guerra das Malvinas sem que haja sentenças nesse caso

governo Alfonsín foi pensar que as forças armadas estavam dispostas a castigar os seus próprios membros, e nos meses já transcorridos ficou claro que o Conselho Supremo das Forças Armadas só quis ganhar tempo e desestabilizar o governo. O que deveria fazer o poder executivo é admitir que se equivocou e fixar prazos peremptórios para o Conselho Supremo.

*A Câmara Federal fez isso no caso dos nove ex-comandantes e diante da demora do Conselho retirou-lhe o processo...*

— O problema é quais são os prazos. Se depois de quase um ano e meio começam agora os julgamentos, é evidente que o governo calculou mal. Este problema também não pode arrastar-se eternamente. Alfonsín disse numa reunião na qual estive presente que os julgamentos iam ser sumários. E passaram-se três anos desde a guerra das Malvinas, sem que também haja sentenças nesse caso.

Se o Conselho Supremo não cumpre os prazos, as causas devem passar para a justiça federal, e esta deve compreender que se vive uma situação de emergência, e actuar com a maior presteza. De contrário continua-

rá o clima de incerteza e de golpe de Estado. Na última crise militar o governo actuou com energia e passou à reforma muitos generais, almirantes e brigadeiros que pressionavam indevidamente.

Mas o Conselho Supremo colocou em liberdade o capitão Astiz, enquanto os presos políticos continuam nos cárceres. Já no caso do Uruguai não sobrou um único preso político.

*O senhor é partidário da amnistia para os presos políticos? Nesse caso, a amnistia não beneficiaria também os militares acusados de violar os direitos humanos?*

— Nós não somos partidários de uma amnistia, nem sequer para os presos políticos. O que propusemos é que se levasse em consideração as torturas que sofreram, as condições sub-humanas em que cumpriram a sua detenção, de forma a que os seus processos sejam revistos e possam ter um julgamento justo. O tempo de prisão que já cumpriram deveria ser computado à razão de três anos por cada ano. Mas não uma amnistia. Nós opo-nos à autoamnistia que a Junta Militar sancionou em 1983 e opo-nos a qualquer novo projecto de amnistia que o

actual governo possa imaginar. Os sequestros, as torturas, os assassinatos são crimes que não podem ser deixados impunes.

*A informação que circula indica que o governo não se propõe promover uma nova amnistia, mas a reformular o conceito de obediência devida, de modo a perdoar todos os militares actualmente em actividade, porque no momento em que ocorreram os factos tinham patente inferior à de coronel. Desse modo só poderiam ser julgados os militares reformados...*

— A obediência devida corresponde a um conceito da autoridade enquadrado em princípios éticos e jurídicos. A obediência cega, pelo contrário, baseia-se no autoritarismo, que deixa de lado esses mesmos princípios. O que se trata de justificar aqui é a obediência cega, cujos mecanismos levaram à violação sistemática dos direitos do



"Alfonsín poderá completar o seu mandato se o povo se unir contra o golpe"

homem e do povo. Não aceitamos nem a amnistia nem a obediência cega.

*Os problemas que o governo constitucional enfrenta fazem*

*muita gente temer que Alfonsín não chegue ao fim do seu mandato constitucional. Como vê a situação?*

— Alfonsín poderá chegar ao fim do seu mandato, se o povo tomar consciência, se unir e impedir um novo golpe militar. Os militares nunca deram um golpe sozinho necessitaram sempre do consenso de importantes sectores sociais. Muitos políticos foram bater às portas dos quartéis.

Nós, os integrantes dos organismos de direitos humanos, discordamos em muitos aspectos da política de Alfonsín, mas seremos os primeiros a defender o governo se este estiver ameaçado. Exigir do governo que corrija as suas políticas equivocadas, organizar e mobilizar o povo e impedir que haja sectores civis que voltem a bater à porta dos quartéis é a garantia da estabilidade constitucional. O futuro depende da coragem que tenhamos para construir o presente.



## AGROPROMOTORA

COOPERATIVA PRODUTORA  
DE PROJECTOS AGRÍCOLAS, SCRL

Rua Cardeal Mercier, 29, 1.º

Telefone 735135

LISBOA

Delegação - LUANDA: Telefone 60130

### Cooperar e desenvolver

#### Áreas de Trabalho

- Agricultura
- Pecuária
- Indústria Alimentar

#### Entidades

- Orga. Estatais
- Cooperativas
- Estruturas de produção familiar

#### Países Africanos

- Angola
- Moçambique
- Cabo Verde
- Guiné Bissau
- Argélia

### Projecta e implementa

## Balanço militar

...anças qualitativas e quantitativas desenrolar da guerra tornam o conflito a vez mais prolongado e complexo

...racio Castellanos Moya

...quanto o diálogo se equilibra na corda bamba em que o extrema-direita colocou o presidente José Napoleón Duarte, a guerra continua a ser o factor fundamental do conflito salvadorense. O exército governamental e os guerrilheiros iniciaram o primeiro ano de um encarnizado confronto, no qual a participação da administração Reagan é o elemento determinante.

...um balanço da actividade armada durante o último ano evidencia mudanças importantes no curso da guerra, tanto em termos quantitativos como qualitativos. Essas mudanças, porém, indicam uma solução do conflito a curto ou médio prazo. Muitos oficiais fornecidos pelo Frente Farabundo Martí para a Libertação Nacional (FMLN) afirmam que, durante o ano de 1984, a actividade militar guerrilheira diminuiu em termos quantitativos. De acordo com esses dados, no ano passado a FMLN sofreu 5.286 baixas, entre mortos e feridos, ao exército do regime, frente a 7.169 em 1983, o que significa uma diminuição de 26,3%. Quanto aos prisioneiros de guerra, o número baixou de 1.758 para 283, isto é, 84%.

...A crescente participação norte-americana na guerra obrigou as nossas forças a reformular as tácticas e a um maior reforço operacional", explicou um porta-voz da guerrilha.

...ha. Por seu lado, o Comité de Imprensa das Forças Armadas (COPREFA) afirmou que a diminuição da actividade militar rebelde se deve ao facto de que a FMLN se defronta com "sérios problemas logísticos" e com dificuldades para impulsionar um modelo de operações que lhe permita concentrar forças. Em última análise, segundo o COPREFA, o exército do regime tem a iniciativa.

Na verdade, todas as fontes coincidem em assinalar que em 1984 o exército governamental "conseguiu recuperar-se". A aplicação de novas tácticas contra-insurreccionais, o melhoramento dos meios de guerra (principalmente aéreos), o aumento e modernização do poder de fogo, o apoio norte-americano em sofisticadas operações de informação e uma maior clareza sobre a forma de levar avante a estratégia do Pentágono, seriam alguns dos aspectos que ajudaram a essa "recuperação".

### Os dados do regime

Um relatório do Ministério da Defesa, que compreende o período



A crescente participação norte-americana na guerra obrigou as forças da FMLN a reavaliações tácticas

do de 1 de Junho de 1983 e 31 de Maio de 1984, informa que as forças armadas aumentaram os efectivos em 17,65%. Segundo fontes da FMLN o regime conta actualmente com 48 mil homens, embora o seu plano seja chegar ainda este ano aos 60 mil.

Nesses 12 meses, centenas de oficiais e soldados receberam treino no exterior e, segundo o documento do governo, no próprio país; além disso, foram treinados 24 batalhões de infantaria, incluindo os de alerta permanente "Manuel José Arce" e "Bramcamonte".

Em relação ao número de baixas, o relatório apresentado pelo ministro da Defesa, general Eugenio Vides Casanova, informa que no período mencionado elas foram de 3.108, enquanto que no ano de 1982/83 tinham alcançado a cifra de 6.815, o que significa uma diminuição de 54,4%. No entanto, como assinou o *The Washington Post*, "apesar de haver menos combates, a proporção de mortos (do exército) em relação aos feridos continua a ser de um terço, aproximadamente".

Embora o relatório não dê nenhum dado relativo à aviação, este tem sido sem dúvida o sector que mais se desenvolveu no último ano. As Forças Armadas Salvadorenhas (FAS) "são o motor que impulsiona as operações militares", já que "a moral dos nossos soldados cresce com a sua presença," reconheceu o chefe do Estado-Maior, general Adolfo Blandón.

Informações procedentes de Washington afirmam que o regime salvadorenho espera contar brevemente com 50 helicópteros Huey, o que lhe permitirá transportar 700 homens e o seu equipamento a qualquer ponto do país em poucos minutos. O interesse norte-americano em aumentar o poder aéreo do regime ficou evidente com a entrada no cenário de guerra, em Janeiro passado,



Eugenio Vides Casanova

do avião AC-47, equipado com um sistema de computação, raios infravermelhos e três metralhadoras de grande calibre.

#### A "ofensiva contínua"

Segundo os observadores, com o fortalecimento da aviação e da infantaria, o regime propõe-se manter a sua estratégia de "ofensiva militar contínua". Os principais elementos tácticos são o desembarque de tropas helitransportadas, os bombardeamentos em massa das zonas controladas pela FMLN e o princípio de "exército sem quartel". Este último baseia-se na instalação de unidades móveis nos territórios em disputa com os rebeldes.

A estratégia de "ofensiva militar contínua" visa, entre outros objectivos, evitar a concentração de forças rebeldes, desgastar a sua logística, desbaratar os seus sistemas de abastecimento e forçar a população civil a abandonar essas zonas, para isolar a FMLN da sua base social de apoio e tirar-lhe toda a possibilidade de crescimento.

Um exemplo da aplicação estratégica foi a operação "Torola

IV", que se prolongou de 18 de Outubro a 2 de Dezembro, na qual participaram cerca de seis mil efectivos (incluindo sete batalhões especiais) contra as posições rebeldes na zona norte-oriental do país, principalmente nos departamentos de Morazán e San Miguel.

Apesar de nesses 46 dias de combates, segundo a *Radio Venceremos*, as tropas governamentais terem sofrido 259 baixas — entre elas a morte do tenente-coronel Domingo Monterrosa (ver *cadernos* n.º 73, Janeiro/85), chefe da operação e de outros três oficiais superiores —, a FMLN viu-se obrigada a abandonar os povoados em que se mantinha desde 1982, os quais foram ocupados novamente pelas tropas do regime.

#### Os avanços da insurreição

Numa conferência de imprensa, em meados de Janeiro, porta-vozes da FMLN admitiram que a estratégia do regime foi eficaz durante os primeiros seis meses de 1984, mas que a partir da ocupação da hidroeléctrica Cerrón Grande, em 28 de Junho, a Frente conseguiu concentrar forças e desferir golpes de grande envergadura no exército.

O *The New York Times*, na sua edição de 17 de Setembro de 1984, explicava que "a guerrilha desenvolveu a capacidade para fazer operações que exijam meses de planeamento meticuloso e recursos de informação. Os porta-vozes rebeldes realçaram que os resultados que as forças armadas obtiveram "não significavam vitórias estratégicas". No caso, a introdução do avião AC-47 é uma prova da vulnerabilidade da táctica de tropas helitransportadas. "Se a escalada militar dos Estados Unidos aumenta é porque a debilidade do exército tem-se tornado maior", realçaram.

Em termos gerais, durante

o movimento rebelde man-  
uma tendência de cresci-  
to de forças, ao formar uma  
unidade regular (o batalhão  
nesto Morales"), o que faria  
ua força móvel nacional che-  
a cerca de seis mil homens  
tre 11 e 12 batalhões de 500  
combatentes cada). Estes bata-  
es estão estruturados em des-  
tamentos de 120 homens, pe-  
ões de 32 e grupos de oito. A  
pa irregular rebelde —guerril-  
e milícias — é difícil de ser  
culada, mas segundo diferen-

campo aberto", onde nenhum  
lado contou com o factor surpre-  
sa. "Essa foi uma vitória maior  
do que a destruição do quartel  
El Paraíso", asseguraram.

A guerrilha também aumen-  
tou o número de acções na zona  
ocidental do país (onde se con-  
centra a maior parte da produ-  
ção de café, principal produto  
de exportação). Nessa região  
actuam um destacamento e ou-  
tras unidades de apoio, que têm  
realizado acções de média enver-  
gadura, como o ataque de 30

Salvador Samoya, membro da  
Comissão Político-Diplomática  
da oposição, fez uma síntese dos  
avanços militares da FMLN du-  
rante o ano passado, ao apontar  
que esta levou a guerra ao centro  
e à região ocidental do país,  
consolidou a sua retaguarda,  
manteve um crescimento de for-  
ças, conseguiu uma maior inte-  
gração e aperfeiçoamento das  
suas unidades e derrotou a tácti-  
ca de tropas helitransportadas. O  
movimento insurreccional "me-  
diatizou os planos do Pentágo-  
no", finalizou.

Os fracassos da estratégia con-  
tra-insurreccional repercutem  
numa maior participação do Pen-  
tágono no conflito, como de-  
monstra o recente anúncio de  
que o regime salvadorenho rece-  
berá outros quatro helicópteros  
Hughes 500, que podem dispa-  
rar seis mil tiros por minuto.

Tudo parece indicar que a  
guerra recrudescerá nos próxi-  
mos meses. As sérias tentativas  
do exército governamental em  
acelerar o seu crescimento — co-  
mo mostra, num dos exemplos  
mais recentes, a implantação do  
serviço militar obrigatório para  
sectores médios urbanos, com  
vista a formar gerações de ofi-  
ciais mais numerosas e qualifi-  
cadas — são uma ratificação de  
que para a cúpula militar a guer-  
ra "ainda pode ser ganha a mé-  
dio prazo", independentemente  
da aprovação táctica de esforços  
negociadores.

Um alto oficial do regime  
prognosticou que 1985 será um  
ano "realmente decisivo" na de-  
finição da guerra. "Nós propo-  
mo-nos dividi-los (aos guerril-  
heiros) o máximo possível",  
afirmou. Por seu lado, os rebel-  
des parecem estar a levar a cabo  
uma reacomodação de forças,  
que os leva a manter uma atitu-  
de reservada em relação às suas  
expectativas militares. Essas se-  
riam reformulações necessárias  
para fazer frente a um conflito  
cada vez mais prolongado e com-  
plexo.



A insurreição popular "retardou os planos do Pentágono"

fontes oscilaria entre os oito  
dez mil combatentes.

O novo batalhão "Ernesto  
rales" tem operado sobretudo  
departamento de San Vicen-  
o que significa uma vitória  
a FMLN, já que nessa zona  
atrativa no plano militar,  
nómico e político), o regime  
na impulsionando desde 1983  
plano piloto contra-insurrec-  
cional baseado na experiência  
quirida por Washington no su-  
de asiático. Os porta-vozes  
revelaram que a sua no-  
unidade aniquilou um bata-  
o governamental, em Dezem-  
passado, numa "batalha em

de Dezembro passado contra o  
posto militar da mais importan-  
te fábrica de cimento do país.

#### O desafio urbano

A presença militar da FMLN  
em San Salvador, por outro la-  
do, não apresentou maiores alte-  
rações durante o ano passado.  
Além das acções de sabotagem  
e de tipo comando, o movimen-  
to rebelde enfrenta na capital  
um desafio de natureza política:  
a expansão da sua base so-  
cial de apoio, o que é vital para  
se conseguir avanços em termos  
militares-insurreccionais.

## A VITÓRIA DO PDC E O FUTURO DO DIÁLOGO

□ A vitória do situacionista Partido Demócrata Cristão (PDC) de El Salvador nas eleições legislativas de 31 de Março último foi interpretada em círculos políticos centro-americanos como o apoio dos eleitores ao processo de negociação com os grupos armados tentado pelo presidente José Napoleón Duarte.

As conversações com a guerrilha ficaram paradas depois de uma difícil reunião em Ayagualo em 30 de Novembro do ano passado. Duarte e os norte-americanos acusaram o FMLN de assumir uma posição intransigente, mas para os dirigentes rebeldes o fracasso deveu-se à falta de inte-



O presidente José Napoleón Duarte

resse real do presidente em negociar.

Contudo recentemente surgiu uma nova versão. "Antes das eleições Duarte estava isolado, encurralado e portanto sem condições para comprometer-se num autêntico diálogo", afirmou Guillermo Ungo em Washington, poucos dias depois da realização das eleições. O presidente da Frente Democrática Revolucionária (FDR), braço político do movimento rebelde, afirmou também que a vitória decisiva do PDC e a decisão demonstrada pelas forças armadas salvadorenhas de apoiar o resultado eleitoral significaram uma derrota da extrema-direita, que "nunca mais poderá enganar o povo".

O general Vides Casanova, num gesto inusitado, e apoiado pelo alto comando e pelos sete comandantes de brigada do exército salvadorenho, advertiu os partidos de direita que deviam abster-se de tentar qualquer acção contra os resultados eleitorais. Com essa atitude o ministro da Defesa punha fim ao histórico alinhamento dos militares salvadorenhos com a extrema-direita do país, e demonstrava, mais uma vez, que as forças armadas são quem tem a última palavra em El Salvador, apesar da existência de um governo constitucional.

O PDC passou a controlar a maioria (33 em 60) dos lugares da Assembleia Nacional e dos municípios do país, com 54% dos votos. Duarte afirmou que interpretava como factor determinante da sua vitória o apoio que havia dado e prometia continuar a dar ao diálogo com os rebeldes.

Para Guillermo Ungo, armado agora com este novo mandato popular, Duarte "terá a autoridade que não teve antes para negociar". E sentenciou: "os resultados eleitorais são um desafio para o presidente".

Os passos do chefe de Estado na implementação das suas promessas de pacificação do país — apoiado pela sua nova maioria na Assembleia — reflectirão até que ponto a sua abertura poderá conduzir a uma autêntica redemocratização do país. A população não crê que a maioria adquirida pelo presidente Duarte no legislativo possa mudar substancialmente a situação. Essa atitude reflectiu-se no escasso interesse demonstrado a nível popular pela realização das eleições. Contudo, em círculos diplomáticos considera-se que a situação está agora muito mais clara. Ou Duarte cria condições para prosseguir o diálogo com o apoio com que conta agora na Assembleia, ou a sua imagem se deteriorará inexoravelmente e perderá credibilidade, levando os cidadãos a uma atitude ainda mais aberta em relação aos grupos rebeldes.



# Grave crise económica

renegociação da dívida é vital para impedir colapso do país mais pobre da América Central

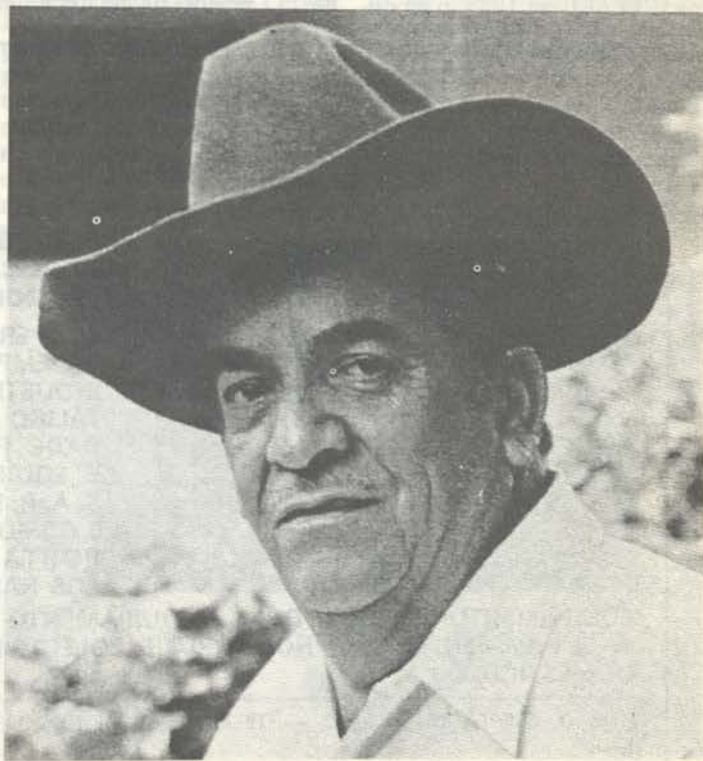
Com uma dívida externa global de três mil milhões de dólares, um índice de inflação de 6,9% em 1984 e uma taxa de desemprego de 25%, as Honduras enfrentam uma séria crise económica e apressam-se a renegociar o pagamento de 227 milhões de dólares que deve a 41 bancos estrangeiros, os quais devem ser cancelados em 1985.

Apesar de se ter tornado o país firme aliado político e militar dos Estados Unidos na região, as relações das Honduras com o banco internacional controlado por Washington estão bastante deterioradas.

O último convénio firmado com o Fundo Monetário Internacional (FMI) data de Dezembro de 1983 e, de acordo com os termos de ambas as partes, as Honduras não aplicaram as condições desse organismo. O presidente do Banco Central hondurenho, Gonzalo Xarías, disse em meados de Janeiro passado que este ano não se firmará nenhum convénio com o FMI e reconheceu que as relações do seu governo com a entidade internacional são "frias".

Contudo, segundo o director da Tegucigalpa da Agência Internacional para o Desenvolvimento (AID), as Honduras receberam 72 milhões de dólares dos Estados Unidos no quadro da iniciativa para a Bacia das Caraíbas. Fontes extra-oficiais assinam que a AID pressiona o go-

verno de Roberto Suazo Córdova para que em troca da ajuda autorize a criação de um mercado paralelo de divisas. Até ao momento o regime resistiu a todas as pressões exercidas que provêm também da iniciativa privada. (A moeda hondurenha é o lempira e a cotação oficial é de dois lempiras por dólar norte-americano.)



A AID pressiona Suazo Córdova para criar um mercado paralelo de divisas

## Concessões à "Standard Fruit"

Em finais de Outubro passado, a AID concedeu um empréstimo de 9,5 milhões de dólares às Honduras, sob a condição que se promulgassem leis para fomentar o investimento norte-americano. Este facto provocou críticas contra o governo por parte de sectores políticos, tanto de direita como de esquerda.

A atitude do governo frente à transnacional *Standard Fruit Company* foi também alvo de fortes críticas. A 16 de Janeiro último, o regime decidiu conceder à companhia a suspensão do pagamento de impostos durante o primeiro semestre de 1985, em troca da entrega desta ao país as divisas obtidas pela exportação de bananas e citrinos.

Um porta-voz da empresa assegurou que não haveria tal restituição de divisas e explicou que



O produto total das exportações hondurenhas foi de 690 milhões de dólares

a suspensão do pagamento de impostos se devia à falta de liquidez da companhia. Durante 1984, segundo fontes governamentais, as Honduras tiveram um volume de vendas de bananas superior a 200 milhões de dólares.

De acordo com a Comissão Económica para a América Latina (CEPAL), em 1983, o produ-

to total das exportações hondurenhas foi de 690 milhões de dólares (frente a 677 no ano anterior e 784 em 1981). Desse montante, 222 milhões provêm da venda de bananas, 150 de café, 28 de carne e 134 de outros produtos.

Com um nível de reservas monetárias internacionais líquidas de 112 milhões de dólares e um

défi ce na conta corrente da balança de pagamentos de 209 milhões, segundo a mesma fonte, a taxa estimada de crescimento do Produto Interno Bruto (PIB) das Honduras foi de 0,3% em 1983 e de 1% em 1984.

A curto prazo as balanças comercial e corrente deteriorar-se-ão dado que o aumento das exportações não compensará o estímulo às importações, conforme afirma o semanário *Informes Centroamericana*. Contudo as Honduras poderiam experimentar uma tendência para "uma recuperação económica paulatina".

A eventual recuperação, dependerá dos resultados que os militares hondurenhas obtiverem às suas exigências de maior apoio financeiro por parte de Washington. Mas também será determinante a conjuntura regional. Uma guerra generalizada praticamente pulverizaria as economias do istmo. (Horacio Castellanos M.)



Fundada em 1930



### A FOC ESTÁ PRESENTE NA REPÚBLICA POPULAR DE ANGOLA

- COOPERANDO NA PRODUÇÃO DA EMPRESA ANGOLANA DE INDÚSTRIA DE MOBILIÁRIO METÁLICO **LELLO-FOC** — SOCIEDADE FABRIL DE MOBILIÁRIO E EQUIPAMENTO DE ANGOLA, S. A. R. L.
- E COMO FORNECEDORA EM IMPORTANTES EMPREENDIMENTOS NAS ÁREAS:

EQUIPAMENTO DE ESCRITÓRIO • EQUIPAMENTO ESCOLAR E DIDÁCTICO  
• EQUIPAMENTO PARA HOTELARIA E COLECTIVIDADES • MOBILIÁRIO DOMÉSTICO.

RUA D. ESTEFÂNIA, 177-A/C — TELEX 12892 — 1012 LISBOA CODEX — PORTUGAL

## Médio Oriente

Líbano

# O diálogo impossível

O líder druso do Partido Progressista Socialista Libanês, Walid Jumblatt, acusa o presidente Amin Gemayel de conduzir o país ao caos total

Alberto B. Mariani

Um ano depois da Conferência de Reconciliação Nacional Libanesa realizada em Lausana, não é possível afirmar que a guerra civil que desde 1976 sacudia este país situado no epítro da crise do Médio Oriente tenha realmente terminado. Mesmo depois da instalação de um governo dito de "União Nacional", presidido pelo cristão falangista Amin Gemayel e de serem representadas as principais comunidades político-confessionais libanesas, os combates não cessaram. Israel continua a ocupar o território do sul, bombardeando, periodicamente, Beirute e outras regiões do país, campos de refugiados palestinos e até zonas muito próximas do exército sírio estacionado no Líbano, o que mantém latente o perigo da generalização do conflito.

Em Beirute, Tripoli, Tiro, Saïda e noutras cidades libanesas, continuam a suceder-se, numa sequência ininterrupta e sangrenta, os atentados, causando dezenas, centenas de vítimas em todas as tentativas políticas.

Amin Gemayel não governa, vítima das contradições próprias da constituição da sua equipa ministerial. Um ano após a partida dos palestinos a actualidade prova que a solução da questão libanesa não estava na agenda da Organização de Liber-

tação da Palestina do país. O drama libanês é intrínseco aos conflitos políticos, sociais e confessionais que atravessam a sociedade, exacerbados pela vizinhança e a ocupação israelita e pelos interesses estratégicos dos Estados Unidos na região.

Na entrevista que em exclusividade nos concedeu Walid Jumblatt, líder máximo da importante comunidade drusa e presidente do Partido Progressista Socialista Libanês, além de ministro dos Transportes e aliado dos palestinos, fica claro que o Líbano está num impasse dramático cujo desfecho é imprevisível.

*Um ano depois da Conferência de Reconciliação Nacional libanesa de Lausana, a situação no Líbano não parece estar em vias de melhorar...*

— A situação é muito má, tanto no plano político como no económico. Do ponto de vista político, não foi posta em prática, até agora, qualquer resolução das adoptadas naquela Conferência. No plano económico, o país está à beira da falência. Já não se produz coisa alguma e as reservas monetárias encontram-se no nível mais baixo da nossa história.

*Qual o motivo de tal situação?*



Gemayel e Reagan durante o recente encontro em Washington



Jumblatt: "Gemayel quer dividir os muçulmanos chiitas e sunitas"

— A despeito das resoluções de Genebra e Lausana do ano passado, Amin Gemayel decidiu, muito simplesmente, ignorar todos os acordos. Continua a manter a sua política hegemónica, daí a recusa da maior parte do povo libanês em o apoiar.

*Você acusa o presidente Gemayel. Porém, do lado governamental acusam-no de entrar a solução do problema libanês, ao não permitir que o exército regular se instale na zona que o senhor controla. Que diz a isso?*

— Isso já não está em causa. O que está presentemente em causa é antes quem irá controlar o território do sul do país depois da evacuação das forças israelitas.

Estamos todos de acordo quanto ao facto do exército libanês se instalar nesse território. No entanto, uma vez mais, a questão que se põe é a seguinte: existirá ainda um exército libanês capaz de controlar qualquer coisa no Líbano?

*Deveria ser você a responder a essa pergunta já que é ministro do actual governo...*

— Eu faço parte desse governo para não agravar uma situação já de si precária. No dia em que me demitir, o governo irá inevitavelmente ao ar e verificar-se-á, muito simplesmente, um recomeço das hostilidades.

74 - terceiro mundo

*Ultimamente há rumores insistentes de que o senhor está em vias de demitir-se...*

— Não haverá qualquer demissão, por agora! Antes de tomar semelhante decisão, é necessário que eu possa também analisar outras alternativas; onde é mais importante e útil a minha presença.

Em todo o caso, quero dizer uma coisa: esse governo a que chamaram de Governo de União Nacional, não é de modo algum aquilo que pretende ser.

Reúne, é verdade, um certo número de tendências político-militares do país, mas o que fez ele até agora? Onde estão os resultados? Onde está o "compromisso político" que ele deveria ter alcançado?

**"Política de Gemayel é um desastre"**

*Por que não foi alcançado esse compromisso?*

— Não creio que se possa chegar a qualquer compromisso enquanto o partido falangista estiver no poder.

São necessárias outras fórmulas, mais moderadas, mais aceitáveis e mais democráticas. Com Amin Gemayel e as pessoas que o rodeiam, torna-se impossível alcançar uma solução.

*Você volta a pôr em causa a legitimidade do presidente Ge-*

*mayel?*

— Não se trata de "pôr" ou "repôr" em causa a sua legitimidade. Constatamos, simplesmente, que a sua política revelou-se um verdadeiro desastre. Depois da sua ascensão ao poder, os canhões nunca mais se calaram no Líbano. Repare na sequência infinita de atentados e assassinatos que ensanguentam todos os dias o nosso país. Repare no caos e na anarquia que reinam em Beirute!

*Quem seria, na sua opinião o responsável por esse estado de coisas?*

— Acusei pessoalmente os serviços de informações de Amin Gemayel de estarem na origem desses atentados e desses assassinatos. E, no que se refere à explosão de certas viaturas armadas, possuo até provas formais.

*Por que motivo, no entanto, seria ele favorável a tais acções criminosas?*

— Penso que ele pretende desestabilizar todas as regiões do país. Procura semear a confusão entre as comunidades libanesas para nos lançar uns contra outros. Acima de tudo, para lançar os muçulmanos chiitas contra os muçulmanos sunitas. É essa a nova "jogada" em preparação. E trata-se de uma jogada muito perigosa!

**"O Líbano continua a afundar-se"**

*E qual seria o objectivo dessa "estratégia"?*

— Amin Gemayel está convencido de que pode dividir-nos para reinar melhor. Mas é o Líbano inteiro que não tardará a afundar.

O presidente nem se dá conta do mal que está em vias de fazer ao nosso país. O Líbano continua a afundar-se no caos na anarquia e no desastre económico.

*Caminha-se para uma divisão*

para uma explosão do país?  
- Não haverá divisão entre libaneses. É Israel quem vai aprovar esse estado de coisas: Israel vai implantar-se solidamente na região ao sul do rio Litani e, quanto ao resto do país, ficará apenas a sua recordação. Do jeito que vamos, acabará destruído e será arrastado para um caos imaginável e não será fácil mudar tal situação.

Além de Israel, haveria outros beneficiários de tal situação?

- Não serão os libaneses. E será certamente Amin Gemayel.

Que teria feito no lugar do presidente?

- Primeiro teria selado um pacto sólido, claro e límpido com os sírios. Em segundo lugar, teria posto em funcionamento as soluções de Lausana. Teria, finalmente, entabulado um verdadeiro diálogo político com todas as facções do país, em vez de enviar bombas e viaturas artilhadas.

Como vão as negociações israelo-libanesas?

- Está tudo bloqueado. Israel continua a pretender a presença das forças das Nações Unidas ao norte do rio Litani, na região de Gaila. E nós, os libaneses, não concordamos.

A retirada israelita da zona de Gaila parece estar definitivamente desencadeada. O que antevê, a curto prazo, para essa região?

- A retirada, é um caso arruado. Mas só Deus sabe o que poderá acontecer por lá. Começaram já os atentados à bomba. Entre os alvos preferidos figuram dirigentes do movimento nacional libanês, tal como Mustafá Badreddine, um dos personagens mais influentes do sul do Líbano.

O OLP era importante no Líbano?

Nove anos de guerra não con-



Milícias drusas lideradas por Walid Jumblatt



O desespero do povo libanês, o país está a ser destruído

seguiram destruir a espinha dorsal económica do país. Nove meses de "paz", parecem ter reduzido quase tudo à miséria. Quais as causas económicas do descalabro actual?

- Em primeiro lugar, o enorme orçamento militar. Nos últimos tempos gastaram-se verbas astronómicas para comprar armas, canhões, munições. Falo, bem entendido, das despesas efectuadas pelo Estado libanês. Em seguida, houve a saída da OLP de Beirute. Não se esqueça de que a presença da OLP representava um factor económico muito importante para o nosso país.

Temos, além disso, as ajudas prometidas pelos países árabes ao Líbano, que nunca apareceram. E, finalmente, os emigran-

tes deixaram de enviar o seu dinheiro para o Líbano, por já não terem confiança no seu país.

Como está o comércio?

- Acabou tudo! A burguesia libanesa não investe já neste país; também já não têm confiança em nós. Prefere observar as coisas de longe, entre Paris e Londres. O que nos resta? Resta-nos a pequena burguesia que vai empobrecendo lentamente, até à miséria. Este é um sintoma muito grave para uma nação como a nossa: começa-se já a constatar a miséria entre a pequena burguesia. Imagine: miséria num povo que sempre foi tão próspero!

Como sair da actual situação?

- Não há solução, enquanto os falangistas estiverem no poder.

Mas como pensar em excluí-los do governo, uma vez que eles representam, apesar de tudo, uma das mais importantes comunidades do seu país?

- É aí que está o grande erro! Os falangistas não representam, de modo algum, a comunidade cristã. Ascenderam ao poder graças aos blindados de Israel.

Os falangistas são uma coisa e a comunidade, outra. Estamos prontos a dialogar com essa comunidade, mas não com o partido falangista.

## Ásia

### Afeganistão

# “Somos e seremos sempre não-alinhados”

O ministro dos Negócios Estrangeiros Sha Mohamed Dost, numa entrevista exclusiva a *cadernos*, afirma que a presença soviética se enquadra na Carta da ONU e que não interfere nas posições do seu governo

José Monserrat Filho

O ministro dos Negócios Estrangeiros afegão, Sha Mohamed Dost, ocupa este cargo há cinco anos, mas trabalha no Ministério dos Negócios Estrangeiros há 27. É diplomata de carreira. A sua participação no governo faz parte da política de ampliação das bases de apoio à revolução democrática e anti-feudal, conduzida por Babrak Karmal, a partir de Dezembro de 1979.

A principal tarefa atribuída a Dost foi impedir o isolamento diplomático do Afeganistão, após a entrada de tropas soviéticas no país no quadro de um projecto contra-revolucionário, accionado pela CIA a partir do Paquistão. Passados cinco anos, ele pôde dizer nesta entrevista: “todas as tentativas de isolar diplomaticamente o Afeganistão fracassaram”.

Hoje, Cabul mantém relações com mais de 80 países, o que

nunca aconteceu antes, embora não tenha ainda meios para montar embaixadas em mais do que 30 deles. Além disso, o Afeganistão participa nos principais organismos internacionais e deles recebe ajuda. Apenas o FMI e outras entidades financeiras controladas pelos EUA recusam-se a prestar assistência ao governo afegão. (Ver *cadernos* nº 73, Janeiro/85).

Mas, apesar dos êxitos, as dificuldades do país na cena internacional não são pequenas. O Afeganistão tem quatro vizinhos: a URSS, o Paquistão, o Irão e a China. Os três últimos, em cada 24 horas, transmitem mais de 110 horas de emissões radiofónicas hostis à revolução afegã e à presença militar soviética.

No Paquistão, funcionam cerca de 120 campos de treino de “combatentes pela fé”, sustentados pelos EUA, Grã-Bretanha, Alemanha Federal e países conservadores da região. No Irão e na China, existem também campos de treino, embora em menor número. Os assessores militares encarregados de preparar a chamada “resistência afegã”, são norte-americanos (mais de 300), paquistaneses, egípcios, israeli-



Voluntários no combate aos contra-revolucionários

chineses e outros. Como em toda a guerra atada a dólar, não faltam cenários e aventureiros de várias procedências. A conhecida revista norte-americana *Soldier Fortune*, especializada em cenarismo, dedicou extensa matéria de capa, em Setembro de 1984, às oportunidades de facturamento entre os bancos que atacam o Afeganistão. A, Israel, China e Arábia Saudita deverão conceder, este ano, mais de 500 milhões de dólares nestes bandos — informou, em 1 de Janeiro, o semanário londrino *Jane's Defense*, citando fontes de Washington.

prejuízos  
"desestabilização"

Em Novembro do corrente ano, calculava-se em mais de 100 milhões de dólares o montante de recursos aplicados, em dois anos, pelos EUA e aliados na "terra santa" e não-declarada contra o Afeganistão. O governo afegão, por seu turno, estimava em 700 milhões de dólares os prejuízos directos provocados pelas hostilidades, que procuram desestabilizar o país.

No entanto os inúmeros bandos contra-revolucionários até agora não conseguiram se unir e formar um único e grande exército, nem organizar uma única representação externa, capaz de ganhar prestígio internacional e eventualmente, constituir um governo no exílio. Este malogro deve-se a dois motivos: o baixo nível político dos grupos em que se divide a contra-revolução, à mentalidade medieval, e à corrupção que impera entre os altos chefes militares e religiosos e os colegas paquistaneses. O enorme esforço dos EUA, incluindo as visitas de Bush eultz aos campos de treino no Afeganistão, não logrou superar estes problemas.

OS EUA gostariam que a "resistência afegã" fosse reconhecida



O ministro dos Negócios Estrangeiros Sha Mohamed Dost com o nosso colaborador Monserrat Filho, em Cabul



Um dos atentados dos grupos afegãos contra-revolucionários

da internacionalmente como "força política representativa", como a França e o México reconheceram a FMLN-FDR (Frente Farabundo Martí para a Libertação Nacional—Frente Democrática Revolucionária), em El Salvador. Mas, sem uma direc-

ção unificada que mereça um mínimo de credibilidade, isto não parece provável. É claro, porém, que as manobras nesse sentido não cessarão tão cedo. A recente visita a países da América Latina de uma delegação de "rebeldes afegãos", embora sem êxito aparente, é disso uma prova.

O maior desafio à diplomacia afegã, no entanto, está na ONU, onde a grande maioria dos países tem votado, nas últimas sessões da Assembleia Geral, pela "retirada das tropas estrangeiras" do Afeganistão. Segundo Cabul, são resoluções equivocadas, pois absolutizam a tese de que não deve haver tropas estrangeiras em nenhum país e negam o direito de qualquer governo pedir ajuda militar a um país amigo em caso de ameaça externa, de acordo com o princípio da legítima defesa individual ou colectiva fixado na Carta da ONU.

Para Cabul, a solução do problema está, em primeiro lugar, na cessação dos ataques a partir

terceiro mundo - 77



"Os governos anteriores não deram atenção às reivindicações populares"

do Paquistão, Irão e China, que motivaram a chegada das tropas soviéticas.

Afeganistão e Paquistão, intermediados por um representante do secretário-geral da ONU, deverão encontrar-se este ano para novas conversações. O lado afegão tem o maior interesse no sucesso destas negociações, que dariam ganho de causa às suas posições e desafogariam as pressões da guerra. O governo de Cabul está convencido de que assim que normalizar as suas relações com o Paquistão, transformado pelos EUA em praça de armas da contra-revolução, e que Islamabad proibir ou desestimular o uso do seu território como plataforma para ataques ao Afeganistão, a guerra perderá a sua principal fonte alimentadora.

Neste 7.º aniversário da revolução antifeudal de Abril de 1978, o ministro Dost analisa as principais linhas da política externa do país.

#### Os princípios da política externa

*Quais são as principais linhas da política externa do Afeganistão?*

— A nossa política externa é reflexo das aspirações do povo.

78 - terceiro mundo

É uma política de princípios cujos objectivos básicos são a defesa da integridade territorial, da soberania nacional e da independência do país, bem como a criação de condições externas favoráveis para remover as graves consequências dos tirânicos governos anteriores.

Adoptamos medidas enérgicas para pôr fim à guerra não-declarada desencadeada pelo imperialismo contra o nosso país e para lançar os fundamentos da edificação de uma sociedade nova e próspera.

Obedecemos rigorosamente à Carta e aos propósitos da política do não-alinhamento. A consolidação de relações amistosas com países de diferentes sistemas sociais, na base da coexistência pacífica e nos princípios da não-agressão e não-intervenção, constitui alta prioridade para o nosso governo. Somos pela solução exclusivamente pacífica das controvérsias, assim como pelo estabelecimento de uma nova e justa ordem económica internacional.

Lutamos, ao lado de outros países, pela eliminação do racismo, inclusive o sionismo, discriminação racial e *apartheid*; incrementamos relações mutuamente

benéficas com países e povos muçulmanos; somos parte inseparável do movimento mundial pela paz, *detente* mundial, desenvolvimento geral e completo, proibição e destruição das armas nucleares; somos parte da luta contra o imperialismo, a reacção, o hegemonismo e o colonialismo.

*Como compara a política externa do Afeganistão do passado com as suas posições no presente?*

— Devido à natureza dos regimes anteriores baseados em relações feudais e pré-feudais e nas suas origens de classe, antes da revolução de Abril (1978), a principal linha política do Afeganistão inclinava-se para a dependência económica e política ao imperialismo e a submissão aos interesses monopolistas. Os governos daquela época jamais deram a devida atenção aos altos interesses e reivindicações do povo.

A vitória da revolução de Abril estabeleceu um novo poder político no país e deu origem a uma política externa de novo tipo e a uma diplomacia activa na cena mundial. O Afeganistão, hoje, mantém relações diplomáticas com mais de 80 países. Todas as tentativas de isolar diplomaticamente o Afeganistão fracassaram.

#### A presença soviética

*Fala-se no Ocidente que o Afeganistão, sendo aliado da URSS, não pode ser considerado um país não-alinhado. Como responde a isso?*

— A similitude entre as nossas posições e as posições da URSS, no plano internacional, não contradizem os princípios do não-alinhamento. Na realidade, a comunidade socialista é considerada aliada natural do movimento dos países não-alinhados. Há países com a mesma linha política, económica e so-



da URSS, que são membros do movimento de não-alinhamento. Por outro lado, é um facto raro a presença de forças militares de potências estrangeiras no território de alguns países não-alinhados.

As nossas relações com a URSS têm raízes históricas e tradicionais. Desde o primeiro dia da nossa independência, quando nos livrávamos do domínio colonial britânico, a URSS tem prestado ajuda fraternal ao nosso povo. A presença de um limitado contingente militar soviético no Afeganistão, atende a um convulso. O seu objectivo é ajudar o povo e as forças armadas do Afeganistão a defender a sua independência, integridade territorial e soberania nacional contra os ataques que vêm de fora. Encontra-se temporariamente acantonado no território do Afeganistão, por convite do governo legítimo do nosso país, com base no Tratado de Amizade, Cooperação e Boa Vizinhança, firmado pelos dois países a 5 de Dezembro de 1979 e registado nas Nações Unidas, e em plena conformidade com o artigo 51 da Carta da ONU.

Esse contingente militar — não foi declarado — retornará ao seu país, assim que cessarem a intervenção armada e outras formas de interferência nos assuntos internos afegãos e forem dadas garantias internacionais consistentes de que tais interferências não voltarão a repetir-se. O Afeganistão é e continuará a ser membro activo do movimento não-alinhado, defendendo a sua unidade, coesão e os seus princípios anti-imperialistas e progressistas.

Elucidando os  
debates da ONU

A grande maioria dos Estados membros da ONU tem votado a "retirada das tropas estran-

geiras" do Afeganistão. Que tem feito a diplomacia afegã para levar esses países a entenderem o que realmente se passa no seu país?

— Fazemos um grande esforço nesse sentido. Os nossos diplomatas, através de contactos directos e distribuindo documentos e livros, empenham-se ao máximo para esclarecer a nossa causa e as nossas justas posições. Infelizmente, porém, um grande número de membros da ONU sofre a pressão política e económica do imperialismo. Não obstante, temos ao nosso lado a humanidade progressista.

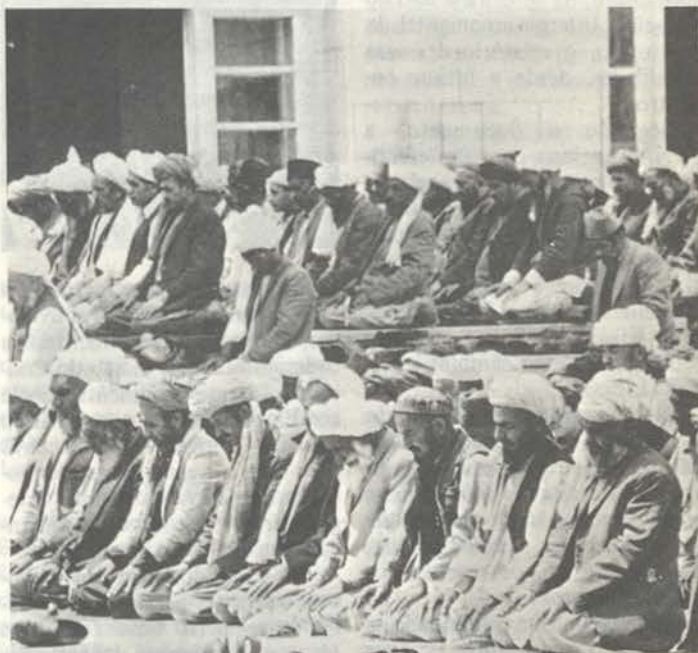
Quais são os meios para solucionar a situação criada em

e alguns dos nossos vizinhos.

— Aceitamos, também, os bons ofícios do secretário-geral da ONU e seus representantes. Três encontros para conversações foram realizados entre o Afeganistão e o Paquistão, intermediados por Diego Cordovez, representante do secretário-geral da ONU. Durante essas conversações e nas visitas de Cordovez à região, alcançaram-se certos progressos. As recentes conversações de aproximação, que tiveram lugar em Genebra no mês de Agosto de 1984, poderiam ser consideradas como introdutórias às conversações directas, o caminho mais curto e rápido para se atingir um acordo.

Durante as conversações de

Novosti



O povo afegão reivindica a não-ingerência nos seus assuntos internos

torno do Afeganistão? Como se encontram as negociações com o Paquistão?

— As declarações do governo afegão de 14 de Maio de 1980 e de 23 de Agosto de 1981 oferecem, na nossa opinião, uma base firme para a normalização das relações entre o Afeganistão

e o Paquistão. Durante as conversações de aproximação, discutimos o problema da não-intervenção e das garantias internacionais efectivas de cessação completa da interferência nos assuntos internos afegãos e da sua não-reativação no futuro, além do retorno voluntário e de boa fé dos refugiados.

terceiro mundo - 79

## Comunicação

# PANA: conclusões do Conselho Intergovernamental

Na 3ª reunião desde a sua criação, a direcção da Agência Panafricana de Notícias faz um balanço da sua actuação e dos seus problemas

O director-geral da Agência Panafricana de Informação (PANA), xeique Ousmane Diallo, apresentou, na terceira sessão do Conselho Intergovernamental da instituição, o relatório das suas actividades, desde o último encontro.

Segundo o documento, a PANA funciona com um efectivo de 74 pessoas de 16 nacionalidades, com contratos de duração determinada, entre os quais 56 destacados na sede da Agência, em Dakar, e os restantes nos diferentes *pools* em Lagos (Nigéria), Kinshasa (Zaire), Cartum (Sudão), Lusaka (Zâmbia) e Trípoli (Líbia).

No que respeita ao orçamento da Agência, cuja situação global não conheceu progressos significativos, ressalta do seu exame a existência de uma disparidade acentuada entre as contribuições recebidas e as por receber dos países membros.

Depois de ter sublinhado a degradação quase linear da taxa média de cotizações que leva a Agência a reduzir em 13% os seus recursos de funcionamento de um ano para o outro, Ousmane Diallo disse que este risco crescente da não cobertura de mais de metade das contribuições é um factor que limita as actividades da Agência, tanto a nível da política de recursos humanos como da gestão operacional.



No sentido de se permitir à PANA aumentar as suas actividades, Ousmane Diallo manifestou o desejo que esta sessão do Conselho Intergovernamental apele aos Estados Unidos a cumprirem as suas obrigações financeiras para com a Agência, caso se pretenda que a PANA cumpra integralmente a sua missão e as funções que lhe estão consignadas.

Ao falar dos aspectos técnicos, o director-geral da PANA felicitou-se pelas boas condições técnicas de recepção das emissões da PANA, difundidas através de ondas decamétricas recebidas pelos *pools* regionais e por uma quinzena de agências nacionais dotadas de equipamentos de recepção. Uma ligação especial entre Dakar e Tunis assegura ainda a redistribuição do serviço da PANA no canal do *pool* dos países não-alinhados, acrescentou.

Debruçando-se sobre a pro-

dução da Agência, Ousmane Diallo anunciou estar actualmente estabelecida em 20 mil palavras em francês e inglês, para seguir recordar que o boletim da PANA contém, entre outras informações recebidas das agências nacionais, materiais sobre economia, seca, cultura, ciência e tecnologia, desporto, saúde e revista de imprensa. A essa cifra juntou as 1.500 palavras que a PANA difunde como notícias de países membros do *pool* dos países não-alinhados, assim como informações procedentes das Nações Unidas, Unesco, BIT, FAO, OPEP, BAD, BADEA, que os re-

distribui. No plano de formação, disse Diallo, a PANA segue uma política de rotação dos jornalistas das agências nacionais, no sentido de familiarizá-los com o sistema da PANA com o fim de fornecer-lhes artigos de alta qualidade profissional.

De igual modo, apontou os seminários organizados pela PANA, em 1984, para jornalistas de países de língua francesa, decorrido em Dakar, um outro similar para os de língua inglesa, em Nairobi, e um encontro para os responsáveis das agências de informação dos países membros da SADCC (Conferência de Coordenação para o Desenvolvimento da África Austral).

Por último, o director-geral da PANA informou o conselho sobre a iniciativa que a Agência se propõe levar a cabo, a de organizar, em Fevereiro de 1986, em Dakar, um colóquio sobre o tema "O panafricanismo: o passado, o presente e o futuro", no sentido de uma maior coesão da unidade africana.

O Conselho Intergovernamental da PANA reuniu-se em Addis Ababa, sob a direcção do seu presidente, o dirigente angolano Lúcio Lara, do comité central do MPLA—Partido do Trabalho.

### PARTE DE JORNALISTAS

Ao longo do ano de 1984, 21 jornalistas foram mortos no exercício da sua profissão, mais do que em 1983. Cinco outros foram raptados, 72 presos, 22 pulsos do país onde trabalham e 31 vítimas de atentados, revelou recentemente a *Freedom House*, uma organização privada norte-americana que se dedica à defesa dos direitos humanos e da liberdade de imprensa.

### ENCERRADOS TRÊS JORNALÍSTICOS SUL-AFRICANOS



Os jornais *Rand Daily Mail*, *Weto News* e a revista *Rand In-sportation* foram encerrados por determinação do Conselho Directores dos Jornais Associação da África do Sul, organismo dominado pelo Partido Nacionalista, no poder, com a alegação de serem "desvantajosos". O desaparecimento do *Rand Daily Mail*, o principal diário da oposição legal ao *apartheid*, fundado em 1902, é aparentemente motivado pelos prejuízos acumulados nos últimos anos de publicação que rondam os 45,5 milhões de rands.

No entanto, sectores democráticos da opinião pública sul-africana consideram os encerramentos um golpe deliberado do regime contra a oposição. O próximo Pieter Botha confirmou essa avaliação ao declarar que o fim do *Rand Daily Mail* serviria de

advertência às restantes publicações que ousam discordar da linha oficial.

A linha editorial do *Rand Daily Mail*, tem defendido nos últimos anos reformas no regime do *apartheid*. A Associação Sul-Africana de Jornalistas afirmou num comunicado que o seu desaparecimento afectará não só o seu pessoal e os leitores tradicionais, como todos os habitantes do país que perderão uma "fonte independente de informação fidedigna". Por seu turno, num recente editorial o diário afirma que é paradoxal que deixe de circular "num momento em que o regime de Pretória está a ser fortemente pressionado, no sentido de introduzir reformas substanciais no seu desumano e retrógrado sistema", questão que, segundo o editorialista, o jornal "sempre preconizou desde à 25 anos".

### UNESCO APROVA PROGRAMAS LATINO-AMERICANOS

O Programa Internacional para o Desenvolvimento das Comunicações (PIDC), um organismo da Unesco, aprovou em Paris dois projectos para a América Latina.

Um deles destina-se a equipar a Agência Latino-Americana de Serviços Especiais de Informação (ALASEI) com um banco de dados, para permitir que os seus correspondentes tenham acesso à informação. A ALASEI, que começou a funcionar em Outubro de 1983 na Cidade do México, distribui fundamentalmente, artigos de análise relativos a temas económicos, sociais e políticos da América Latina.

O segundo projecto destina-se à produção e transmissão de programas de televisão na região andina que inclui a Bolívia, Colômbia, Equador, Peru e Venezuela.

### TELEVISÃO INDIANA RECEBE PRÊMIO DA UNESCO

O prémio pelo Incremento das Comunicações em Zonas Rurais instituído pela Unesco, foi atribuído, pela primeira vez, ao Programa de Desenvolvimento da televisão indiana para a região de Khed. A decisão foi tomada pelo Conselho Intergovernamental do Programa Internacional para o Desenvolvimento das Comunicações (PIDC), organismo que participa no incremento de programas de meios de informação e comunicação de massas nos países subdesenvolvidos. No Conselho Intergovernamental do PIDC participam 34 países eleitos na Conferência Geral da Unesco.

O projecto Khed levou a televisão a 400 aldeias desta região no oeste da Índia, tendo o Estado assegurado os meios financeiros e técnicos para montar nas povoações abrangidas, televisores públicos para retransmissão de programas dirigidos aos camponeses.

O teor desses programas com uma duração média de 90 minutos, incide na divulgação de métodos de cooperativismo agrícola, utilização de fertilizantes, modos de lavar terras, vacinação contra o paludismo e outras doenças tropicais e na influência perniciososa de muitos preconceitos ainda não extintos, nomeadamente nos aspectos respeitantes às mulheres e crianças.

De acordo com os seus promotores, o projecto Khed visa a aceleração do desenvolvimento socioeconómico das zonas rurais e a divulgação de conhecimentos das realizações da Ciência e Cultura que se exigem face ao atraso secular, aos preconceitos ainda prevalentes e à necessidade de estimular os princípios do colectivismo.

## “Canto para destruir o egoísmo”

Atahualpa Yupanqui, compositor e poeta argentino de 77 anos revela que faz música para ajudar cada um a descobrir o melhor dentro de si

Guiomar Belo Marques (\*)



Atahualpa Yupanqui: um grito euro-índio

Atahualpa Yupanqui é argentino. Cresceu entre a pampa, os Andes, o mar e o céu. Nasceu em 1908, numa família onde se misturavam o sangue indígena e basco. Baptizaram-no de Héctor Roberto Chavero, mas quando chegou a hora da escolha adoptou o nome artístico de Atahualpa Yupanqui. Homenageava assim o último imperador inca.

No corpo incrivelmente grande dos seus 77 anos, ressaltam uns olhos cor de água que escondem uma expressão de menino. “O homem canta o que a terra lhe dita. O cantor não elabora, traduz”, disse um dia o artista

procurando explicar os sons de que é capaz.

Entre as suas músicas mais conhecidas e admiradas estão: *Canción para mi sombra* (Que solidão terá um dia invadido um homem para ele fazer uma canção à sua sombra?) — *Canción del Desterrado*, *Camino del Indio*, *Duerme Negrito* e *Canción para Pablo Neruda*, poeta querido de Yupanqui, talvez porque existe em ambos muito de poeta popular.

“Um poeta não tem biografia”

“Os dias da minha infância corriam de assombro em assom-

bro, de revelação em revelação”, lembra Yupanqui. Nasceu num meio rural e cresceu frente a um horizonte de balidos e relinchos. Era um mundo de sons doces e bárbaros, simultaneamente”.

Filho do Campo de la Cruz ao norte da província de Buenos Aires, ao fim de nove anos a família mudar-se-ia para Tucumán. Desse tempo diz o cantor: “empurrado pelo destino, protegido pelo vento e sua lenda, a vida depositou-me no reino das *zambas*<sup>1</sup> mais lindas da terra”.

Yupanqui aprendera, com apenas seis anos de idade, a tocar violino. Um dia o professor deu-lhe uma bofetada e nunca mais quis aprender a tocar com ele. O encontro com o violão deu-se na sequência de este incidente, e não mais o abandonaria. “Este instrumento tornou-se uma constante desde as primeiras horas do meu nascimento. Com o violão eu alcançava o sonho...”, porque o violão era muito mais autêntico do que o violino, pois traduzia muitas vezes melhor a sua origem índia.

A morte do pai tornou-o chefe de família permaturamente. Nessa altura, Yupanqui jogou ténis, foi boxer e jornalista. No entanto, o caminho era por demais apelativo para que suportasse essa sedentarização. Seguir, era um desejo excessivamente forte.

Tala foi o ponto de chegada seguinte, ali permaneceu um ano. Professor primário, tipógrafo, cronista, vagabundo, observador, músico e poeta foram algumas das facetas que assumiu enquanto permaneceu nessa cidade. No entanto, depois de muito caminhar, uma meta se impôs: a capital. Buenos Aires esperava

\* Na entrevista participou também a nossa colaboradora Maria João Macedo.

<sup>1</sup> *Zamba*: música folclórica do norte argentino.

o artista e com ela, novos ritos musicais.

### encontrar a pátria

Quatro anos após o fim da guerra Yupanqui viajou pela Europa durante dois anos. As saudades da pampa foram mais fortes e em 1951 acabou por regressar. Sentia necessidade de se encontrar com a pátria, com as raízes.

Mas a Europa voltaria a imbrisar-se. Pouco a pouco, o cantor ia sentindo dividido entre as origens e esse continente. A Espanha é o segundo elemento fundamental da nossa cultura", explica. "O primeiro é o autóctone".

Actualmente, Yupanqui vive em Paris mas de três em três meses viaja para a Argentina onde fica um mês.

Autor de mais de 1.200 canções, correu o seu país de lés a dextres, mas é conhecido muito além das fronteiras argentinas. Discos, filmes, conferências, 45 espectáculos no Japão e um pouco por toda a Europa, Yupanqui atingiu já uma projecção internacional singular.

### ber no povo

É no povo que Yupanqui diz encontrar a força sempre renovada das suas canções. "Na vida não existe monotonia ou estagnação se soubermos desvendarmos o segredo". Para Yupanqui é fácil, bastou que não se apartasse nunca do caminhar constante junto ao povo.

A sua militância, em tempos organizada, passou a ser a luta para ajudar o homem, a se encontrar em si mesmo, a descobrir e existe de melhor dentro de si mesmo. Para mudar o mundo, não haveria que destruir, ou ajudar o homem a destruir dentro de si mesmo, tudo o que tenha de "egoísmo", afirma. E acrescenta: "o dia em que nos consciencializarmos da razão para que vie-



"O homem anda sobre a terra. Quando se sente muito cansado, procura refúgio debaixo dela"

mos ao mundo e o que temos que fazer com ele, então talvez diminua essa quantidade de egoísmo, que por vezes leva as pessoas a não se portarem bem, a enriquecerem com facilidade, a inventar a guerra. Coisas horríveis que mancham a existência do homem no universo. Se as minhas canções podem minimamente ajudar a que as pessoas destruam o seu egoísmo, e me ajudem a destruir o meu, dou-me por satisfeito".

Talvez por isso, a canção de protesto tem, para Yupanqui, um sentido próprio. Sobre esta questão, afirma: "melhor seria chamar-lhe canção-testemunho, porque o protesto de nada serve quando não se combina com soluções. A consequência do meu trabalho é reflectir a realidade dos homens. Não há qualquer intenção para além dessa. Todos vivemos com problemas similares. No final, todos acabamos por estar no mesmo: a vida".

As músicas de Yupanqui são muito cantadas por outros expoentes importantes da canção latino-americana. É o caso da sua



Pablo Neruda, o amigo inolvidável do outro lado da cordilheira

compatriota Mercedes Sosa, por exemplo, e do uruguaio Daniel Viglietti, ambos amigos pessoais de Yupanqui.

"Diz-se geralmente que eu sou um defensor daquilo a que vocês chamam cultura latino-americana", afirma Yupanqui. "Quanto a mim, prefiro designá-la por cultura euro-índia. Mas o que mais me interessa são as culturas dos povos que se expressam quer pela música, quer pela poesia e que reflectem a forma de sentir da gente do seu país". ●

# 40.º ANIVERSÁRIO DO FIM DA 2.ª GUERRA MUNDIAL E DA VITÓRIA SOBRE O NAZI-FASCISMO

E. Kulkov, O. Rjechevski,  
I. Tchelichev

## A VERDADE E A MENTIRA SOBRE A SEGUNDA GUERRA MUNDIAL



edições  
Avante!

Revelar objectivamente e modo global as causas e o carácter da Segunda Guerra Mundial, o conteúdo dos acontecimentos mais importantes, apreciar justamente os seus resultados e as suas lições, é simultaneamente uma importante advertência àqueles que hoje brandem armas nucleares, ameaçam precipitar a Humanidade para o pântano de destruição ainda maiores.

edições  
Avante!

# CONHECER A GUERRA PARA DEFENDER A PAZ

### MOÇAMBIQUE RECUPERA DOCUMENTAÇÃO HISTÓRICA

Com o recente protocolo assinado em Lisboa entre Moçambique e Portugal para consulta e produção dos seus arquivos históricos, fica mais facilitada a recolha de dados referentes ao período colonial português. Com efeito, a maior parte da documentação histórica dos países africanos de língua portuguesa encontra-se em Portugal, nomeadamente no Arquivo Histórico Ultramarino, Torre do Tombo e Biblioteca Nacional. Os investigadores, têm, no entanto, deparado com dificuldades em relação à época anterior ao século XVIII, período onde se fazem sentir grandes lacunas de documentação.

Elegendo a recuperação do património histórico como uma das prioridades nacionais, Moçambique é a primeira ex-colónia a avançar nesse sentido.

O protocolo, no entanto, não contempla toda a documentação. Em Portugal vigora ainda a velha lei de prazo de confidencialidade histórica de 50 anos, apesar do Conselho Internacional de Arquivos propor aos países membros um prazo de sigilo de apenas 25 anos.

Além de Portugal, as autoridades moçambicanas tentam também recuperar a sua documentação espalhada por outros países. De Lisboa, a directora do Arquivo Histórico de Moçambique, Maria Inês, dirigiu-se ao italiano. Nas bibliotecas da Santa Sé encontra-se valioso material histórico, sobretudo do século XVI, proveniente das ordens religiosas que compartilhavam com militares e comerciantes o início da penetração colonial portuguesa. Além da Itália, ainda documentação da época colonial portuguesa em França, Grã-Bretanha, Holanda, Espanha (referente ao período de do-

minação espanhola de Portugal, entre 1580 e 1640) e, curiosamente, nos Estados Unidos.

Esta recuperação de documentação histórica beneficia de apoio técnico e financeiro, por um período de dois anos, da SAREC, uma ramificação da SIDA, organismo sueco de apoio aos países em desenvolvimento.

Até agora, apenas Moçambique fez uso desta oferta que foi estendida às outras ex-colónias portuguesas. No entanto, começou já a delinear-se um encontro sobre este projecto com os outros países do grupo dos "Cinco".

### II ENCONTROS DE POESIA

Realizam-se, de 6 a 10 de Junho próximo, os II Encontros de Poesia de Vila Viçosa, Portugal, organizados pela Associação de Cultura Património XXI, em colaboração com a Câmara Municipal de Vila Viçosa e a Associação Portuguesa de Escritores.

Estes Encontros de Poesia, abertos a todos os países de língua portuguesa terão, entre outros, os seguintes temas: caminhos da poesia portuguesa contemporânea; poesia brasileira e africana de expressão portuguesa; influência árabe no discurso poético português; poesia popular/poesia erudita; a poesia e as crianças e a condição do poeta na sociedade actual.

O envio das comunicações sobre estes temas deverá ser feito até 15 de Maio próximo para a Associação de Cultura Património XXI, localizada na Rua do Sol ao Rato, 100/1º, 1200-Lisboa.

### NELISITA GANHA PRÉMIO EM BURKINA FASSO

O filme do realizador angolano Ruy Duarte de Carvalho, "Nelisita" recebeu o "Prémio

da Sétima Arte" do IX Festival Panafricano de Cinema de Ouagadougou, capital de Burkina Fasso (ex-Alto Volta). O prémio foi atribuído à obra do autor de "Presente Angolano, Tempo Mumuíla" pela sua "perfeita mestria de linguagem cinematográfica".

O prémio da melhor longa metragem foi para a película "História de um Encontro" do argelino Brahim Tsaki, enquanto que o troféu da curta-metragem coube a "Casamento de Mariamu" do tanzaniano Nangayoma Ngoge.

### ALFABETIZAÇÃO NA ETIÓPIA



A grave crise alimentar que assola a nação etíope, não tem impedido que o Ministério da Educação do governo de Mengistu Hailé Mariam avance no esforço de alfabetizar as populações rurais. Foi anunciado em Addis Ababa que mais de 270 mil adultos foram alfabetizados no decorrer dos últimos cinco anos na província de Hararge, a maior do país. A Etiópia recebeu em 1980 um prémio da Unesco pelo seu esforço de alfabetização e no ano passado foi elogiada por um grupo de especialistas suecos como "um modelo para os países de reduzidos recursos que actuam no campo da alfabetização".

## Barreiras contra os novos industriais do petróleo

Os países desenvolvidos reagem à entrada, nos seus mercados, dos produtos petroquímicos sauditas, provenientes de indústrias cuja aquisição foi incentivada pelo próprio Norte

Pablo Piacentini

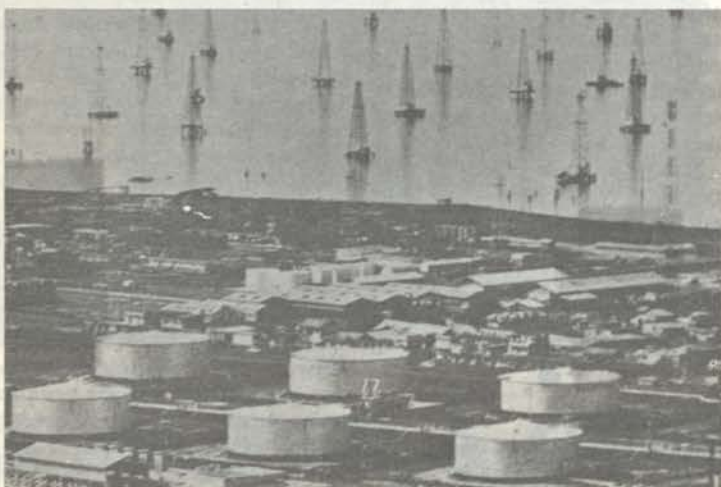
As potências industrializadas e, em particular, os países europeus observam com inquietação como um grupo de países exportadores de petróleo está a prosseguir na transformação industrial desse combustível e a forma como está a penetrar nos seus próprios mercados.

Na medida em que entram em operação as instalações petroquímicas e as refinarias, que os países petrolíferos e especialmente os do Golfo Árabe finan-

ciaram graças às altas do petróleo, aumentam a preocupação e as pressões para deter essa concorrência.

Já em Julho de 1984, a Comunidade Económica Europeia (CEE) lançou uma sobretaxa alfandegária de 13,5% em prejuízo do metanol da Arábia Saudita, mas há sectores da indústria do Velho Continente que clamam por novas restrições.

O processamento dos hidrocarbonetos é, como o da side-



A industrialização dos hidrocarbonetos é uma das poucas áreas onde o Terceiro Mundo conseguiu concorrer com os países desenvolvidos

rurgia e dos têxteis, um dos poucos espaços industriais em que os países do Terceiro Mundo conseguiram concorrer eficazmente com as nações desenvolvidas, aproveitando-se da abundância e do baixo custo da extração da sua matéria-prima ou do baixo custo da mão-de-obra local. Os governos do Norte industrializado professam oficialmente a doutrina do livre comércio e, consequentemente, não deveriam opor barreiras a essa concorrência. Contudo, em todos os exemplos mencionados, colocaram restrições alfandegárias e de outros tipos, pondo em perigo os esforços e os investimentos realizados pelos países terceiro-mundistas para superar o subdesenvolvimento através da industrialização.

Neste caso há um agravante, pois a realização dos investimentos efectuados pelos exportadores de petróleo foi incentivada pelos mesmos que agora procuram frustrar os seus resultados.

### As consequências da venda de tecnologia

Depois dos grandes aumentos do preço do petróleo em 1973, os maiores exportadores acharam-se com grandes excedentes nas suas balanças comerciais laterais com os países industrializados. Por outras palavras, os rendimentos provenientes das vendas de hidrocarbonetos às nações do Norte foram muito superiores às exportações que estas realizaram na área da Organização dos Países Exportadores de Petróleo (OPEP).

Um dos meios utilizados para se equilibrar a balança comercial consistiu em incentivar a venda de tecnologia e equipamentos para o desenvolvimento da indústria petrolífera. Assim, só a Arábia Saudita investiu dez mil



lhões de dólares num programa petroquímico decenal, que começa hoje a dar os seus frutos.

Na verdade, as fatias de mercado que os exportadores de petróleo poderiam conquistar nos próximos anos não são desprezíveis, mas não são também verdadeiramente grandes.

Um estudo recente, preparado em conjunto pela OPEP (Organização dos Países Árabes Exportadores de Petróleo) e a companhia estatal italiana (ENI), calculou que nos países da OPEP, peravam, em 1980, 44 refinarias com uma capacidade de destilação primária de 144 milhões de toneladas. Os programas em execução aumentarão essa capacidade para 239 milhões em 1985 e para 279 milhões em 1990. O crescimento é em si mesmo impressionante mas, sendo as avaliações, as cifras de 1990 significarão 9% do mercado mundial da refinação.

Outra estimativa indica que, até fins desta década, as refinarias e as instalações petroquímicas do Médio Oriente transformarão produtos a partir de 1,7 milhões de barris diários, o que representa cerca de 10% da actual produção total da OPEP e menos de 5% da produção mundial. Ao terminar o plano decenal 1983, a Arábia Saudita — o gigante regional —, a sua produção petroquímica equivalerá a 4% do total mundial.

#### transferência das refinarias

Por consequência, o grosso da indústria continuará por um longo tempo sob o controlo das nações desenvolvidas.

Porém, uma das particularidades desse mercado consiste num acesso de capacidade instalada na diminuição contemporânea do mercado, fenómenos particularmente acentuados na Europa. Nos primórdios da indústria petrolífera, as refinarias eram



A Arábia Saudita é o gigante petrolífero da região. Na foto, o ministro saudita do petróleo, xeique Yamani

construídas ao lado dos jazigos. Assim aconteceu no país pioneiro — os Estados Unidos — e, depois, no Terceiro Mundo.

Após a II Guerra Mundial, passou-se a transferir as refinarias para os centros consumidores. Um dos motivos que induziram a essa mudança foi de carácter económico, pois o transporte do *crude* é menos dispendioso que o transporte dos derivados mais volumosos.

Houve também razões políticas, pois considerou-se inconveniente que todo o ciclo petrolífero se situasse em países que poderiam radicalizar as suas posições e nacionalizar a indústria. Para alguns autores, a transferência foi acelerada depois da nacionalização do petróleo decidida pelo primeiro-ministro do Irão, Mohamed Mossadeg, em 1951.

O centro da refinação foi instalado no principal importador e consumidor, a Europa Ocidental, sobretudo na Holanda e na Itália.

A capacidade das refinarias europeias foi projectada com base na hipótese de um crescimento constante do consumo mundial, que se verificou até 1979. A partir desse ano e até ao presente, a recessão mundial e uma série de factores económicos e sectoriais, cuja longa descrição não cabe aqui, determinaram uma baixa procura do petróleo

e dos seus derivados. Por outro lado, existem na Europa muitas refinarias obsoletas e, portanto, alheias a inovações tecnológicas que aproveitem com muito maior eficácia a matéria-prima além de serem mais rentáveis. Por último, os europeus devem adquirir o petróleo aos preços do mercado internacional.

É neste quadro que surjem os produtores de petróleo em vias de industrialização. É óbvio que para eles é fundamental transformar os hidrocarbonetos e captar para si o valor acrescentado do ciclo petrolífero completo.

#### A tentação proteccionista

Como os seus investidores são recentes, em geral a tecnologia incorporada é moderna. Ao mesmo tempo, o custo da matéria-prima equivale para eles ao custo da extracção, que é muito inferior ao preço do mercado internacional. Logo, os seus produtos são competitivos e podem tomar o lugar dos seus homólogos europeus.

É assim que — segundo dados referentes aos últimos meses de 1984 — as refinarias europeias trabalhavam com apenas 65% da sua capacidade instalada e a indústria no seu conjunto sofria grandes perdas, enquanto que as suas similares do Kuwait e Arábia Saudita utilizavam entre 80 e 85% do seu potencial.

Esta situação fez com que, nestes últimos anos, se tenha reduzido a dimensão das refinarias europeias, mas — como bem sabem os especialistas da CEE — este processo continuará e só restarão as indústrias mais eficientes. O aparecimento dos produtos do Norte da África e do Golfo Árabe, cujos principais mercados naturais são a Europa Ocidental e o Extremo Oriente, acelerará este processo. Daí a tentativa proteccionista.

Os competidores do Sul são igualmente imbatíveis no campo petroquímico, porque também aqui o baixo custo da matéria-prima funciona a seu favor. Em contrapartida, a indústria europeia encontra-se super dimensionada entre 15 e 20%, segundo os especialistas.

O avanço progressivo dos novos industriais implicará uma perda proporcional de mercado se não forem impostas restrições. Contudo, um aumento de barreiras por parte da CEE poderá provocar represálias, tanto ou mais onerosas que a entrada dos derivados do petróleo na Comunidade.

A Arábia Saudita realiza importações anuais à volta de 20 mil milhões de dólares, enquanto que o máximo das suas exportações petroquímicas não passará de três mil milhões de dólares. Já que uma parte muito importante das suas compras é efectuada nos dez países da comunidade europeia, poderia — e ameaçou fazê-lo — exercer represálias sobre os bens e equipamentos que os sauditas hoje adquirem nessa área e transferir os seus pedidos para o Japão, por exemplo.

A Arábia Saudita, Qatar, os Emirados Árabes Unidos, Bahrein e Oman começam a coordenar as suas políticas no quadro do Conselho de Cooperação do Golfo Árabe. Os cinco principados formam um gigantesco mercado comprador e, nas agendas das suas reuniões, está

incluído, em termos precisos, o assunto da colocação dos seus produtos e de uma política defensiva.

É, com certeza, a perspectiva de um contra-golpe que até agora dissuadiu a generalização de medidas como a sobretaxa das tarifas alfandegárias instituídas sobre o metanol saudita e inspirou conversações preliminares sobre o comércio e a cooperação entre o Conselho do Golfo e a CEE.

### Romper o círculo vicioso

O quadro é, portanto, complexo e não há ainda elementos para se saber qual será, em definitivo, a atitude dos países europeus.

Também nos Estados Unidos houve reacções negativas não só contra a indústria petroquímica do Médio Oriente como também contra a mexicana.

Alegou-se que, graças ao baixo custo da obtenção dos hidrocarbonetos, os países exportadores podem declarar uma guerra de preços. O argumento é absurdo pois refere-se a um recurso natural que, obviamente, concede vantagens económicas aos que o possuem. Se se tivesse que levar a sério este raciocínio, ele teria que ser aplicado às férteis pradarias dos Estados Unidos, o maior exportador mundial de alimentos, isto para dar apenas um exemplo. Por outro lado, e devido às limitações próprias do seu subdesenvolvimento, os novos industriais têm custos de gerência e de comercialização muito superiores aos dos velhos países industriais.

Em linhas gerais, o caminho da industrialização empreendido pelos países produtores de petróleo é não só compreensível como forçado. Os hidrocarbonetos constituem um recurso não renovável e só o seu aproveitamento económico máximo poderia permitir o desenvolvimento de novas fontes de rendimentos

quando os poços se esgotarem.

Por outro lado, é o comércio desigual entre os países industrializados e os exportadores de matérias-primas, a relação que perpetua o subdesenvolvimento destes últimos. Isto verifica-se através da deterioração constante dos termos de troca entre as matérias-primas e os produtos industriais. Os segundos têm alto valor acrescentado e mostram uma tendência constante para o encarecimento face às matérias-primas.

Só se sai dos círculos viciosos rompendo-os e a única ferramenta para impedir a deterioração dos termos do intercâmbio internacional consiste na industrialização.

Os países petrolíferos conseguiram travar e inverter os termos do comércio desde 1973, através da OPEP. À escala nacional, o complemento seria, justamente, a industrialização dos hidrocarbonetos.

Essas indústrias ocupam mão-de-obra local, embora necessitem de poucos trabalhadores.

Em quase todos os países, trata-se da primeira indústria moderna que instalam. Esperam que a capacidade do pessoal e as experiências adquiridas nessa inovadora actividade possam servir-lhes para alargá-las a outros programas de desenvolvimento nacional.

Por isso, e apesar do facto de que, em particular, os países do Golfo Árabe estejam ligados por numerosos laços de dependência ao Norte (particularmente aos Estados Unidos), tudo permite supor que lutarão para impedir que os seus produtos sejam discriminados nos mercados das nações industrializadas. Armas não lhes faltam e se as empregassem ao serviço da vontade política de não aceitar restrições, poderiam ser os protagonistas de um dos raríssimos conflitos nos quais as nações industrializadas não esmagariam os países subdesenvolvidos.

# A luta dos ecologistas europeus

responsabilidade da Europa na crise Terceiro Mundo e as reivindicações dos movimentos pacifistas, na análise do deputado "verde" alemão, Walter Schwenninger

Francisco Cê Gomes

Os nossos índices de consumo de carne *per capita* esboçam a razão inversa da fome no Terceiro Mundo", esta afirmação de Walter Schwenninger — deputado pelo partido *Die Grünen* (Verdes) no parlamento alemão federal, membro efectivo da Comissão Parlamentar para a Cooperação Económica e portador do partido para assuntos do Terceiro Mundo — traduz a crescente tomada de consciência por parte de cada vez mais amplos sectores da opinião pública europeia, face aos gravíssimos problemas que afectam o Terceiro Mundo. Ao mesmo tempo que reconhece a responsabilidade que cabe às nações industrializadas no agravamento das diferenças estruturais entre o Norte rico e o Sul pobre.

A crise internacional, apesar das profundas diferenças de incidência no modo como se manifesta na Europa e no Terceiro Mundo, também afecta as nações desenvolvidas, provocando grandes distorções económicas e a superpolarização gradual de sectores das classes sociais.

É essa a razão porque na República Federal Alemã e noutros países como a Bélgica e a Holanda — exemplos do industria-

lismo capitalista — partidos Verdes e Alternativos vão criando raízes, elegendo grupos parlamentares e centenas de representantes nos órgãos do poder local.

Na República Federal Alemã, Os Verdes — aliança dos grupos ecologistas, pacifistas, feministas, marxistas e dissidentes dos partidos tradicionais (democratas-cristãos e sociais-democratas) — são hoje a terceira força política nacional, com 27 deputados no parlamento federal, representan-

tes nos parlamentos estaduais e nas autarquias. No Parlamento Europeu formou-se, nas eleições de 1984, o grupo parlamentar ecologista ("Arco-Iris") que conta com 14 deputados (7 da RFA, 2 holandeses, 2 belgas e 3 dos partidos dinamarquês e italiano).

*No espaço de quatro anos os Verdes superaram o estatuto de partido "exótico" caracterizado pela heterogeneidade dos seus membros para se confirmarem como terceira força política da RFA. Como explica essa rápida ascensão de um partido como o vosso num país como a RFA, exemplo de sólida implantação das estruturas do industrialismo capitalista?*

— O crescimento do nosso partido deve-se precisamente àquilo que você apelidou de "exotismo" na sua composição. Quando, por ocasião das últimas eleições no estado de Baden Württemberg, em 1984, não integramos nas nossas listas um único dos antigos deputados Verdes no parlamento estadual, todos vaticinaram que não ultrapassaríamos 5% dos votos ex-



Schwenninger (de barba), com correligionários em Lisboa: apoio à luta do Terceiro Mundo

pressos. No entanto obtivemos 8%, substancialmente acima dos 5,6% em 1980.

São três as principais razões deste crescimento: a primeira prende-se ao facto de termos conseguido resistir à rotina do trabalho parlamentar. A segunda, porque conseguimos estender a largos sectores da opinião pública o conhecimento dos nossos objectivos programáticos, demonstrando a interligação existente entre o militarismo, a agressão imperialista, a corrida armamentista, a destruição da natureza e a repressão. A presença de marxistas não-dogmáticos no seio do partido tem sido extremamente importante no trabalho de constituição de uma ampla base social de apoio. Finalmente, o crescimento do partido resulta da crise crescente com que se debatem as sociedades altamente industrializadas do ocidente, e da falência dos modelos tradicionais da democracia representativa formal, os quais se têm demonstrado impotentes para a combater.

Não quero deixar de referir que a Alemanha Federal não tem conhecido a acção de um partido de esquerda, conseqüente e influente, desde que o antigo partido comunista, KPD, foi declarado ilegal. Na actualidade, o novo partido comunista, DKP, tem pouca influência devido ao seu estreito alinhamento com as posições do Partido Comunista da União Soviética.

#### NATO, Pacto de Varsóvia e Não-Alinhados

*Entre outros motivos os Verdes destacaram-se pela luta que travaram contra a instalação dos mísseis norte-americanos em território alemão federal. O pacifismo militante que vos caracteriza tem sido apontado como um apoio objectivo ao Pacto de Varsóvia. Fazem alguma distinção, em termos qualitativos, entre os dois grandes pactos militares?*

*Que papel atribuem ao Movimento dos Não-Alinhados no quadro do diferendo Leste-Oeste?*

— Não penso que seja correcto avaliarmos os dois blocos do mesmo modo, embora ambos contribuam para a escalada da corrida armamentista. Porém, as respectivas estruturas parecem ter fundamentos diferentes. A NATO é caracterizada por uma natureza substancialmente mais agressiva que o Pacto de Varsóvia.

Em relação aos problemas de segurança militar, a defesa da constituição de blocos chegou ao fim. Não tem mais lugar na história do nosso tempo. Vejo o Movimento dos Não-Alinhados como um factor importante na superação da política de blocos, apesar dos conflitos Leste-Oeste e Norte-Sul se terem instalados no seu interior. No entanto, não se verificam com tanta intensidade como no exterior do Movimento. Enquanto nenhuma potência dominante se estabelecer como força dirigente os Não-Alinhados serão o óptimo instrumento para a ultrapassagem do sistema de blocos. Creio ainda que, no referente à superação do conflito Norte-Sul, o Movimento tem um importante papel a cumprir, desde que contribua para a criação de modelos de desenvolvimento alternativos aos preconizados pelos centros industrializados, os quais se regem exclusivamente pela lógica do capitalismo.

*Por ocasião das eleições para o Bundestag e para o Parlamento Europeu, os Verdes dedicaram nos seus programas um largo espaço às relações Norte-Sul. Quais as linhas mestras da política de cooperação que defendem para o Terceiro Mundo?*

— Para os Verdes, a cooperação entre os centros industrializados e os países do Sul não pode continuar a significar a integração destes últimos na eco-

nomia mundial apenas na perspectiva da continuação da exploração capitalista de que, historicamente, têm sido vítimas.

Para nós o importante é avançarmos de modo gradual mas seguro para a implementação de uma Nova Ordem Económica Internacional.

Apoiamos todos os projectos promovidos pelos países do Terceiro Mundo que assentem na mobilização de recursos próprios para o desenvolvimento interno e não, como tem acontecido para benefício exclusivo dos países industrializados e suas corporações transnacionais. Por isso defendemos que as políticas regulamentadoras dos empréstimos para o "desenvolvimento" do Terceiro Mundo, praticada pelo Fundo Monetário Internacional e Banco Mundial devem ser denunciadas e combatidas.

#### Exportação de armas e saque de recursos

*Contudo, o seu país não só tem interesses nas instituições que acabou de mencionar, como ainda é um dos principais beneficiários do actual sistema económico que enquadra as relações Norte-Sul. Estará a maioria dos seus compatriotas sensibilizada para compreender e aceitar o custo social que representaria uma nova ordem económica?*

— O "auxílio para o desenvolvimento" implementado pelo governo e por todos os outros partidos da RFA, incluindo o Social Democrata, só pode ser entendido enquanto a promoção dos interesses de investimento do capital alemão federal nos países do Sul. Somos particularmente críticos ao incremento da exportação de armamentos para os países do Terceiro Mundo que inclui o fornecimento de tecnologias para fins militares e mesmo para a produção de armamento nuclear.

A posição dos Verdes é clara e inequívoca: opomo-nos a toda



Os ecologistas advogam a redução da gigantesca dívida externa que aflige os países pobres

políticas que visem o aumento dos lucros das companhias alemãs federais mediante a exploração desenfreada dos recursos naturais e humanos dos países do Terceiro Mundo. A dependência dos países do Sul em relação aos centros industrializados do Norte deve-se precisamente à manutenção deste género de "cooperação". Entretanto, os recursos biológicos naturais, e o meio-ambiente desses países, defrontam-se com problemas de degradação crescente provocada pelo saque e irracionalidade na gestão dos recursos, como o provam a progressão de terras desertificadas e o alastramento da fome em África e noutras áreas do globo.

No referente à situação financeira internacional, os Verdes advogam a redução substancial da gigantesca dívida externa que aflige os países do Terceiro Mundo, mediante a redução do serviço da dívida para um nível tolerável, enquadrada por uma política económica que privilegie a produção em função das necessidades do mercado interno. No plano político, defendemos o fortalecimento das posições internacionais dos movimentos de libertação e dos governos progressistas que pugnam pela justiça social e apostam em estratégias de desenvolvimento económico e social independente.

*Mas quanto às implicações que essas propostas, a serem concretizadas, teriam, por exemplo, no modo de vida dos seus compatriotas...?*

— Acreditamos que a criação de uma Nova Ordem Económica Internacional será acompanhada de uma mudança radical nos nossos modelos de produção e padrões de consumo. Teremos, por exemplo, de reduzir a importação de produtos agrícolas provenientes do Terceiro Mundo e que tradicionalmente utilizamos na alimentação de gado. Os nossos níveis de consumo de carne *per capita* estão na razão inversa da fome nos países do Terceiro Mundo, afectados internamente pela necessidade crescente da exportação de produtos agrícolas e matérias-primas, com vistas a regular os défices, sempre maiores das respectivas balanças de pagamentos.

Mesmo os que fecham os olhos aos profundos desequilíbrios existentes entre o Norte e o Sul, serão forçados a compreender a necessidade da mudança. Tudo depende do modo como soubermos orientar a nossa luta comum.

#### **Apoio à revolução centro-americana**

*Os Verdes têm apoiado activamente as transformações de*



A luta dos Verdes contra a instalação dos mísseis na Europa

*mocráticas e as lutas de libertação em curso na América Latina, especialmente na Nicarágua e El Salvador. De que forma se manifesta a vossa solidariedade?*

— A mal disfarçada intervenção militar que os EUA têm vindo a dirigir contra a Nicarágua é elucidativa quanto às intenções da administração Reagan em relação à evolução política dos países do Centro e Sul do continente americano. O governo dos EUA não respeitará o direito dos povos latino-americanos à autodeterminação se isso for contra os seus interesses imperialistas.

A política seguida pelos sucessivos governos da RFA em relação à América Latina tem si-

do, não a que é própria de um aliado fiel dos interesses norteamericanos, mas sim, a de um vassalo, caso a compararmos com as posições da França, Holanda ou Dinamarca.

Daí a necessidade que sentimos em formular políticas independentes que sirvam os interesses reais do nosso povo e que não coincidam com os interesses do capital alemão-federal. Por isso, defendemos no parlamento o apoio ao processo revolucionário em curso na América Central, através de auxílio económico e tecnológico que a RFA poderá canalizar na forma de créditos.

É óbvio que não conseguimos influenciar directamente a actual maioria no governo. Porém, apelamos para o apoio ao governo sandinista e para o fim do auxílio prestado ao governo de El Salvador. Estas questões são discutidas nos órgãos de comunicação social do nosso país, contam com a nossa participação activa, e assim contrabalançamos a propaganda de guerra proveniente do outro lado. Desta maneira, tentamos dar a conhecer à maioria do nosso povo a realidade que se vive na América Central. Isto é tanto mais importante, se considerarmos que o governo da RFA necessita de legitimar as opções políticas que vai adoptando, no quadro de um sistema relativamente democrático como é o nosso.

Penso que a melhor forma de mobilização da opinião pública do meu país contra a política imperialista seguida pelos EUA e contra o apoio e a cumplicidade do nosso governo, tem de ser feita a partir de uma forte e sistemática campanha de informação, organizando e apoiando a presença de europeus em missões de trabalho solidário nesses países, e continuando a recolha de fundos para a realização de certos projectos como, por exemplo, temos vindo a fazer em relação à Nicarágua e às forças democráticas de libertação em El Salvador.



Cidadãos alemães federais confortam um ferido de guerra nicaraguense, hospitalizado na RFA

### Contra o "apartheid"

*A RFA é um dos países europeus com mais interesses económicos na África do Sul e Namíbia. Empresas alemãs federais como a "KRUPP", a "AEG Telefunken", a "Thyssen" ou a "Mannesmann", actuam nesses países e controlam sectores chaves da actividade económica. Recentemente, o primeiro-ministro do regime do "apartheid", Pieter Botha, efectuou uma visita oficial ao seu país. Os Verdes têm desenvolvido acções tendentes a alterar a política que o governo segue em relação ao regime do "apartheid"?*

— Todos sabemos que os governos do meu país têm desrespeitado as resoluções das Nações Unidas referentes à África do Sul. As companhias que mencionou não são as únicas a estarem mais preocupadas com os próprios lucros que com problemas ligados à democracia ou aos direitos humanos.

A Volkswagen, que conta com uma importante participação do Estado, está envolvida. A Daimler Benz, fornecedora do exército sul-africano, viola abertamente o embargo decretado pelas Nações Unidas. Durante a viagem que efectuei, no verão passado, aos países da Linha da

Frente e à África do Sul, vi com os meus próprios olhos, como os camiões "Unimog" da Daimler Benz servem para reprimir o povo sul-africano.

Os Verdes apoiam a iniciativa proposta no âmbito das Nações Unidas que solicita o parecer do Tribunal Internacional de Haia em relação à deslocação forçada de populações e à desnacionalização da população africana na África do Sul. Apoiamos todos os esforços tendentes ao isolamento total do regime racista de Pretória no seio da comunidade internacional. Condenamos os convites feitos pelo nosso governo a dirigentes do regime racista, que vieram a Bona em 1983 e 1984, por considerarmos que isso se integra numa estratégia mais ampla, que visa recuperar a imagem do regime no plano diplomático.

Tentamos prestar o melhor apoio que podemos aos movimentos de libertação da Namíbia e da África do Sul. No decurso da minha visita à África do Sul tive oportunidade de conversar com a Winnie Mandela, mulher dirigente do ANC, Nelson Mandela, que cumpre uma pena de prisão perpétua. A entrevista foi total ou parcialmente publicada por diversos jornais da Alemanha Federal. Eis um exemplo do modo como tentamos influen-

## Economia

# O monopólio mundial do comércio de arroz

Três transnacionais norte-americanas e seis firmas da Tailândia controlam o comércio de um produto básico para metade da população mundial

Mario de Cautin



85% das exportações norte-americanas de arroz destinam-se a países do Terceiro Mundo

O comércio mundial de arroz, um produto básico para cerca de dois mil milhões de seres humanos, na sua maioria do Terceiro Mundo, é um dos alicerces do próspero negócio concentrado nas mãos de três corporações norte-americanas e de um consórcio conhecido como "os seis tigres" da Tailândia.

Mais de cinco mil milhões de dólares são facturados anualmente no comércio mundial de arroz, correspondendo a aproximadamente 4% da produção mundial de cereais. A China é o maior produtor mundial de arroz (150 milhões de toneladas em

1982), mas os Estados Unidos são o principal exportador, com cerca de 27% do mercado mundial. Oitenta e cinco por cento das exportações norte-americanas de arroz destinam-se a países do Terceiro Mundo.

No outro extremo da cadeia comercial estão a Indonésia e a Coreia do Sul, os maiores importadores. A Tailândia é o segundo maior vendedor de arroz do mercado mundial, operando principalmente através dos "seis tigres". Estes "felinos" tailandeses não chegam no entanto a ameaçar a sólida hegemonia exercida pelas três megaempresas norte-

terceiro mundo - 93

ar a opinião pública no sentido de alteração da política seguida pelo governo em relação à África Austral e da sua substituição por outra que contribua para a libertação e independência dos povos da Namíbia e da África do Sul.

direitos do povo palestino

Diz-se que uma das razões pelas quais todos os partidos do seu país, à excepção do comunista, não apoiado discretamente o Estado de Israel, se deve ao "síndrome judaico"; isto é, a um complexo de culpa pelo homicídio de que foi vítima o povo hebreu às mãos do nazismo. Esta afirmação tem fundamento? Qual a posição dos Verdes face ao problema palestino?

— É verdade. A Alemanha Federal mantém uma relação muito especial com o Estado de Israel que deve ser interpretada à luz do genocídio que vitimou uma grande parte da população judaica na Europa, durante o regime nazifascista.

No entanto, penso que essas relações não seriam por certo tão especiais caso Israel se tivesse tornado num Estado socialista. Os Verdes defendem o direito inalienável do povo palestino à sua pátria e condenam a continuação de medidas que têm por objectivo a sua expulsão de territórios que ainda ocupam, como é o caso dos novos colonatos judaicos.

Defendemos a coexistência pacífica de judeus e palestinos, sempre possível, no quadro de um Estado comum. Condenamos a política expansionista do Estado de Israel, a ocupação do Líbano e a pressão que exerce sobre libaneses e palestinos nos campos de refugiados.

Nas últimas eleições para o Knesset (parlamento de Israel), votamos o nosso apoio solidário aos partidos onde se integram judeus e palestinos, que defendem a paz e o reconhecimento dos direitos do povo palestino. ●

americanas do sector alimentício: a *Cargill Incorporated*, a *Continental Grain Company* e a *Connel Rice and Sugar*.

Segundo os sociólogos norte-americanos Frederick Clairmonte e John Cavanagh, a extrema concentração de empresas no mercado mundial de arroz deve-se a três factores. Primeiro, por causa da chamada "lei pública 480", através da qual os EUA concederam créditos subsidiados aos países do Terceiro Mundo que comprem excedentes agrícolas norte-americanos. Segundo, o facto destas vendas terem sido realizadas em grande número no mercado livre, o que favoreceu a acção dos conglomerados. E por fim, a acção dos grupos de pressão ou *lobbies* dos grandes plantadores de arroz do sul dos Estados Unidos sobre o Congresso e sobre o Departamento de Agricultura dos EUA.



A *Cargill* teve importante papel na eleição do ex-presidente Nixon

### Os monopólios

As facilidades fornecidas aos exportadores norte-americanos fizeram com que no final da década de 70, o número de firmas dos EUA ligadas ao comércio internacional de cereais esti-

vesse reduzido a sete empresas, cujos negócios eram amparados pela controversa lei 480. A *Cargill* e a *Continental* são as maiores entre as grandes, seguidas de perto pela *Connel Rice and Sugar*. Na luta pelo controlo do mercado, as transnacionais norte-americanas travaram entre si uma verdadeira guerra, nem sempre limpa e honesta. Em 1982, a *Pacific International Rice Mills* (PIRMI) acusou a *Connel* em tribunal por difamação e uso de métodos desonestos para afastá-la do mercado da Coreia do Sul, para onde a última exporta 70% do arroz vendido pelos Estados Unidos a esse país. Entre os métodos usados pela *Connel*, a PIRMI denunciou o suborno de funcionários do governo coreano.

Para os sociólogos norte-americanos Roger Burbach e Patricia Flynn, o tráfico de influências é um hábito normalmente usado por todas as grandes corporações dos EUA para conquistar novos mercados e derrotar concorrentes. O poderio da *Cargill*, formada pelas famílias *Cargill* e *Macmillan*, de Minneapolis, está baseado em grande parte nos contactos políticos e financeiros que a corporação acumulou ao longo de mais de um século de existência.

A *Cargill* é considerada como um dos maiores impérios comerciais do mundo. Ao mesmo tempo que compra e vende cereais a nível mundial, a empresa opera refinarias de açúcar, sementes oleaginosas e fábricas de rações no Brasil, México, Argentina e Honduras. Tem também aviários em El Salvador, Guatemala e Barbados; fábricas de detergentes e conservas no Peru, além de uma fábrica de farinha em Porto Rico.

Ela foi fundada em meados do século passado por um comerciante que emigrou da Escócia, e que enriqueceu nos Estados Unidos graças ao tráfico de escravos negros. A *Cargill* cres-

ceu rapidamente desde a sua criação e só enfrentou dificuldades no começo do século XX quando escapou da falência, através de uma associação com os interesses económicos da família *Macmillan*. O império *Cargill-Macmillan* conseguiu, graças ao apoio estatal e à habilidade dos seus executivos, sobreviver à crise dos anos trinta, e aumentar largamente os seus lucros durante a II Guerra Mundial. Com o apoio do *Chase Manhattan Bank*, da família *Rockefeller*, a empresa registou no final da década de 70 um facturamento global da ordem de 12,6 mil milhões de dólares.

A *Cargill* é a principal exportadora de trigo, cevada, milho e outros cereais na Argentina. Nas Filipinas, com o apoio do presidente Ferdinand Marcos, domina as exportações de copra e açúcar. No Japão, está associada à *Toyo Futo* para controlar o mercado de frangos e de gado para abate. Tem fábricas de processamento de soja na Espanha, Holanda e França; uma cadeia de fábricas de rações na Bélgica, Alemanha Federal e França. Nos Estados Unidos, a *Cargill* tem uma forte influência política, nomeadamente junto do Partido Democrata.

Em 1980, o então vice-presidente Walter Mondale teve um papel decisivo nas negociações que levaram o governo norte-americano a comprar à *Cargill* os cereais que a empresa deixou de vender à União Soviética em consequência do embargo adoptado pelo presidente Jimmy Carter ao bloco socialista. Mas a empresa teve os seus tempos áureos no mandato de Richard Nixon, que apesar de republicano, foi o presidente que mais vínculos teve com o conglomerado. Foi a *Cargill-Macmillan* que organizou em 1964, a célebre conferência de imprensa que serviu como ponto de partida para a campanha que levou Nixon à Casa Branca em 1968.



### NAMÍBIA: EUA COMPRAM URÂNIO

As importações norte-americanas de urânio extraído da Namíbia e África do Sul quadruplicaram de volume desde 1981, apesar dos protestos de grupos anti-racistas nos EUA contra o comércio com o regime do *apartheid*. Segundo dados mencionados pelo jornal *Windhoek Advertiser*, da Namíbia, o governo norte-americano importou em 1983 cerca de 926 toneladas métricas de urânio sul-africano e namibiano para uso de instalações nucleares nos Estados Unidos. Em 1981, as importações totalizaram 206 toneladas métricas, enquanto em 1980 o volume foi de 34 toneladas métricas.

O urânio extraído da Namíbia e África do Sul constitui hoje quase metade de todas as importações norte-americanas desse mineral estratégico. O mesmo jornal afirma, citando dados do *Clear Control Institute* (uma organização independente com sede em Washington), que mais de 70% do urânio importado pelos EUA da Namíbia e África do Sul é posteriormente reexportado para outros países, após sofrer um processo de enriquecimento em centrais nucleares norte-americanas.

### ÍNDIA: SALÁRIOS IGUAIS PARA HOMENS E MULHERES

Medidas administrativas no sentido de implementar salários iguais para homens e mulheres que desempenham as mesmas funções, serão brevemente tomadas na Índia. Esta medida que recentemente anunciada pelo presidente da Índia, V. V. Giri, durante a cerimônia inaugural de um Seminário Nacional sobre "A Atividade da Mulher no Desenvolvimento do País", visa contribuir para o

desenvolvimento da mulher facilitando-lhe o acesso a qualquer tipo de profissão, como forma de promoção social.

### AÇÚCAR: CRESCE O PESSIMISMO DOS PRODUTORES



Estimativas feitas pelos produtores de açúcar da América Latina e Caraíbas antecipam que o sector continuará a enfrentar grandes dificuldades até Maio com o agravamento da queda dos preços e a manutenção de *stocks* muito elevados no mercado internacional. Um estudo do GEPLACEA (Grupo de Países Latino-Americanos e Caraibianos Exportadores de Açúcar) afirma que o preço da libra-peso pode cair para menos de três centimos de dólar, depois de ter atingido quase 30 centimos em 1980. Os prognósticos são especialmente pessimistas para os primeiros três meses, podendo haver alguma melhoria nos preços a partir de Maio, quando começará o cultivo da próxima safra de beterraba na Europa.

Existe a previsão de que os países da Comunidade Económica Europeia (CEE) reduzam sensivelmente a área plantada de beterraba vegetal a partir do qual os europeus produzam açúcar e adoçantes. Espera-se também que os EUA reduzam as medidas proteccionistas contra a importação de açúcar do Terceiro Mundo. Outro factor que pode reduzir a tendência de baixa nos preços é o aumento da pro-

dução de álcool de cana em vários países que, até agora, exportavam exclusivamente açúcar. Mas, de qualquer maneira, mesmo que os indícios e expectativas optimistas se concretizem, será pouco provável uma redução acentuada dos *stocks* mundiais de 34,5 milhões de toneladas (cerca de 40% do consumo mundial), responsáveis pela queda das cotações.

### PACTO ANDINO: EM BUSCA DE CAPITALIS

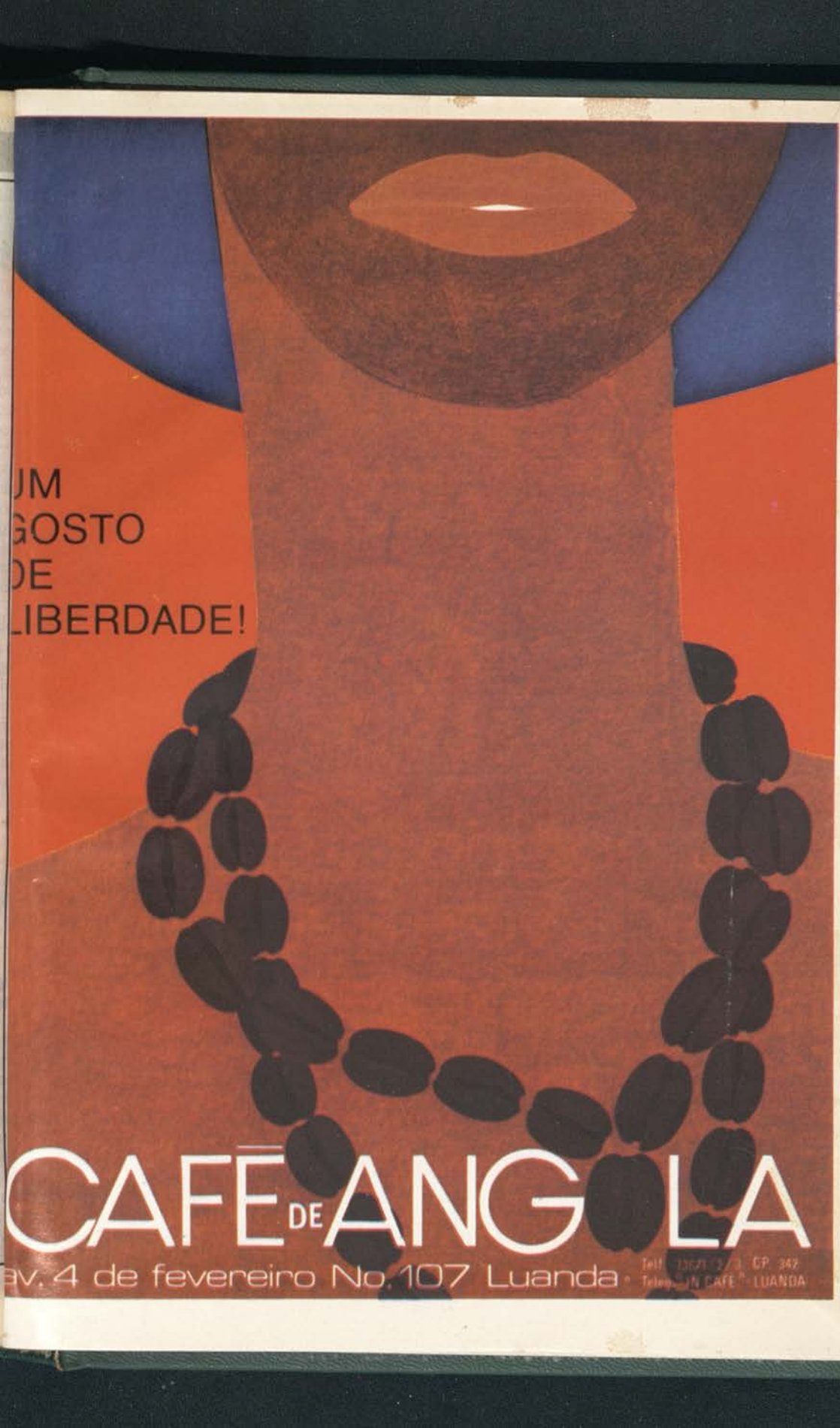
Os cinco países do Acordo de Cartagena, também conhecidos como os membros do Pacto Andino, aprovaram no início de 1985 um pacote de 60 projectos elaborados com a assessoria da Organização das Nações Unidas para o Desenvolvimento Industrial (ONUDI) onde prevêm que o capital estrangeiro terá uma série de limitações, não podendo ser maioritário em nenhum dos empreendimentos.

Estas restrições têm sido usadas pelas empresas transnacionais e por governos industrializados para boicotar os planos do Pacto Andino. A polémica tornou-se mais crucial depois que o Equador, um dos signatários do Acordo de Cartagena, firmou com a corporação norte-americana OPIC um acordo que viola o tratado assinado também pela Colômbia, Peru, Bolívia e Venezuela. A polémica centra-se em torno da chamada cláusula 24 que limita a penetração do capital estrangeiro na região, sem no entanto eliminá-lo. De acordo com levantamentos feitos pela secretaria do Pacto Andino, nos últimos quatro anos o investimento estrangeiro nos cinco países manteve-se em torno dos 8%, uma cifra tolerada pela cláusula 24 e considerada satisfatória pelo organismo.



COMER  
OU  
NÃO  
COMER...



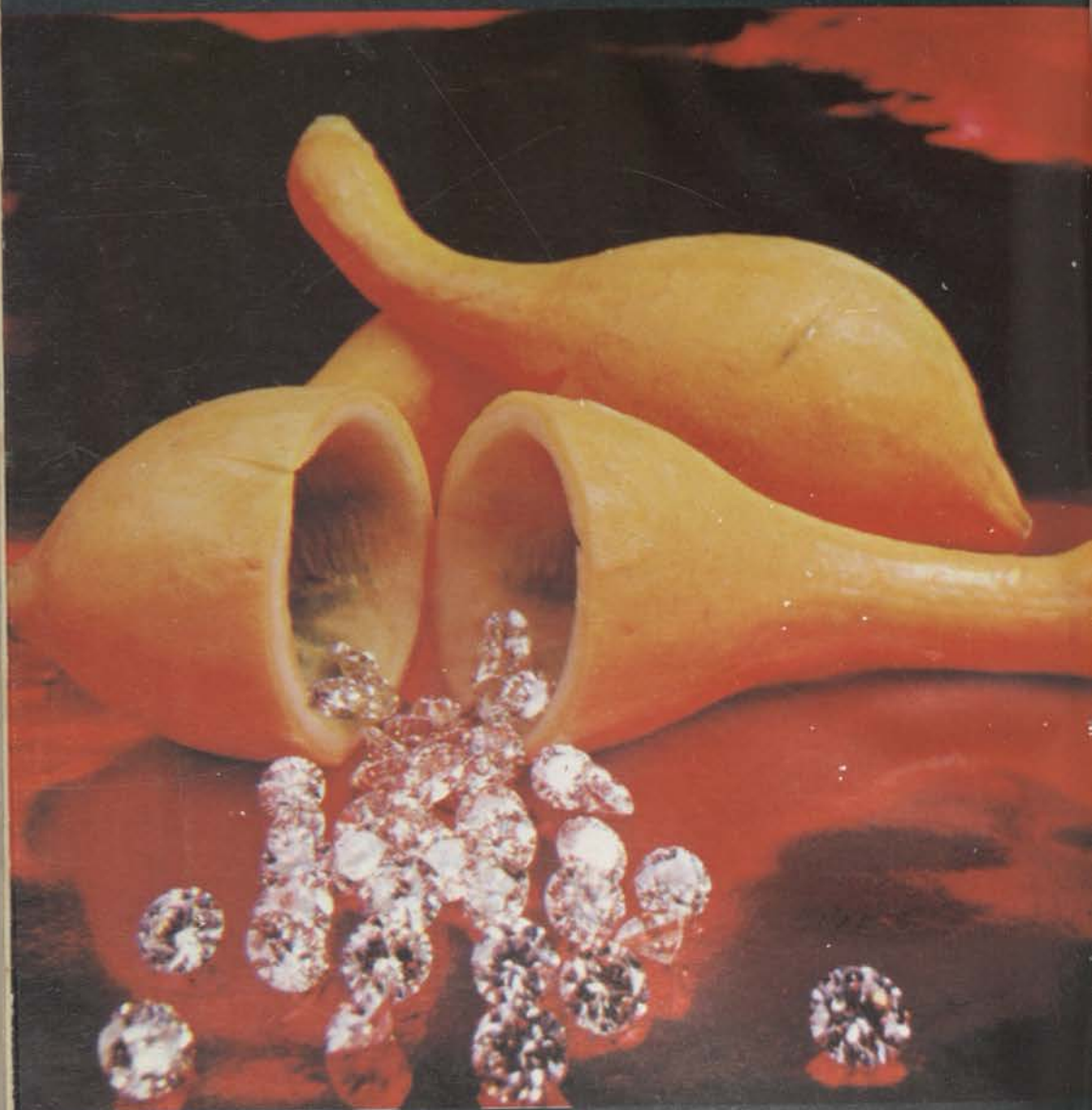


UM  
GOSTO  
DE  
LIBERDADE!

# CAFÉ DE ANGOLA

Av. 4 de fevereiro No. 107 Luanda • Tel. 13621 2/3 CP. 342  
Telex: IN CAFÉ - LUANDA

Não existe nada mais precioso para um povo do que a sua liberdade.



**Diamantes de Angola**  
Ao Serviço da Reconstrução Nacional